

Centro Universitário FMABC

Curso de Graduação

Elizabeth Miura Miyasaka

# Se Liga na Saúde da Galera

Um Levantamento Sobre a Adolescência na Favela de Santo André

Santo André

2024

Elizabeth Miura Miyasaka

# Se Liga na Saúde da Galera

Um Levantamento Sobre a Adolescência na Favela de Santo André

Orientadora: Professor Doutora Silmara Conchão

Co-orientador: Professor Doutor Eduardo Magalhães Rodrigues

Santo André

2024

## Sumário

1. Resumo e palavras-chave.....	4
2. Introdução.....	5
3. Fundamentação Teórica.....	6
4. Metodologia.....	10
5. Aspectos Éticos.....	12
6. Resultados e Discussão dos Resultados.....	13
6.1 O Trabalho na Vida destes Adolescentes.....	15
6.2 O Acesso às Tecnologias.....	17
6.3 A Escola na Perspectiva deste Público.....	19
6.4 A Escola Durante a Pandemia.....	22
6.5 E Como Vai a Saúde Mental dessa Galera?.....	25
6.6 Como a Galera se Diverte.....	31
6.7 A Capacidade Adolescente de Sonhar.....	33
6.8 Relações no Núcleo Familiar.....	36
6.9 Álcool, Fumo e Outras Drogas.....	41
6.10 A Gravidez nesta Fase.....	45
6.11 Acesso à Saúde do Adolescente na Favela.....	48
7. Conclusão.....	53
8. Referências.....	55
9. Anexos.....	58
9.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	58
9.2 Transcrição Grupo Focal #1.....	59
9.3 Transcrição Grupo Focal #2.....	114
9.4 Transcrição Entrevista #1.....	153

## 1. Resumo e palavras-chave

A presente pesquisa buscou identificar aspectos relacionados ao bem-estar, sob o viés dos Determinantes Sociais da Saúde (DSSs), de adolescentes da favela no período de pandemia e pós-pandemia. Consideramos como amostra adolescentes de 10 a 20 anos. Nosso tema central foi o que eles e elas nos contam sobre o contexto social ao qual estão inseridos. A ideia foi desconstruir aspectos individualizados e revelar os fatores sociais que influenciam as atitudes e as opiniões sobre as formas de ser, de pensar e de viver em sociedade. Como metodologia, utilizamos a técnica de entrevista mista<sup>1</sup> (estruturada e não-estruturada). Salientamos a importância de nosso público principal: adolescentes que na fase de maior modificação social, física e psicológica enfrentaram a pandemia vivendo em um ambiente de extrema pobreza. O que eles e elas têm a nos dizer sobre o durante e o pós desse evento? A fala desses(as) adolescentes constitui o objeto central de nosso interesse. Verificamos, através deste estudo, os novos desafios no pós-pandemia, bem como os velhos dilemas de um sistema pautado pela desigualdade de oportunidades, dramática concentração de renda e pobreza extrema. Foi com esta perspectiva que investigamos o bem-estar na fase da adolescência na favela, visando, por fim, produzir elementos (reflexões científicas e dados qualitativos) que possam contribuir para a implementação e a avaliação de um sistema de telessaúde piloto nas escolas públicas mais vulneráveis da cidade de Santo André.

**Palavras-chave:** Pandemia, favela, adolescentes, vulnerabilidades, Determinantes Sociais da Saúde

---

<sup>1</sup> Rubbin, 1995.

## 2. Introdução

A presente pesquisa buscou identificar aspectos relacionados ao bem-estar de adolescentes, neste período de pandemia/pós-pandemia, residentes de uma favela da cidade de Santo André, região do grande ABC Paulista. Consideramos como público adolescentes de 10 a 20 anos. Nosso tema central foi o que eles e elas nos contam sobre o contexto social ao qual estão inseridos, suas dificuldades, potencialidades, motivações, medos, sonhos, expectativas, alegrias, tristezas, valores, pontos de vista, princípios... A ideia foi desconstruir aspectos individualizados e revelar quais os fatores sociais que influenciam as atitudes e as opiniões sobre as formas de ser e de pensar sobre a sociedade. Longe de verificar pontos de vista especulativos, a ideia foi observar, na interação entre fatos e explicações, as diversas expressões na relação com o mundo que os cerca. Como metodologia, utilizamos a técnica de entrevista mista (estruturada+não-estruturada). Salientamos a importância de nosso público principal: adolescentes que na fase de maior modificação social, física e psicológica enfrentaram a pandemia vivendo em um ambiente de extrema pobreza. O que eles e elas têm a nos dizer sobre o durante e o pós desse evento? Essencial destacar que não estamos falando dos(as) adolescentes de uma outra camada da sociedade que, ao longo de toda essa fase, estiveram em seus quartos e que, mesmo em isolamento presencial, puderam interagir *online*. É importante notar que o quadro pessoal e sanitário perverso vivido pelos(as) adolescentes de nosso estudo foi intensificado pela já referida situação de extrema pobreza. Isto é, estamos nos referindo àqueles e àquelas que não têm e não tiveram condições mínimas de moradia, educação, alimentação etc. bem como de acesso à *internet*. Sendo assim, a fala desses(as) adolescentes nesta pesquisa qualitativa, constitui o objeto central de nosso interesse. O desafio foi conhecer e problematizar a rede de conhecimentos, as oportunidades, as instituições locais e as relações sociais que produz, normatiza e controla as formas e os lugares nos quais esses adolescentes convivem. Da mesma maneira, abordamos os modos que exercitam e regulam suas rotinas, relações afetivas, conflitos e confrontos. Verificamos, através deste estudo, os novos desafios no pós-pandemia, bem como os velhos dilemas de um sistema pautado pela desigualdade de oportunidades, dramática concentração de renda e pobreza extrema. Foi com esta perspectiva que investigamos o bem-estar na fase da adolescência na favela.

Enfim, de maneira sistemática, o objetivo central da pesquisa foi conhecer de que forma fluem e se estruturam os discursos que caracterizam as rotinas, experiências, expectativas, sentimentos, atitudes e valores dos(as) adolescentes. Ressaltamos que o escopo maior desta pesquisa de iniciação científica foi produzir referências, dados e conhecimentos qualitativos que efetivamente possam contribuir para a implementação e a avaliação de um sistema de telessaúde piloto nas escolas públicas mais vulneráveis da cidade de Santo André.

Para o alcance de tais metas, a pesquisa teve como objetivos específicos levantar as percepções dos(as) adolescentes da favela de Santo André em relação às instituições de seu cotidiano; revelar a origem ou os fatores principais que facilitam ou dificultam o acesso aos direitos sociais básicos e conhecer como o(a)s adolescentes de camadas populares vivenciaram a pandemia.

### **3. Fundamentação Teórica**

De acordo com León (2005, p. 10), o conceito de “adolescência” corresponde a uma “construção social, histórica, cultural e relacional, que através das diferentes épocas e processos históricos e sociais vieram adquirindo denotações e delimitações diferentes. Este conceito também inclui outras dimensões de caráter cultural, possíveis de evoluir de acordo com as mesmas transformações que experimentam as sociedades em relação a suas visões sobre este conjunto social.”

Levando em consideração as diferentes concepções que podem existir em torno da adolescência – clássica e contemporânea - podemos encontrar alguns traços frequentes, seja do ponto de vista biológico e fisiológico, ou do desenvolvimento físico. Durante a adolescência alcança-se a etapa final do crescimento, com o começo da capacidade de reprodução, podendo dizer-se que a adolescência se estende desde a puberdade até o desenvolvimento da maturidade reprodutiva completa. Não se completa a adolescência até que todas as estruturas e processos

necessários para a fertilidade, concepção, gestação e lactação tenham terminado de amadurecer<sup>2</sup>.

Na teoria sociológica, adolescência é o resultado de tensões e pressões que vêm do contexto social, fundamentalmente relacionado com o processo de socialização por que passa o sujeito e a aquisição de papéis sociais. A adolescência pode compreender-se primordialmente a partir de causas sociais externas ao sujeito, sendo resultado da interação entre fatores sociais e individuais.<sup>3</sup>

Segundo Pimenta (2006, p.140) adolescência e juventude não são sinônimas, “elas não têm a mesma relação com a idade adulta, portanto não são sinônimas. O que faz sentido é a oposição entre adolescente e adulto. O jovem não se opõe ao adulto, podendo conjugar o outro. Os modelos tradicionalmente utilizados em pesquisas em diversas áreas do conhecimento, partem do pressuposto de que a juventude constitui uma categoria que estaria situada, grosso modo, entre a adolescência e a idade adulta. No entanto, uma das principais dificuldades advindas desses modelos é justamente precisar os limites entre adolescentes, jovens e adultos<sup>4</sup>. Assim, são poucas as políticas públicas voltadas para adolescentes, deixando-os expostos a situações de vulnerabilidade, no plano pessoal, social e institucional.

Entendemos que a vulnerabilidade pode ser social, programática e individual. É a síntese conceitual e prática das dimensões sociais, político-institucionais e comportamentais associadas às diferentes suscetibilidades de indivíduos, grupos populacionais e até mesmo nações, a agravos e/ou adoecimentos<sup>5</sup>. A maior ou menor vulnerabilidade dos diferentes segmentos populacionais só pode ser compreendida se levarmos em conta um conjunto amplo de aspectos que poderíamos agrupar em três esferas: a individual (podem ser incluídos os aspectos cognitivos e comportamentais), a programática (relacionada com as políticas públicas de saúde e com a maneira como estão organizadas as instituições na comunidade), e a social (fatores coletivos, sociais).

---

<sup>2</sup> León, 2005.

<sup>3</sup> Deval, 1998, p. 550.

<sup>4</sup> Pimenta, 2006, p. 144.

<sup>5</sup> Ayres, 2006.

Os(as) adolescentes estão hoje mais vulneráveis à violência, evasão escolar, gravidez não planejada e infecções sexualmente transmissíveis, supondo que este fato é resultante de um conjunto de aspectos não apenas individuais, mas também coletivos, contextuais. As representações correntes sobre adolescência que carregam estereótipos como “fase problemática da vida”, “existência de uma personalidade específica”, cuja leitura principal é a noção de “crise”<sup>6</sup> podem acarretar numa desconsideração dos Determinantes Sociais da Saúde.

Os Determinantes Sociais da Saúde referem-se a várias camadas de influência sobre a saúde— não apenas ao nível pessoal, que incluem os fatores genéticos, comportamentais e de estilo de vida, mas também às condições sociais, econômicas, políticas e ambientais em que estão inseridas. Isso inclui fatores como acesso a serviços de saúde, educação, renda, emprego, moradia, segurança alimentar, condições de trabalho e meio ambiente<sup>7</sup>.

Na adolescência, especialmente em contexto de vulnerabilidade, os macrodeterminantes desempenham um papel fundamental na formação do bem-estar físico e mental dos adolescentes. Fatores como acesso a educação sexual abrangente, apoio familiar, condições de moradia adequadas, acesso a serviços de saúde mental e a influência do ambiente social e comunitário têm um impacto significativo em sua saúde. As desigualdades socioeconômicas, discriminação, violência e acesso desigual a recursos são alguns dos desafios que podem afetar negativamente a saúde dos adolescentes. Investir em políticas e programas que abordem esses determinantes sociais é crucial para garantir que os adolescentes tenham acesso a oportunidades que promovam um desenvolvimento saudável e resiliente.

Muitas vezes, é veiculado o discurso de que atualmente os(as) jovens e adolescentes são irresponsáveis, imediatistas, individualistas e incapazes de estabelecer planos para o futuro. Outras vezes, afirma-se de modo genérico que as pessoas dessa faixa etária estão às voltas com um turbilhão hormonal que as torna mais impulsivas, rebeldes e irresponsáveis. Todos esses discursos têm em comum

---

<sup>6</sup> Heilborn, 2006, p. 39.

<sup>7</sup> Buss & Filho, 2007.



o fato de individualizarem os problemas, isto é, atribuírem-nos a características e comportamentos individuais e mais grave do que isso, produzirem rótulos danosos<sup>8</sup>. Portanto, há necessidade de desvelar os principais fatores sociais que determinam as atitudes e os valores na adolescência contemporânea, especialmente em áreas de grande vulnerabilidade, como nas favelas.

Este ano, o IBGE voltou a usar o termo “favela” acompanhado do complemento “comunidades urbanas”, após uma sequência de estudos que chegou à conclusão que “favela” está “vinculado à reivindicação histórica por reconhecimento e identidade dos movimentos populares” e é ainda o conceito mais utilizado pelas lideranças comunitárias<sup>9</sup>. A nomenclatura “favela” apresenta um desafio de definição, pois não se limita apenas a características físicas, mas também engloba qualidades sociais das pessoas que habitam esses territórios urbanos. Diferentes definições ao longo do tempo e em dicionários variados refletem essa complexidade, destacando a autoconstrução das habitações, a falta de recursos higiênicos e a associação com a pobreza. Estudos antropológicos e sociais enfatizam a necessidade de uma abordagem mais ampla, considerando a vida associativa e cultural das comunidades faveladas, sendo uma instância afirmativa e de resistência<sup>10</sup>. O IBGE reforça que o termo deve ter uma conotação positiva, destacando a sociabilidade, identidade e formas de organização desses territórios<sup>9</sup>.

Foi justamente nas favelas que a pandemia da COVID-19 contou uma história diferente. De acordo com relatos obtidos na plataforma Periferias na Pandemia, entendemos que houve desigualdade de acesso à saúde, com casos de falta de atendimento no SUS, demora na distribuição de vacinas, dificuldade de acesso a testes, falta de acesso a informações de qualidade e representação negativa na mídia. O auxílio emergencial foi considerado importante, porém insuficiente para garantir o isolamento social, especialmente para trabalhadores informais e de baixa renda, que precisavam continuar trabalhando para sobreviver. As medidas do Estado não consideraram suas necessidades específicas, resultando em um impacto mais agudo da pandemia nessas regiões<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> NOP, 2001.

<sup>9</sup> Nery & Britto, 2024.

<sup>10</sup> Silva, 2013.

<sup>11</sup> Tomesani et. al., 2024.

#### 4. Metodologia

Este é um estudo qualitativo que busca compreender, com maior profundidade, as relações e os processos que não podem ser entendidos apenas por meio de variáveis quantitativas. É dessa forma que analisamos um grupo de adolescentes moradores(as) de uma ocupação na favela de Santo André, o já mencionado Morro da Kibon.

Nossa pesquisa qualitativa levantou material para dialogarmos com um universo denso, proporcionando várias oportunidades de reflexão e excluindo a visão de senso comum relacionada a essa fase. Visão esta que, como já foi dito, coloca no campo individual questões que já há alguns anos causam preocupações e têm sido tratadas como “problemas sociais”.

Posto isto, verificamos os níveis de bem-estar coletando dados a partir da técnica de entrevista mista, com 12 adolescentes ao todo. Houve seleção aleatória dos membros para, controlando alguns denominadores comuns, como sexo, idade, posição social e institucional dos respondentes, coletar dados representativos que possibilitou obter uma maior pluralidade de opiniões<sup>12</sup>.

Na aplicação das entrevistas, criamos uma estratégia inicial para envolver os(as) adolescentes no tema, perseguindo a possibilidade de conhecer suficientemente aquele cotidiano na perspectiva dessa fase. Foi importante deixá-los à vontade para falar e também com desejo de falar. As seguintes perguntas serviram como guia para as entrevistas:

- 1) Descreva sua rotina (desde acordar até dormir, todos os dias da semana).
- 2) A rotina era diferente antes da pandemia? Mudou alguma coisa durante a pandemia?
- 3) O que pensam em fazer no futuro?
- 4) O que te deixa feliz?
- 5) Tem algo que te faz triste? Já chorou muito? (na escola, rua, em casa) O que você faz quando se sente assim?
- 6) Já perdeu o sono alguma vez e não conseguiu dormir mais?

---

<sup>12</sup> CASTRO; ABAMOVAY; SILVA, 2004.

- 7) Você tem medo de algo? Tem alguma coisa que te deixa nervosa?
- 8) Qual tipo de contato você já teve com médico ou enfermeira? Dentista?
- 9) Qual tipo de contato você já teve com psicólogo ou psiquiatra?
- 10) Como é o acesso à internet, computador, tablet, celular em casa? E na escola?
- 11) Você conhece alguém que tenha (abaixo dos 18 anos, da escola ou bairro):

Ansiedade

Transtornos alimentares

Depressão

Auto lesões intencionais

Ideações suicidas

Tentativa(s) suicida(s)

Dependência de álcool

Dependência de fumo

Dependência de outras drogas

Gravidez

- 12) Você já experienciou ou conhece alguém que tenha experienciado (abaixo de 18 anos):

Bullying

Cyberbullying

Problemas familiares

Problemas financeiros

Problemas na comunidade

Violência doméstica

Violência sexual

Violência física

Fome

Os dados obtidos por entrevistas mistas foram transcritos literalmente e examinados para a análise qualitativa. As transcrições foram lidas várias vezes para facilitar a familiarização com os dados, procurando-se os significados e os padrões nos conceitos e temas emergentes. Os dados de todas as transcrições foram mapeados sob temas e conceitos, fornecendo um relato detalhado das visões e experiências dos(as) participantes. Ao mesmo tempo, temas relevantes e questões levantadas pelos(as) participantes também foram agrupados.

## **5. Aspectos Éticos**

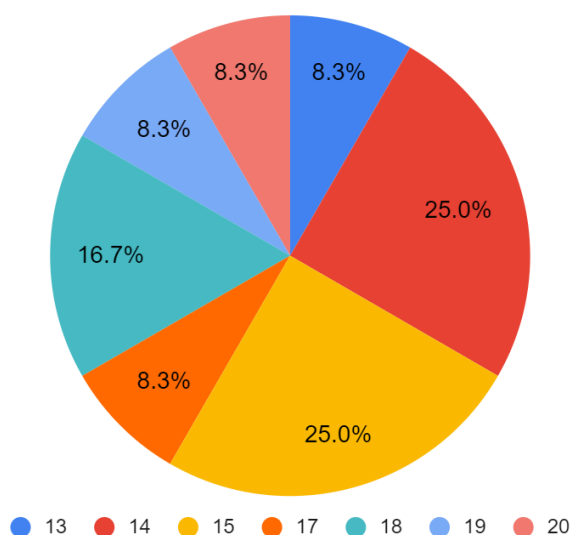
Quanto aos aspectos éticos, a investigação nesta área de atuação do Projeto Rondon da FMABC foi cadastrada no Comitê de Ética e Pesquisa de Santo André. Utilizamos o consentimento informado previamente à coleta de dados conforme anexo 1, assinado pelo participante maior de idade ou pelo responsável do menor quando foi o caso. Além disso, cuidamos de outros procedimentos de natureza ética, a saber:

- Garantir suporte assistencial e de orientação aos casos identificados de adolescentes em situação de risco no que diz respeito à saúde mental.
- Tratamos a pesquisa como um momento de educação e valorização dos direitos humanos, tanto do consentimento pós-informação, elaborado com os cuidados éticos e informativos, quanto por meio da entrega de materiais educativos que disseminem noções e informações sobre a saúde para estímulo e engajamento no tema (Caderneta do Adolescente do Ministério da Saúde).
- Cuidamos para que todas as entrevistas fossem realizadas em ambiente propício ao sigilo e privacidade dos(as) participantes que puderam interromper o diálogo a qualquer momento.
- Cuidamos para que o consentimento informado de adolescentes menores de 18 anos também seja assinado por seus responsáveis.
- Garantiremos, na finalização da investigação, que os resultados do estudo sejam disponibilizados à UFABC, FMABC, Secretaria de Saúde de Santo André, Consórcio Intermunicipal do Grande ABC (GT Saúde) e demais instâncias competentes para ampliar o conhecimento sobre os(as) adolescentes, bem como para o aprimoramento das políticas públicas.

## 6. Resultados e Discussão dos Resultados

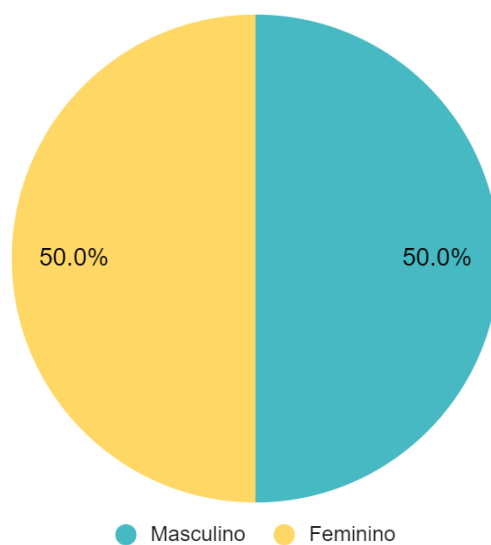
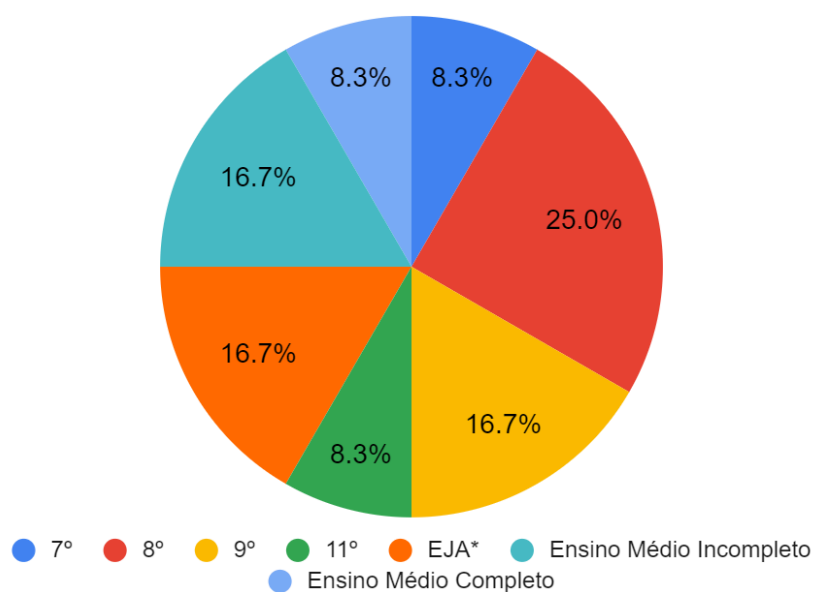
Os resultados obtidos a partir da fala dos adolescentes foram categorizados e discutidos nos seguintes temas: Trabalho, Tecnologias, Escola, Escola durante a pandemia, Saúde mental, Lazer, Sonhos, Relações Familiares, Álcool, Fumo e outras Drogas, Gravidez na adolescência e Acesso à saúde. Aos que desejarem ler os diálogos na íntegra, refiram-se aos anexos 2-4. Nomes dos participantes e das escolas foram alterados para preservação do anonimato. As falas foram identificadas com 'M' para falas do sexo masculino e 'F' para falas do sexo feminino. 'E' indica perguntas do entrevistador. Os Gráficos 1, 2 e 3 a seguir mostram um panorama geral da idade, sexo e escolaridade dos participantes da pesquisa.

Idade



**Gráfico 1-** Idade dos participantes

## Sexo

**Gráfico 2-** Sexo dos participantes

\*EJA: Educação de Jovens e Adultos

**Gráfico 3-** Escolaridade dos participantes

## 6.1 O Trabalho na Vida destes Adolescentes

*Você trabalha? Trabalha com o quê?*

M: “De vez em quando vou trabalhar. De vez em nunca. [...] Quando eles chamam. [...] Fazendo pipa.”

M: “Não, mas eu queria.”

F: “Eu estava trabalhando no salão mas saí porque era muito longe, era lá no centro. [...] Todo dia das 6h às 17h. Ia para a escola à noite mas como eu estava parando na escola, eu não ia pra escola. Só ia para o trabalho e ia para casa. Fiquei bastante [tempo parada]. Aí eu repeti. Era para mim ter acabado esse ano.”

M: “Eu já trabalhei no mercadinho. [...] Só de domingo. [...] Fazendo as contas.”

M: “No mercado. Todo dia, colocando os preços nas compras. [...] Acho que umas 4 horas [por dia].”

M: “Bar. Todo domingo. [...] Fazendo narguile, montando dose, bebida. [...] A noite inteira. Das 23h até às 3 ou 4h.”

F: “Tenho 20 anos. [...] Não terminei os estudos. [Parei no] 11º. Eu ainda não sei [se vou terminar] porque eu estou trabalhando. Eu parei para trabalhar então não tem muita capacidade de eu voltar ainda. Minha mãe é lavradora. Meu padrasto é pedreiro e eu sou lavradora também. Na Bahia significa trabalhar na roça. Você trabalha em roça, qualquer coisa que você achar você tá indo. Geralmente eu estava acordando às 13h porque eu trabalhava 15h, saía 04h. Agora eu estou trabalhando 06h até às 14h e depois no final de semana eu trabalho também. Só que aí eu já trabalho do meio-dia até 22h. Tem que ajudar a despesa em casa, então complica bastante. Quando chegou a pandemia, parou, aí nisso eu fiquei quase um ano e pouco sem trabalhar. Aí apertou muito. A sorte é que até meu marido nesse tempo ele trabalhava puxado. Ele foi demitido de tudo por causa que foi fechado. Aí ficamos em casa mais, mas economizamos mais. Aí acabou

atrapalhando tudo. Nós ia muito [atrás de emprego] mas por causa da pandemia eu não estava achando.”

F: “Eu já olhei um menino ali da frente de quinta-feira das 08h até 19h, só que como eu tenho escola não tinha como mais porque se eu faltasse prejudicava na escola.”

F: “Às vezes eu tenho que acordar cedo tipo 05-06h porque eu trabalho com internet. Eu tenho Instagram aí eu faço clipe... [É monetizado], graças a Deus. Hoje eu já consigo ajudar minha mãe em casa por conta da internet. [...] Demorei dois anos [para conseguir monetizar].”

Notamos pelos relatos dos adolescentes que o trabalho assume uma posição de prioridade significativa. Todas as falas, excluindo da de 20 anos, são de adolescentes entre 13-18 anos que ainda estudam. Os que não estão trabalhando agora, já trabalharam antes ou têm o desejo de trabalhar, estando dispostos a fazer o que estiver disponível, mesmo que isso implique em horários extensos, percursos longos ou períodos noturnos. Alguns demonstram dificuldades em conciliar o trabalho com os estudos, resultando em consequências como a não conclusão do ensino médio ou a repetição de anos escolares. Essa disposição está bastante atrelada à necessidade de ajudar com as despesas de casa, evidenciando um peso financeiro precoce sobre os ombros desses jovens. Vemos também que durante a pandemia houve dificuldade para conseguir emprego, deixando alguns jovens sem estudar e sem trabalhar.

O trabalho nestas condições pode acarretar em menos tempo e energia disponíveis para dedicar-se ao aprendizado, comparativamente aos seus pares que não trabalham. Além disso, mesmo que não trabalhem, o simples fardo que sentem de precisar ajudar a família nas despesas, por si só, pode ser prejudicial para o psique destes jovens que têm sua adolescência interrompida precocemente. Vemos, portanto, vários Determinantes Sociais da Saúde atuando sobre as escolhas destes adolescentes: a condição econômica ditando a viabilidade de educação, e condições sociais e políticas desfavorecendo uma mudança de situação, resultando em um ciclo vicioso de pobreza.



Não é à toa que temos leis como a do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que preconiza: Art. 60. É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade. Art. 67. Ao adolescente empregado, aprendiz, em regime familiar de trabalho, aluno de escola técnica, assistido em entidade governamental ou não-governamental, é vedado trabalho: I – noturno, realizado entre as vinte e duas horas de um dia e as cinco horas do dia seguinte; II – perigoso, insalubre ou penoso; III – realizado em locais prejudiciais à sua formação e ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social; IV – realizado em horários e locais que não permitam a frequência à escola.<sup>13</sup> Temos políticas públicas que de fato encorajem os adolescentes a buscarem mais por formação acadêmica do que por emprego?

## **6.2 O Acesso às Tecnologias**

*Você tem celular?*

M: “[Durante a pandemia, usava] da minha mãe, porque eu não tinha.”

M: “O meu quebrou. A minha madrasta jogou dentro do copo de café com raiva de mim.”

F: “Eu não consigo ficar sem celular, meu celular é meu filho, se ele some da minha vista em um segundo eu já fico louca.” F: “Nós somos duas.”

*Você tem computador/laptop/tablet?*

M: “Ninguém.”

M: “Laptop?”

F: “Agora não.” F: “Quem sabe mais pra frente.”

*Como é a internet em casa?*

---

<sup>13</sup> Criança Livre de Trabalho Infantil, 2018.

M: “[uso] o wi-fi.”

F: “Eu uso mais no 4G do que o wi-fi.”

*Na sua escola tem Internet?*

F: “Quando eu estudava tinha, para os alunos.”

F: “A minha tem mas é uma bosta.” F: “Muita gente usando, aí não faz nada.”

F: “Tem, mas é muito ruim lá a internet, o wi-fi. Ele tem quatro redes de internet lá porque a gente usa muito computador pra gente fazer prova. Eles têm que colocar a internet, né? Porque a gente tem que entrar no site para poder fazer a prova Paulista.”

F: “Sim, no celular dá só para usar o WhatsApp. O Instagram não dá porque só pode alguns, como o Google e o WhatsApp.”

*Na escola tem computador/tablet?*

F: “Tem computador, tem tablet, só para fazer prova, porque eles têm medo, porque os alunos de lá ano passado [...] roubava. Esses que roubava foi tudo expulso da escola.”

A análise destes dados revela um quadro de desigualdade no acesso à tecnologia entre os adolescentes. Embora a maioria relata possuir celulares, estes quebram com frequência e os jovens acabam precisando ficar sem ele por períodos prolongados ou com necessidade de compartilharem o aparelho com pais ou avós, visto que pode não ser fácil arcar com os custos do reparo. Não é comum ter computadores, notebook ou tablets em casa, inclusive nenhum dos entrevistados possuíam. Em suas escolas, relatam ter acesso a computadores e tablets, embora restrito, para fazer provas, por exemplo. O wifi também está presente, porém

precário. Assim, tanto em domicílio quanto em instituição educacional, vemos que estes adolescentes da favela sofrem algum grau de exclusão digital.

Contudo, a confirmação da presença de tecnologias e rede de internet nas escolas já é um bom início. Indica que um projeto de telessaúde nas escolas tem por onde começar. Com a pandemia, várias iniciativas nessa frente foram tomadas por parte do governo, como a entrega de 8.500 tablets pela Prefeitura de Santo André em 2021<sup>14</sup> ou a entrega de 500.000 chips com internet para alunos mais vulneráveis pelo Governo do Estado de São Paulo em 2020<sup>15</sup>. Inclusive, podemos concluir que a melhor forma de adotar um projeto de telessaúde de forma mais abrangente, especialmente na faixa etária dos adolescentes, seria através das instituições de ensino, visto a precariedade de acesso a tecnologias de qualidade nas casas das favelas. Para tanto, será necessário incrementar as tecnologias já disponíveis nas escolas e melhorar a rede de wifi para uma boa condução das sessões de telessaúde. Um outro ponto sobre o qual precisamos refletir é a cultura punitiva das instituições de ensino, visto que vários dos entrevistados relatam casos de expulsão das escolas, e portanto exclusão do acesso às tecnologias presente lá. Fica a questão: como podemos lidar melhor com os comportamentos indesejáveis sem que seja necessário expulsar, excluir?

### **6.3 A Escola na Perspectiva deste Público**

M: “Nois é tudo repetente.” *risos*

M: “Ele nem estuda.”

M: “É vagabundo.”

M: “Ele foi expulso da escola.”

M: “Ele ficava matando aula, queimando as cortinas.”

M: “Ficava quebrando as cadeiras...”

---

<sup>14</sup> Secretaria Municipal de Santo André, 2021.

<sup>15</sup> Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, 2021.

M: “Foi expulso no mês passado.”

M: “Não, esse daí foi o ano passado.” *risos*

M: “É, foi expulso o ano passado e esse ano.”

M: “Ele tacou a borracha na testa da professora.”

M: “E ficava sentado em cima da mesa e ela quebrou.”

M: “O ano passado eu fui expulso porque eu rasguei a cortina da escola. Aí eu fui expulso. Aí quando foi esse ano eu voltei para lá de novo.”

E: “No 8º também?”

M: “Sim, porque eu repeti. Teve umas brigas lá das meninas, aí botaram o meu nome no meio e eu fui expulso. Aí me deram advertência e a mulher falou que não era mais pra eu comparecer na escola, então eu fui expulso né. Aí meu pai vai me botar em outra escola.”

E: “Mas você não tinha brigado?”

M: “Não. Mas a briga foi por causa de mim. Ela botou apelido na menina e a outra que não gostava dela achou ruim e brigaram. Falaram que eu estava atentando muito, aí eu ia passando e o moleque tacou a borracha em mim. Eu fui tacar nele e a professora apareceu na frente, pegou na testa dela.”

*risos*

M: “Aí ela me pegou assim pela mão e rasgou meu braço.”

M: “E na orelha também, eu lembro.”

M: “Foi, pela orelha também. Eu mandei ela me soltar, ela não me soltou. Dei um tapa nela aí...”

*risos*

M: “Não [posso ir mais pra escola]. [Nesta escola] não. Só em outra. [Vou] mês que vem.”

F: “Lá [no Piauí] não é escola igual daqui [São Paulo], lá é escolas de cidadezinha. É para o aluno ir lá, estudar, às vezes eles nem passa provas, era só para reforçar mesmo.” F: “Que nem lá é tipo Bahia, aqui é mais pesado do que lá. Tem hora que você tá lá que quando você vem para cá, você já estudou, mas nem estudou lá. Lá é muito fácil, você passa rápido, já aqui é mais pesado.” F: “Igual quando eu tava lá no oitavo ano, eu fazia atividade do sexto ano, lá é assim.” F: “Tinha uma menina da sala, que ela faltou o ano inteiro, ela veio acho que umas duas vezes pra escola, ela passou, lá no Piauí.” F: “Porque lá é muito fácil, as coisas são mais fácil do que aqui. É diferente daqui pra lá, como se fosse interior, só que aqui é mais avançado do que lá.”

F: “É que nem eu falo, que o ensinamento daqui [São Paulo] é muito bom, muito bom mesmo. Quem estuda aqui tem que dar valor porque o estudo daqui é ótimo, porque a vida do Nordeste, o ensino, você não consegue evoluir. Você pode ver, quando você chegar lá, muita coisa que você sabe daqui, do estudo daqui, muita gente não sabe de lá.”

F: “Lá quando eu estudava, eu estudava de manhã, saía meio-dia, e sempre nós pegava das três às quatro para juntar a turma para ficar numa área estudando. Se eu não entendia uma coisa, eu perguntava quem entendia, e se ele que não entendia, eles passavam para mim. Aquilo sem o professor, nós fazia sempre com a turma e aproveitava e fazia o trabalho junto. Aí sempre quando o professor passava, já tava quase todo mundo ligado porque tava todo mundo junto.”

Um assunto preponderante que surgiu sobre a escola foi o de repetência e expulsão, sendo estas ocorrências bastante comuns entre eles. Os motivos dados foram majoritariamente por falta (geralmente por trabalho) e por comportamento indesejável (depredação ou roubos de objetos escolares, brigas entre alunos, agressão contra professora, uso ilícito de substâncias). Isso levanta uma discussão importante sobre o papel da escola como instituição que acolhe, educa, inclui, enfim, que forma e prepara a próxima geração da nossa sociedade. Há como achar caminhos para dialogar com o adolescente? Dar-lhe voz, oportunidades e ferramentas para melhorar ao invés de condená-lo moral e socialmente e apenas punir, expulsar? Depois de expulso, para onde esses adolescentes vão? Quais as suas opções? Podemos atribuir esse cenário à falta de verba destinada ao ensino

público, que acarreta em infraestrutura escolar pouco convidativas, ensino pouco atrativo, professores mal pagos e portanto sobrecarregados ou sem preparo adequado. Precisamos de escolas que criam vínculos com seus alunos, fazem a inclusão dos mais vulneráveis, investem mais nos seus professores e jovens.

Encontramos também um discurso de valorização do ensino do Sudeste em detrimento da do Nordeste. Várias relataram suas experiências em ambas as regiões e, mesmo com todas as dificuldades no Estado de São Paulo, acreditam que aqui seja melhor. Na realidade, observamos que o Nordeste tem se destacado na área de ensino, concentrando o maior número de notas 1.000 no ENEM, por exemplo<sup>16</sup>. Fica o questionamento se essa percepção é real ou proveniente de um imaginário social que subestima algumas regiões do país. Esse imaginário pode refletir na sua própria auto imagem também, se rebaixando, não acreditando em si mesmo, por serem migrantes de regiões que minimizam.

Ressalto também o último relato deste tema, em que a aluna demonstra empenho nos estudos, formando grupos fora do horário de aula para ajudar um ao outro. Nos demonstra sua vontade e determinação em buscar conhecimento, apesar das adversidades enfrentadas.

#### **6.4 A Escola Durante a Pandemia**

*Como foi a escola para vocês durante a pandemia?*

M: “A escola mudou, que era uma semana cada sala né parça. Quando a pandemia acabou, aí voltou as aulas. Cada sala era separado em dois grupos. Uma semana ia um grupo, na outra ia outro. Acho que [por] uns dois meses. [Durante a pandemia as aulas eram] online em casa. Mas pouca gente fez. Eu também quase não fiz porque era ruim de fazer.” M: “Eu nem participava.” M: “Nem eu.”

M: “Não dava para fazer aula direito. O aplicativo lá travava demais. Aí eu parei de estudar também, na pandemia.”

M: “[Fazia pelo celular] da minha mãe, porque eu não tinha.”

---

<sup>16</sup> Tancredi, 2024.

M: “A escola parou um tempo. 1 mês eu acho parou, aí depois começou esse negócio de aula online aí.”

M: “Eu repeti na pandemia porque eu não fui para escola 1 ano. Aí voltou em outubro. Aí eu não fui para a escola e repeti.”

M: “Nunca repeti.”

E: “Você fez direitinho a aula na pandemia?”

M: “Eu era muito nerd.”

E: “Como que foi então para você que você fez as aulas?”

M: “Muito ruim.”

M: “Você fez aula online?”

M: “Lógico. Foi por isso que não repeti.”

E: “Mas você assistia todo dia as aulas e fazia direitinho? Lição de casa tinha?”

M: “Sim.”

E: “Você achou diferente online do presencial?”

M: “Claro. Muito ruim online.”

E: “O que é ruim?”

M: “O povo fica mandando áudio lá. 500 áudios lá no celular e o celular...”

E: “O que é diferente?”

M: “Não era chamada de vídeo não?”

M: “As vezes só. As vezes era mensagem.”

M: “As vezes passava na TV a aula.”

M: “Na televisão?”

M: “No canal lá, TV Escola. Tinha que assistir e responder as questões.”

E: “Dava para aprender?”

M: “Não.”

M: “É porque não tinha explicação.”

E: “O que é bom do presencial?”

M: “Tudo.”

M: “Dá para aprender melhor o que os professores falam, explicam. Se você tem alguma dúvida, dá pra tirar lá na hora.”

F: “Eu ia pra escola quase todo dia [antes da pandemia] e aprendia mais do que quando era no meio da pandemia.”

F: “Para mim, o EaD não é muito bom porque não aprendi muito, porque na escola, o professor tá ali, ele explica melhor, você pode perguntar para ele se tiver dúvida. Geralmente, no EaD, colocava a lição, você copiava, respondia, e mandava foto.” F: “Se o aluno quisesse ir no Google procurar resposta, era só ir lá, copiar e entregar para o professor, pronto. Então na realidade a gente não aprendia nada.” F: “Geralmente ele tinha o aplicativo que os professores eles mandam as lições, aí eles mandavam as lições. Às vezes a gente tinha que copiar no caderno, responder, mandar foto, às vezes mandar para a gente pesquisar alguma coisa que era só pegar no Google e colocar no caderno. Aí era muito ruim. A gente não aprendia nada. [...] A pandemia começou, eu tava no segundo ano, acho que ficou um ano.”

F: “Foi bem difícil, porque aquela máscara sufocava nós a gente tinha que tirar um pouco e a professora brigava para colocar e foi bem difícil. [...] Teve um mês, dois meses [que ficamos online], aí depois voltou e nós foi para a escola.”

Estes textos nos mostram a realidade da educação durante a pandemia, que não foi fácil em nenhum lugar, mas foi pior na favela. A maioria não acompanhou as aulas online, inclusive dentre os meninos entrevistados, apenas um conseguiu acompanhar, o que gerou muitas repetências durante este período. Relataram que as aulas foram em forma de áudios, às vezes chamada de vídeo, aplicativo e pelo



canal aberto da TV. Estas já não são formas muito atrativas de aprendizagem, mas ainda mais desencorajante para os que só podiam fazer pelo celular, muitas vezes de outro familiar, com pouca memória e internet fraca. Alguns nem sequer souberam que havia esses canais de ensino. Após o retorno ao presencial, perderam metade da carga horária de ensino, visto que só metade da sala ia alternadamente para a escola a cada semana, sem mencionar o fato de que ficaram entre 1-2 meses sem aulas quando iniciou a pandemia. Todos reiteram que apreciam mais as aulas presenciais, dizendo que aprendem mais e podem tirar dúvidas na hora. Podemos concluir que os adolescentes da favela não obtiveram o necessário em relação ao ensino durante a pandemia, gerando atrasos, abandono escolar e aumentando o abismo da desigualdade.

### **6.5 E Como Vai a Saúde Mental dessa Galera?**

*Vocês conhecem algum adolescente na sua escola ou bairro que tem ansiedade?*

M: “Tem uma menina na minha sala.” M: “Tem o João também aqui do Morro.”

M: “Eu já fui no psicológico, que eu ficava comendo lápis, borracha. Ainda como.”  
*risos* [Eu tinha] 10, 11, e até agora eu sou meio ansioso. [...] [la] lá no CAPS.

M: “Quando ataca a ansiedade dele, ele começa a se comer. O pé dele pode estar preto igual carvão, e ele roendo os dedos.”

M: “Ansiedade é forte. [Me sinto] com medo, nervoso, comendo assim (*finje morder dedão do pé*). Só quando bate a ansiedade, de vez em quando. Quando fico nervoso, quando minha mãe fica mexendo comigo brava, “Não pode fazer isso, não pode aí.” [...] Aí demora um tempo, aí eu vou dormir, vou fazer algo, mexer no celular e melhora depois. [No psicólogo] era em anos e anos, demorava um ano eu ia, dois eu ia. Consulta marcada.”

*Vocês conhecem algum adolescente na sua escola ou bairro que tem depressão?*

M: “Maria. Não sei [se ela consegue passar com psicólogo], a gente nem fala com essa doida aí.” M: “Graças a Deus ela tá longe de nós.” M: “A gente nem fala com

ela.” M: “Nem gosta dessa menina.” M: “A mãe dela [ajuda ela].” M: “Tinha uma vez eu vi ela lá na escola, o braço dela todo cortado assim, tum tum tum tum.”

M: “Os que tinha se matou. O Mario se enforcou, vocês lembram dele? [Ele tinha] 18 [anos]. Três [se mataram]. Na pandemia foi três. Um lá pra cima mas ele foi por causa da ex menina dele, ele se matou. Mario não sabe, acho que foi de droga e depressão. E teve a doidinha aqui do barraco também que se enforcou. Tudo aqui no Morro. [Tinham] 23 e 17.”

M: “Minha irmã. Minha irmã cortava o braço assim que eu falei “meu Deus, você vai se matar é?” [Ela tem] 18 [anos], mas isso era quando ela tinha 15. ela não tentou se matar não, ela tá louca? meu pai termina de matar ela. *risos* Ela parou sozinha com essas loucuras aí. Se cortava com gilete. Também conheci uma menina aí que conversava com ela direto por causa que ela brigou com meu parceiro aí. Ela mandava a foto do braço dela pingando de sangue assim. Vocês conhecem, a Joana. Eu mandava ela se cortar mais. Todo dia ela mandava foto para mim, “Ó que o seu amigo tá fazendo comigo”. Eu falei “Pode cortar, você corta mais por favor.” M: “José, não pode falar isso mano.” M: “O quê? todo dia ela mandava mensagem pra mim.”

F: “Eu já ajudei inclusive uma menina, ela tava se cortando. Eu ajudei ela, contei coisas da minha vida que eu não deveria nem ter contado eu contei para ela para tentar acalmar ela com a situação. [...] Eu ajudei muito ela e foi a primeira vez que eu tinha visto ela aí ela tava lá com a crise e tudo mais aí eu ajudei ela.”

F: “Eu já tive depressão mas eu nunca fui ao psicólogo. Eu só tomava remédio que o médico passou. Aí eu tomava remédio e como eu tinha depressão falava com a minha mãe, depois falava com meu pai, e eles me ajudaram bastante. [Eu passava com] o médico geral. Aí a gente conversou, aí ele falou, “deixa eu passar um medicamento, você vai tomar todo dia.” Aí eu tomava o remédio todo dia e ficava junto com os meus pais. [Agora] estou melhor.”

F: “Se pudesse eu queria [passar com psicólogo]. Porque eu sou meio paranoica, meio doida. Uma hora estou um jeito, outro um outro. Uma hora eu tô sorrindo, outra

hora eu tô com a cara fechada. Ontem eu tava brincando com ele (marido) aí do nada eu fechei a cara, do nada eu comecei a chorar, depois eu virei de coberta, hoje eu acordei alegre, já mandei ele embora. Eu sou assim. [...] Eu comecei assim depois que meu pai morreu.”

F: “Eu já passei [no psicólogo] porque quando eu tinha 10, 12 anos já tive muita dificuldade na escola de aprender mesmo. Eu tinha muito [déficit de atenção], aí eu tinha que passar pelo psicólogo, fiz tratamento, tive que tomar remédio. Aí hoje, graças a Deus, eu me liberei disso. [O psicólogo] ajudou bastante.”

F: “Quando eu tinha depressão me cortava também. Só que não era muito, não tinha muita essa vontade de fazer isso. Eu geralmente só fazia quando eu estava sentindo muito muito mal que nada estava me ajudando. Aí eu fazia.”

F: “A Maria. Ela é minha ex melhor amiga, ela tinha muito [corte]. Só que ela fazia mais para chamar atenção, mas ela tinha por conta dos pais dela.”

F: “A maioria dos meus amigos [que tem depressão ou ansiedade], a avó e os parentes tudo morreu. Igual a mãe daquele que tava de azul aqui, a mãe dele morreu. Ele era novinho, uns 7 anos, ele tinha também. Eu acho que ela usava muita droga. Aí lá na escola também, a maioria da mãe dos meus amigos da minhas amigas morreu ou então tá internado ou tá com alguma doença, sabe câncer essas coisas. Mas eu dou vários conselhos para eles não fazerem nada de errado.”

F: “Tem a menina da minha sala que ela tem depressão e tem uns povo aqui também da rua que tem, minha melhor amiga tem ansiedade. Não [fazem terapia]. Quando ela quer falar comigo, ela manda mensagem, desabafa comigo, aí eu dou vários conselhos para ela, né? Para ela não fazer nada de errado, porque muitos jovens estão se matando por causa disso. [...] Não conheço [gente que se matou], mas minha melhor amiga, amigos dela da infância, se mataram por causa de ansiedade.”

F: “Eu também tenho ansiedade. Aí teve um dia que minha ansiedade atacou lá na escola e [minha professora de educação física] me deu vários conselhos: ‘não faz

nada de errado', 'Isa, você é uma boa aluna, você é linda e perfeita, não precisa você ficar pensando nisso'. Ela me dava vários conselhos. [Minha ansiedade] eu não sei explicar como que é. É bem de vez em quando. É tipo uma dor dentro do meu peito que eu não consigo explicar. Porque tem vez que eu fico pensando no meu pai. Porque o meu pai faz 13 anos que eu não vejo. Ele não liga para mim, aí eu fico pensando."

M: "É mais eu [que tem problema de autoimagem]. Tem hora que eu fico chorando porque fico com vergonha de mostrar minha barriga."

M: "Vai pra academia."

M: "Não sei porque eu fui nascer gordo."

M: "Tá rolando bullying nesse grupo aqui."

M: "Você não nasceu gordo."

M: "Nasci gordo sim."

M: "Já cresceu gordo? Não tem como."

F: "Eu não comia muito, mas agora to comendo. Porque eu tinha barrigona, parecia que tá grávida. Ainda eu tenho barriga grande, só que dá vergonha porque eu sou magrinha com uma barrigona, parece que tá grávida."

*Na sua sala tem bullying?*

F: "Eu sofri muito bullying. Eu sofri. Só que agora é só denunciar. [Era] tipo racismo."

E: "Tem muito racismo na sala de vocês?"

M: "Na minha não."

F: "Gente, tem."

M: "Racismo mesmo é os policiais aí fora, matando os preto."

M: "Matando os viado."

F: "Só que aí eu falei para denunciar."

E: "Você falou pra quem?"

F: “Eu falei pra minha mãe. Eu chegava chorando. Mas agora parou porque agora eu sou violenta, né gente, eu bato.”

E: “Quem fazia bullying com você? O pessoal da sala mesmo?”

F: “É, muita gente. Só que eu era chorona né. Eu era besta. Eu tinha 13-15 anos. Só que aí eu cresci e percebi que eu não podia sofrer isso mais. Aí eu começava a bater nas pessoas, xingar as pessoas. Elas me humilhava e eu humilhava elas, porque eu não queria aquilo mais na minha vida, entendeu? Aí eu xingava elas também, batia, tô nem aí. Aí eu fui expulsa um dia da escola.”

E: “É mais as meninas que fazia bullying?”

F: “É. Na outra escola, só que aí eu briguei com ela, aí ela parou.”

E: “E aí você denunciou para quem?”

F: “Eu não denunciei, eu bati nela. Aí ela parou rapidinho.”

E: “Mas se quisesse denunciar, denunciava para onde?”

F: “Para a Polícia mesmo. É lógico, é racismo, racismo agora tá dando cadeia.”

F: “Eu sofri bullying na escola antigamente. Porque eu posso ter cabelo liso hoje, mas eu tinha cabelo crespo. Eu nasci com cabelo assim, durinho assim. Na escola tem até hoje né, meninas bonitas dos olhos dos meninos, e meninas feias. Aí tipo antes eu era bem zuadinha na escola por causa da minha aparência.”

F: “A maioria dos meninos procuram nas meninas mais a beleza, nem é muito pelo jeito da pessoa ser, mas a beleza. “Ai, eu vou ficar com a menina bonita porque eu vou sair bem na fita.” É, eu passava por isso mas eu não levava muito para o coração, nem vingava. Às vezes eu ficava meio assim, eu falava com a minha mãe mas.. Bullying eu não sofri, mas as pessoas me zoavam. Não era uma zoação ruim. Era brincadeira mas um pouco de mal gosto.”

E: “E é mais os meninos que zoam ou é mais meninas?”

F: “É mais meninos.”

F: “Mas tem muita meninas também... as meninas têm mais inveja. Assim vai, eu e ela, às vezes eu tenho inveja porque o menino que eu gosto ta gostando dela, aí eu fico com inveja. Aí eu fico querendo brigar com ela.”

F: “Ou a menina é mais bonita ou é porque sabe melhor, aí já fica com inveja, vai querer bater, chegar em cima da menina.”

F: “Na nossa escola, todo dia tinha uma briga diferente. Na porta da saída. Mas já teve cortação de cabelo, gente saindo sangrando. Coisa feia. Na frente da escola.”

F: “A própria diretora da escola fala: ‘Da porta para fora podem se matar, agora dentro da escola não.’”

F: “Os alunos saíam da porta da escola, já começavam a brigar, e todo mundo ficava lá incentivando. A gente nunca ficava, dava 18:30, a gente já saía para ir para casa, porque sempre tinha alguma coisa assim, toda vez. Aí depois, no finalzinho, eles começaram a colocar policial na porta da escola. Aí parou um pouco.”

E: “E Cyberbullying que é pela internet?”

F: “Na internet é bem frequente na verdade.”

F: “Qualquer pessoa, eu acho. Até ela que é influencer, já teve pessoas mandando mensagem ruim para ela. Coisas do tipo.”

F: “A pessoa tem que ter muita cabeça, muita paciência com as pessoas da internet. Porque como você é uma figura pública, elas acham que elas têm direito de falar o que quiser para você e você ficar calada, elas falam cada coisa que você fica horrorizado.”

F: “É igual eu vi uns três, quatro... Eu gosto de K-Pop, então aí eu vejo uns quatro pessoas da área famosa do K-Pop que morreram, se suicidaram por causa disso. Acho que foi duas meninas e dois homens. Que eu acho que as pessoas faziam live, aí as pessoas falavam “Vai se mata. Você não merece estar vivo, ai você é feia, ai você é feio, ai você não tem talento.” Aí as pessoas não aguentam a pressão e acaba fazendo isso.”

O assunto sobre a saúde mental dos adolescentes e de seus conhecidos foi um dos que rendeu mais, apontando para a necessidade de ter conversas sobre isso. Observamos que questões de depressão, ansiedade, autolesão e tentativas de suicídio estão bastante presentes. As causas subjacentes incluem doença e morte de parentes, brigas verbais e físicas dentro de casa, relacionamento conflituoso com os pais, ausência afetiva do pai e uso abusivo de álcool entre os familiares. Alguns adolescentes têm ou tiveram acesso a tratamento médico para questões de depressão, ansiedade e déficit de atenção. Outros expressam o desejo de ter esse acompanhamento. Também relatam haver algum apoio e suporte dos pais e professores com relação a esses problemas. Há, porém, indício de acompanhamento inadequado, com relatos de intervalos muito espaçados entre consultas.

Além disso, observa-se uma relutância por parte de alguns adolescentes em se associarem com aqueles que enfrentam problemas de saúde mental, sugerindo ainda algum tipo de estigma e discriminação com relação a esse assunto. Outros demonstraram não saber lidar ou reagir ao se depararem com este tipo de problema, como por exemplo a autolesão, entre os parentes ou amigos.

Constatamos a presença de bullying, incluindo cyber bullying e racismo, dentro e fora do ambiente escolar, além de problemas com auto imagem em relação à “beleza padrão”. O bullying muitas vezes é resolvido com violência por parte da vítima (batendo, xingando), o que também resultou em expulsão. Nestes casos também houve relato de apoio por parte da mãe.

Vemos, portanto, uma grande necessidade de intervenção e proatividade com relação à saúde mental dos nossos jovens, tendo as escolas um papel fundamental. Elas devem promover um ambiente seguro e acolhedor, criando vínculos emocionais, dando suporte adequado e disponibilizando recursos para lidar com essas questões. A telessaúde nas escolas entraria aqui como uma ótima ferramenta para lidar com estes desafios tão prevalentes e, assim, promover algum grau de bem estar dos alunos da periferia.

## **6.6 Como a Galera se Diverte**

M: “[...] fico mexendo no celular.”

M: “Eu vou dormir 4 horas da manhã assistindo filme, qualquer um que aparece lá e dá vontade de assistir. Maiores de 18.” *risos*

M: “Andando de bicicleta.” *risos* M: “Que andando de bicicleta? Sua bicicleta tá quebrada.”

M: “De vez em quando eu leio um livro.”

M: “Mentira, João. Para de mentir.”

M: “Pergunta pro meu pai. Meu pai bota pra eu ler.”

M: “Só se for a Bíblia, que seu pai falou pra você ler. Pai dele é da igreja.”

M: “[Leio a Bíblia] só. Passo o resto do dia andando de bicicleta, fumando narguile. Mentira, fumo só de vez em quando. Meu pai nem deixa. Vai saber, que tá gravando.”

F: “Assisto um filme. Tem vezes que eu vou dormir. [...] [As vezes eu] não [durmo] *risos* Antes de ontem eu fui dormir 4h da manhã, assistindo filme. [...] Na televisão mesmo, normal.”

M: “Eu tentava dormir e não conseguia, jogando Free Fighting.”

F: “Geralmente eu vou dormir umas 2-3 horas da manhã, assistindo Eu, a Patroa e as Crianças.” *risos*

F: “Geralmente em casa às vezes eu paro para fazer exercício só.”

F: “Eu gosto de ouvir música, gosto de sair pro parque, gosto de andar. Eu gosto de ler. Gosto de desenhar também, dançar e eu acho que é isso.”

F: “Eu gosto de gravar Stories porque eu adoro. Eu gosto de ouvir música, gosto de sair muito, no fim de semana eu gosto de beber né, e é só também.” “É de lei.” *risos*

F: “Quando eu tenho algum tempo livre, ficar com minha sobrinha daqui, até então são poucos. Gosto de ficar muito com meu cachorro e meu gato. Quando tem um tempo, sair para beber, mas de vez em quando.”



F: “Eu gosto de ir pro parque com a neném, pra se divertir. Gosto de dançar também, escutar música. É de lei, final de semana sair pra beber também.” *risos* Não agora muito mais por causa da minha neném.”

F: “Geralmente eu e ela às vezes sai para essas baladinha, lá no centro ou pra cá, porque a minha tia mora ali ou a gente vai pra minha vó e tals.”

F: “Em dia que eu não tenho nada para fazer que minha mãe já arrumou, aí eu vou lá na minha vó, faço companhia para ela, ou então eu fico em casa mesmo com a minha mãe, deitada com ela assistindo TV, e no celular. [...] Minha mãe tem o Kawai, então a gente fica assistindo, Tiktok, essas coisas, mas é mais Kawai. As vezes quando não tenho nada para fazer em casa, eu vou lá para o parque também. Levo ela (irmã) para brincar um pouco quando ela não vai pra escola.”

Formas de lazer saudáveis, amplas e de fácil acesso são muito importantes para o bem estar e saúde mental da população. Algumas formas de lazer mencionadas foram o uso do celular (Tiktok, Kawai, Instagram, jogos como Free Fighting), televisão, bicicleta, narguile como nova forma de socialização, exercício, ouvir música, ir ao parque, andar, ler, desenhar, dançar, beber, ir ao baile, passar tempo com familiares e animais domésticos. Observamos que, de certa forma, estão restritos às modalidades de lazer disponíveis na região próxima, visto que meios de transportes não são muito acessíveis física e financeiramente. E esta região carece de diversas formas de lazer, como centros comunitários, culturais, esportivos, teatros, parques e praças com wifi, a partir do momento que políticas públicas são voltadas para o centro das cidades. Assim, o celular e a televisão emergem como importantes válvulas de escape e meios de comunicação com o restante do mundo. Ressaltamos a importância do parque recentemente inaugurado no bairro, que todos os adolescentes entrevistados relataram estar fazendo uso.

## **6.7 A Capacidade Adolescente de Sonhar**

*O que vocês pensam em fazer no futuro?*

M: “Meu sonho é comprar uma moto e dar uma casa para minha família.”

M: "Ele quer usar drogas." *risos*

M: "Eu queria ser jogador de futebol mas agora nem briso mais. Eu parei de jogar bola. Comecei a andar de bike. Cansei do futebol." M: "Agora o nosso esporte é gral." M: "Gral faz parte." M: "Gral é arte e a arte faz parte."

M: "O João quer ser jogador de sinuca."

M: "Daqui para frente eu quero trabalhar, comprar minha moto e sair de pião." *risos*

M: "Eu vou trabalhar."

M: "Vou fazer faculdade. Não sei [do quê]." M: "Pagar R\$5.000 por dia."

M: "Quero fazer esses bagulhos de instalar câmeras, deve ser chave. Que nem o Carlos foi trabalhar um dia."

F: "Cabelereira."

M: "Eu queria fazer aula de *tecnologia*." *risos* M: "Tecnologia. Depois eu que sou analfabeto." *risos* "*Tecnologia*. Tá errado é?"

M: "Eu não faço ideia."

M: "Eu quero uma tabacaria."

M: "Faculdade acho que de administração. Aí por exemplo se tiver alguma loja..." M: "Administração aí você vai lá, faz uma tabacaria lá. Você vai administrar seu negócio, filho."

M: "Querida ser fiscal."

F: "Eu quero fazer psicologia. Pretendo, eu quero, se eu conseguir, se Deus quiser, morar em outro país. Eu quero ir para França ou talvez para o Japão ou a Coreia."

Eu fiz o ENEM ano passado, mas eu tirei pontos pequenos. Só faltou 20% pra passar. Tirei uma nota um pouco baixa para poder entrar na faculdade, mas esse ano vou tentar fazer vestibular da própria faculdade do que o ENEM, porque eu acho que seria mais fácil fazer da faculdade. Mas se não der certo também vai no Enem e é isso. Mas eu falei para minha mãe né que eu vou ficar tentando enquanto eu não estiver os pontos bons, vou ficar tentando até entrar.”

F: “Eu pretendo fazer medicina, e levando minha vida, bora pra frente. Terminar meus estudos que eu tenho que terminar. Quero fazer o EJA porque o EJA é mais fácil. Em um ano só você faz dois anos.” F: “Para ela que tem filho, fica mais fácil porque tem como ficar com a bebê enquanto ela estuda.” F: “De noite minha mãe tá, então...”

F: “Eu vou terminar só ano que vem [o EJA], aí eu queria fazer o quê: esse ano fazer uma prova, e nessa prova se você passar você já passa direto. Você não precisa mais ir pra escola. Só faz a prova, faz as matérias que tá lá na prova. É tipo um ENEM. Aí se você passar, você já encerrou. Aí eu queria fazer isso. Eu pretendo continuar mexendo com a internet mas eu quero ter uma outra profissão que é advogada criminalista. Quero fazer curso de DJ que eu sou apaixonada em DJ. Sou apaixonada. Quero morar em outro país também. Eu queria fazer intercâmbio.” F: “Tirando uma dúvida, o que é isso? Intercâmbio?” F: “Fazer faculdade em outro país.”

F: “Quando eu estava estudando eu ia entrar pra fazer faculdade pelo ENADE, mas acabei desistindo. Ainda fui chamada mas acabei desistindo, porque eu desisti de estudar, aí as coisas apertou, veio a pandemia, tive que trabalhar, aí acabei desistindo. Aí eu parei de estudar, não quis fazer faculdade, aí quando eu fui correr atrás eu tinha perdido a vaga. Lá na frente eu pretendo [voltar a estudar]. Eu queria voltar a estudar aqui [em São Paulo]. Só que como a minha transferência não está aqui, pra buscar meu documento dá muito trabalho. Porque eu não moro aqui, eu moro na Bahia. Bahia, Bahia mesmo. Então é bem longe, aí para mim ir e voltar e voltar a estudar vai demorar um pouco, aí ainda vou ver o cursinho. Ou então vou voltar pra minha cidade pra estudar lá mesmo. Apesar que aqui o estudo é melhor.”

“Eu quero ser médica, porque é um trabalho muito legal, eu gosto.”

Os sonhos e perspectivas futuras são elementos fundamentais para a análise das condições de bem estar e formas de pensar dos adolescentes. Os sonhos mencionados incluíram comprar bens materiais (moto, dar casa para família), achar emprego (jogador de futebol, jogador de sinuca, instalador de câmeras, cabeleireira, fiscal, influencer, DJ), viajar, fazer faculdade (medicina, administração, psicologia, advocacia), fazer curso técnico, empreender (abrir loja de tabacaria), morar em outro país, fazer intercâmbio. Refletem aspirações de independência, estabilidade financeira e melhoramento socioeconômico tanto para eles quanto para suas famílias. Vários destes sonhos provêm de contato com pessoas que tiveram na vida e serviram para eles de modelo. O desejo e perspectiva de muitos deles de fazer uma faculdade mostra a importância das políticas públicas já existentes que almejam democratizar o ensino superior, como o ENEM, ProUni (Programa Universidade para Todos), FIES (Financiamento Estudantil) e cotas raciais e sociais. Eles demonstram conhecimento de como alcançar seus objetivos, como o ENEM, ENADE, EJA, vestibulares e cursinhos preparatórios. No entanto, ainda percebemos interferência de questões econômicas e sociais, como necessidade de trabalhar, gravidez indesejada e educação deficitária, sendo obstáculos significativos que precisam enfrentar sistematicamente.

### 6.8 Relações no Núcleo Familiar

Moram com quem?
pai, mãe e 3 irmãos (são em 12 irmãos, alguns já casados, outros 2 presos)
pai e irmã
pai, madrasta, irmã de consideração (2 irmãos na Bahia)
pai, mãe, 2 irmãos (outros 2 irmãos não moram junto)
mãe, vó e 3 irmãos
mãe e irmã
pai e mãe
mãe, irmã e irmão
mãe, padrasto, marido, filho do padrasto
marido e filha

Profissão dos pais
Pai: pedreiro; Mãe: do lar
Pai: pedreiro; Madrasta: babá
Pai: linha de trem; Mãe: mercado
Pai: pedreiro
Mãe: desempregada
Mãe: faxineira
Pai: retífica; Mãe: cabeleireira e manicure
Padrasto: pedreiro; Mãe: lavradora
Pai: caminhoneiro; Mãe: faxineira

M: “[Me deixa feliz] vê minha família bem.”

M: “Eu tenho medo de perder a minha mãe. Ano passado era isso meu medo, que eu não consegui dormir, de perder minha mãe.”

F: “[Eu fico nervosa] só quando meu padrasto e meu irmão briga. Uma vez ele brigou e ele pegou no pescoço de um. Aí eu só posso desmaiar, tenho problema no coração né? Meu peito incha, sei lá, fica grande, aí tem que passar no médico, aí eu não posso passar nervoso. Não [brigam muito], agora parou. Só por causa da minha mãe que minha mãe tá com depressão agora. [Ela] não [acompanha no psicólogo], ela não consegue sair da casa, mas vai tentar sair amanhã. Ela não quer passar no médico porque ela tem medo de ficar internado, ela tem um nenê pequeno que não dorme sem ela, então ela tem medo.”

F: “[O que me deixa feliz é] minha família, primeiramente minha família. Minha filha, meu marido.”

F: “Minha mãe, como ela já passou por muita coisa, hoje ela tá vivendo a vida dela, eu tô muito feliz por ela. Então acho que a felicidade dela é a felicidade minha também. Eu faço de tudo pela minha mãe, mato e morro por ela.”

F: “[O que me deixa feliz é] minha mãe que foi uma pajem que me criou desde quando meu pai morreu. Segundo, meus pedacinhos de gente que são meus filhinhos que sempre quando eu tô triste alguma coisa eles tentam me alegrar, e

terceiro, meus animais porque eu sou apaixonada. Eu acho que eu mato e morro por eles, apesar que dá um pouquinho de trabalho como uns três carregadores por dia, mesmo assim amo.”

F: “[O que me deixa triste é] quando a minha filha tá doente, quando eu brigo com meu marido. Quando meu pai, às vezes ele bebe e fica xingando.”

F: “Quando a minha mãe tá muito mal, ou eu vejo ela chorando, não gosto muito não.”

F: “Eu também fico triste de lembrar as vezes de algumas lembranças do meu pai, do que a gente passou com ele. Meu pai ele é uma pessoa muito legal, muito de boa. Só que ele bebia muito. Ele descontava tudo na minha mãe. Meu pai se transformava. Ele não via ele dentro de casa, ele não falava um ‘Ah’ nem nada. Bebia, pronto. Aí já chegava infernizando todo mundo, xingava todo mundo, minha mãe. Meu irmão, ele é um milagre porque minha mãe passou por muita coisa na gravidez dele, com meu pai. Foi Deus que escolheu o nome dele, Salomão. Aí na gravidez da minha mãe, meu pai traiu minha mãe, aí passou muita coisa. Aí por isso que minha mãe e meu pai se separaram. Minha mãe largou tudo aqui em São Paulo para ir pro Piauí atrás dele. E ele não deu valor nenhum. A gente não tem um parente, nada lá. Em vez dele ir pro Piauí para melhorar, que foi o que ele prometeu para a gente, ele foi e piorou mais, e aí a minha mãe separou dele, e agora minha mãe tá super feliz. Eu falo para minha mãe que eu não apoio eles dois voltar, não apoio mesmo. Eu falei pra ela, ‘Se ela voltar, ela vai pro Piauí e eu vou ficar aqui em São Paulo porque eu não volto. Eu não volto.’”

F: “[Fico triste] quando minha mãe precisa de ajuda mas ela não pede. Ela sofre calada no canto dela, aí ajoelha e ora, pede à Deus pra ajudar. Só que quando você sabe que sua mãe precisa mas ela não quer pedir para vocês, aí é a parte que me deixa mais triste. É a parte que me deixa mais magoada.”

M: “Eu choro direto. Eu chorei semana passada que meu pai não deixou eu sair de casa e o pneu da minha bike furou.”

M: “[Eu chorei] semana passada que minha mãe me deu um pau, quando eu não queria ir pra escola. Quando eu fui pegar a roupa no guarda-roupa aí eu não tava achando, eu pedi a roupa para ela, ela não quis pegar. Eu falei, “Então eu não vou pra escola não”, ela pegou e me deu um bocado. Eu fiquei chorando.”

M: “[Eu chorei] mês passado porque, eu não moro com meu pai, tá ligado, aí a mulher dele me bloqueou no Whats, aí eu já fiquei já querendo matar ela. Eu nem sei onde ele mora. [Eu não converso com ele] porque a mulher dele me bloqueou no Whats dele. Ela bloqueou eu, a mãe dele, achando que eu vou roubar ele dela. *risos* É triste. [...] É o que minha vó me falou.”

M: “Já [perdi o sono] pensando na minha mãe. Porque ela tava doente ano passado. [Ela teve] depressão, uns negócio aí. [...] Ela conseguia passar no médico. Ela tá melhor graças a Deus, só que ela tá afastada do trabalho por causa disso daí.”

M: “[Eu fico nervoso] quando eu fiz alguma coisa errada aí meu pai fala que vai falar comigo. Será que ele vai me bater? Será que eu vou morrer hoje?” M: “Quando minha mãe quer me bater, eu já vou colocar roupa, roupa de frio, coloco três cuecas, calça. *risos* M: “Mas você não acredita mano, quando meu pai me dava surra, eu mijava na roupa. Toda vez que ele falava, “Vou bater em você,” eu mijava na roupa.”

F: “Eu tenho medo da minha mãe morrer primeiro que eu, porque eu prefiro morrer primeiro que minha mãe. Eu já falei para Deus que Deus pode me levar quando eu deixar mais estabilidade boa pra minha mãe e pro meu irmão e pra minha irmã.”

F: “O que me traz felicidade é porque eu tô perto da minha mãe. Tô ali com ela todo dia, ela me ajuda com minhas coisas que eu tenho dificuldade, ela me dá conselho. Isso para mim é feliz porque eu tô perto das pessoas que eu amo. Ela me dá bastante conselho para mim tomar cuidado com amizade, com pessoas que fingem ser meu amigo e não é, com pessoas que finge estar do meu lado e ao mesmo tempo quando eu saio de perto eles mete o pau em mim.”

F: “[Me deixa triste] ver minha vó fica doente, porque a minha vó ela me criou desde quando eu nasci, eu e meus irmãos. É muito triste ver isso. Ela sempre teve do lado da minha mãe pra ajudar a cuidar de nós.”

F: “Tem [vez que eu não durmo] porque tem vez que eu fico pensando no meu pai. Porque faz 13 anos que eu não vejo meu pai, desde os meus 1 ano de idade. Ele não liga para mim, aí eu fico pensando. Eu não sei aonde ele mora. Ele e minha mãe terminou aí ele foi para um lado, ela foi para o outro. Não [quero encontrar ele], não sinto vontade porque se ele não faz nenhum esforço para vim me ver, eu não ligo não.”

F: “Eu aprendi [sobre preservativo/anticoncepcional] porque a minha mãe me dá vários conselhos, “Não queira ter filho cedo, porque não é que filho estraga a vida, mas viva primeiro a sua adolescência, queira ter filho lá pelos 25 anos por aí”, porque aí eu já vou ter vivido minha adolescência, essas coisas. Ela dá vários conselhos para mim sobre isso. “Quando você for fazer alguma coisa, você usa preservativo”, alguma coisa assim. Minha mãe me dá vários conselhos, minha mãe e minha avó.”

F: “Como eu tinha depressão, falava com a minha mãe, depois falava com meu pai, e eles me ajudaram bastante. [...] Aí eu tomava o remédio todo dia e ficava junto com os meus pais. [...] O que causou foi as brigas dos meus pais. Eles estavam brigando muito.”

F: “Eu tinha muito medo de bêbado, eu tinha pavor quando eles chegavam perto de mim. Eu saía chorando. Desde bebezinha, aí agora que eu cresci aí não me importo mais não. [...] É porque meu pai, ele bebia, aí eu tinha medo. Não sei porque, lá onde eu morava tinha muito, aí eles ficam gritando. Aí eu ficava com medo.”

F: “Eu tenho medo de morrer, e deixar minha filha pequenininha. Eu tenho medo também de estar em casa só eu e ela, acontecer alguma coisa comigo e ela vai ficar sozinha sem ninguém perceber. E ela ficar lá sozinha. É isso minha preocupação.”



Os relatos sobre as relações familiares dos adolescentes revelam a complexidade e a importância desses laços em suas vidas. Grande parte de suas emoções como medos, nervosismos, tristezas e felicidades estão diretamente relacionados às dinâmicas familiares. Muitos sofrem com desafios sérios dentro de casa, como o abuso de álcool por parte de familiares, presença de violência doméstica contra a mãe e violência intrafamiliar, acabando por normalizar tais violências. Outros sentem a ausência da figura paterna ou de um vínculo afetivo com um dos pais; estas relações intrafamiliares são causa de preocupação, insônia e ansiedade. Contudo, a família continua sendo uma fonte de apoio em questões de saúde mental, oferecendo suporte emocional e conforto. Além disso, é notável o papel das figuras maternas na educação sexual dos adolescentes, através do diálogo franco e aberto. Percebe-se a importância das condições dos relacionamentos familiares para o bem estar do adolescente, assunto que pode ser abordado em um projeto de telessaúde.

### **6.9 Álcool, Fumo e Outras Drogas**

*Vocês conhecem alguém abaixo de 18 anos que fuma?*

M: “Eu.” *risos* M: “Ali é o usuário.” M: “Cocaína, crack.”

M: “Só narguile.” M: “Tem um aqui que cheira, pó de vidro.” M: “Rapé.” *risos*

M: “...narguile. Mentira, fumo só de vez em quando. Meu pai nem deixa. Vai saber, que tá gravando.”

M: “O João fuma [cigarro].”

M: “Fumo não. Uma vez só, e parei. Eu fumava.”

M: “Fuma escondido.” *risos*

M: “[Nessa escola] tem biqueira dentro do banheiro. Tá na neurose lá, vai no banheiro, comprar uma de cinco.” M: “João foi fumar maconha dentro do banheiro.”

F: “Meu irmão fez isso e foi expulso. Pegaram [ele]. Fumou maconha dentro do banheiro, dentro da quadra...”

F: “Eu mesmo só fumo POD, tipo vape. Mas adolescentes que eu conheço têm muitos, que fuma cigarro. [Vape] tá na moda demais. Vape, narguile.” F: “Eu uso mas não é com frequência. Agora ela.. ela 24 horas.”

F: “Nossos familiares quase todos fumam.” F: “Por isso que eu não suporto nem o cheiro, porque a minha mãe ficou sem fumar nove anos. Aí ela voltou de novo. Eu falo, “Fuma pra longe de mim por favor”.”

F: “Tem os meninos lá que usa, do nono, do oitavo. Dentro da escola não. Do lado de fora, antes da entrada, depois da saída, eles usam lá, porque tá na rua. Vai falar, ‘Não tô dentro da sua casa ou da escola para vocês mandarem em mim.’”

*Vocês conhecem alguém abaixo de 18 anos que bebe álcool?*

M: “Todo mundo. Não tem um que não bebe.”

M: “Só de vez em nunca só.”

M: “Eu não bebo não, graças a Deus.”

F: “Eu parei. Eu caí aqui no escadão bêbada, aí parei. *risos* Eu não conseguia viver sem a cachaça. Eu lavava louça tomando cachaça. Eu só não tomo cerveja, só o Whiskey. Desde os 15. Eu tomei Pitú aí caí no escadão, cheguei em casa ruim, aí eu falei, “Não, se não alguém vai rir de mim uma hora.” Aí eu falei, “Não, vou parar”. Minha mãe não mandou, mas eu falei, “Eu vou parar sozinha mesmo.””

F: “Na minha sala tem muito porque é EJA, como tem várias idades então tem bastante. Tem um menino inclusive da minha sala que toda sexta-feira vai bêbado pra escola e aí ele inferniza muitas meninas, faz coisas muito escuras, sabe. A gente já reclamou pra diretora para poder ou trocar ele de sala ou tirar ele da escola porque eu acho assim que se a pessoa ela tem uma responsabilidade para a escola ela não vai pra escola bêbada, ela vai para aprender. Então aí a gente já falou com a diretora e tudo mais, mas até agora não resolveu.”

F: “Quando ela tava no sexto ano, o amigo dela levou Catuaba para escola.” F: “Todo mundo da sala foi para diretoria nesse dia porque uns cinco alunos bebeu,

mas como a sala era muito unida, ninguém ia falar quem foi. Aí todo mundo levou a culpa.”

M: “O meu avô influenciou a minha vó tomar cachaça, ele matou minha vó de cachaça. Ela morreu de cachaça, e o meu avô também morreu de cachaça, e o meu tio também morreu de cachaça. Cirrose.” *risos*

*Vocês conhecem alguém abaixo de 18 anos que faz uso de drogas ilícitas?*

M: “Como assim drogas ilícitas?” M: “Você fala lança...?” M: “Droga ilícita é o quê, filha?” M: “Lança? Lança não pode.” M: “A maioria, né?” M: “Cocaína não pode, maconha também não pode.”

M: “Meu irmão, meu padrasto.”

M: “Um monte. Esses aí é o que mais conhece.”

M: “Sim, o pessoal da escola que cresceu junto.”

M: “Infelizmente, né.”

F: “Eu conheço muita, muita gente menor de 18 que usa droga, usa outras coisas. Lança, maconha, balinha. É mais no meu convívio mesmo. Como eu falei, eu participo de uma mansão então... F: “Geralmente a maioria das pessoas que trabalham com funk ou essas coisas eles acabam usando.” F: “Mas não é nem em si na mansão. É mais no convívio mesmo, que tem aqui, quando a gente vai para o baile, baile tem muito isso. Tem a minha avó também, ela mora na favela, aqui, a minha tia ela mora na comunidade. Então tem muito isso. Mais nas baladinhas da vida e tudo.”

F: “Eu acho muito triste ver que isso tá virando comum entre os jovens, porque em qualquer lugar que você vai, você tá vendo alguns jovens, às vezes menor de idade ou até já maior de idade usando. Acho isso muito ruim porque parece que virou comum.”

F: “Eu acho que uma droga agora que deveria ser banida do mundo é a tal da K9. Uma droga que, cara, se você ver como a pessoa fica, parece que ela tá virando tipo um zumbi de verdade. É horrível ver isso. Falam que é a pior droga que já

existe.” F: “Porque ela veio agora. Ela nasceu lá na Cracolândia.” F: “Ela tá vindo agora para os lugares. Eles faz uma mistura de maconha com essa tal dessa droga, daí as vezes as pessoas fuma e às vezes nem sabe. E é muito feio, muito feio mesmo. Passou até na televisão. Passa muita gente nas reportagens pedindo ajuda para sair da Cracolândia por causa da K9 porque quer encontrar a família e tudo mais. É muito feio. É horrorizante.”

F: “Sim, muitos. Sabe o menino de boné verde que estava aqui na porta, ele usa muito drogas, vai pra baile, usa droga, vai ficar loução, ele bate na mulher. Aquela menina que eu te falei que ela tá grávida, é filho dele. Tem muitos por aqui, aqui no morro é o que tem mais, os moleques que usa droga, fuma maconha, fuma cigarro, bebe. É mais de sexta para domingo, mas na semana ele sempre tem a droga deles, né? Que eles usam maconha, essas coisas. Bastante amigo do meu irmão também usa. Só que minha mãe dá bastante conselho para eles não entrar para essa vida porque é difícil, né? Na escola tem muito, muito que vai para baile, só que eles podem até usar droga, mas escondido da mãe. Tem uns que usa escondido, tem uns que a mãe já viu. É decepcionante isso, né? Mas ela já deixou de mão porque fazer o quê? Porque é melhor ela saber do que eles fazerem escondido dela e os outros vem falar para ela todo dia.’ [...] Eu não sei porque [o pessoal usa], eu já perguntei para um amigo do meu irmão. Eu falei, “Que graça vocês vêm em usar isso?” Aí fala: “Ah, é porque é uma brisa boa, eu gosto.” Aí eu falei “Ah tá bom então.” Eles compram ou então um amigo deles compra e dá para eles, entendeu? Eles mais usam é na festa, é lança, é um monte de garrafinha de lança jogada por aí, porque o Pedro faz baile de vez em quando e tem um monte de garrafinha jogada de lança, de cachaça, de tudo. Quem quiser pode ir, até os idosos estão indo para baile.”

Começaram a conversa sobre esse assunto brincando e fazendo piadas, banalizando o uso de álcool, fumo e outras drogas. Vemos, porém, que as condições de uso são sérias, sendo bastante comum, mesmo em menores de idade. A prevalência ocorre tanto entre os homens quanto entre as mulheres. Alguns adolescentes demonstram uma visão negativa em relação ao uso destas substâncias, principalmente devido a experiências ruins vivenciadas em suas famílias, como mortes por consumo abusivo de álcool, violência doméstica e vício.

No entanto, para outros, a convivência com familiares e amigos que fazem o uso regular, resulta na reprodução do hábito. Relatam o uso comum de cigarros e maconha dentro das escolas, com casos de expulsão e de interrupção da aula por conta de alunos alcoolizados. Além disso, há um aumento da popularização de novas formas de fumo, como o vape, POD e narguile.

Por trás desse cenário, podemos desvelar uma série de fatores que levam os adolescentes a recorrer a essas substâncias como válvula de escape. Podemos citar a falta de disponibilidade de lazer, esporte, educação que dialogue com suas necessidades, dificuldades financeiras, escassez de assistência para saúde mental, uma escola que expulsa. Essas condições criam um convite para jovens ingressarem ou na dependência química ou no tráfico de drogas em si, começando muitas vezes como uma diversão em festas e bailes, mas que pode evoluir para uma dependência emocional e química. Diante desse quadro, torna-se evidente a necessidade urgente de um diálogo sério e aberto sobre o uso de substâncias entre adolescentes, buscando compreender suas motivações, oferecer apoio emocional e criar estratégias de prevenção e intervenção, almejando proteger a saúde e bem estar dos nossos jovens.

### **6.10 A Gravidez nesta Fase**

M: “Já [teve gravidez na sala], no sétimo ano. [A menina] tinha 14 anos.”

M: “O moleque lá com 15 anos, vai ganhar neném.”

M: “No 1º ano tem uma menina grávida.”

M: “Minha irmã foi com 12 anos.”

M: “Sabe quem mais vai ser pai? Na sala do Pedro. O Jorge.” M: “O Jorge já é pai, a mulher dele já ganhou neném.”

F: “Tenho 15 anos. [...] Não estudo por conta da minha filha e pretendo estudar, terminar meus estudos. [Parei] no 7º [ano]. [Saí] antes de estar grávida, porque eu casei.”

F: “Hoje em dia toda menina está engravidando. Eu tenho duas amigas que elas pararam de ir para escola porque engravidou.”

F: “Eu já tive colegas que foram pra escola grávida. Já com a barriga toda e era bastante, tipo doze, quinze.”

*Vocês já tiveram aula de saúde sexual na escola?*

M: “Não. Só uma vez só, na escola na Bahia, a mulher ensinando sobre sexualismo. Ela fez uma doação de camisinha, PP, GG.” *risos*

M: “Só na rua mesmo, aquele dia lá, lembra? No CECRAN. Teve uns negócios de prevenção.”

F: “Não. Como eu tô no EJA, agora sim. Agora tá falando. Na segunda-feira passada. [Antes nunca tinha tido]. Só no posto mesmo falou. [O médico] falou pra mim. Tem um papel do posto.”

F: “Eu já tive muito, mas nessa escola que eu estou não tenho não porque como tem pessoas mais idosos aí eles não dão, mas na escola assim normal antes que eu estudava sem ser o EJA eu tinha muita.”

F: “Eu tive no oitavo ano. O nome é aula de sexologia. Era classe de ciências normal aí chegava a parte do corpo humano, aí começou a falar do corpo das meninas... Era bom porque a gente aprendia né, mas os meninos ficavam rindo aí ficava olhando pras meninas. Aí ficavam zoando. Mas era bom, a gente aprendia. E acho que devia ter nas escolas essa aula só pra isso pra ensinar os alunos.”

F: “Não, ainda não. Lá na escola é só do 9º pra cima que eu vou ter essas coisas.”

E: “E você já namora?”

F: “Sim, desde o ano passado.”

E: “E você já sabe um pouco sobre preservativo, anticoncepcional?”

F: “Sim. Eu aprendi porque a minha mãe me dá vários conselhos, ‘Não queira ter filho cedo, porque não é que filho estraga a vida, mas viva primeiro a sua adolescência, queira ter filho lá pelos 25 anos por aí’, porque aí eu já vou ter vivido

minha adolescência. Ela dá vários conselhos para mim sobre isso. ‘Quando você for fazer alguma coisa você usa preservativo’.”

E: “Então tudo foi sua mãe?”

F: “Sim, minha mãe ela me dá vários conselhos, minha mãe e minha avó.”

E: “Os professores já falaram alguma coisa?”

F: “Já, minha professora de educação física me dá vários conselhos, porque ela fala que várias meninas da minha idade tá tudo grávida, vai parir. Não [tem na minha sala], mas tem uma menina aqui do Morro que eu conheço que ela tem um filho já. Ela teve filho com 13 anos e tá buchuda de outro, vai parir. Na minha escola só teve uma menina que era do primeiro ano, que é de manhã também o primeiro. Só tem um primeiro de manhã. Ela tava grávida e como ela teve o filho dela, ela saiu da escola.”

E: “Muita gente da sua sala já namora?”

F: “Já, não que namora, mas a mãe deixa, aí se quiser namorar namora. Mas minhas amigas namoram, tem três amigas minha que namora.”

E: “O pessoal começa a namorar com quantos anos mais ou menos lá na sua escola?”

F: “Com uns 13 anos.”

E: “Então o pessoal começa a namorar no sexto, sétimo?”

F: “Sim, pior que é, tem menino do sexto ano que é deste tamanho e já tá namorando. Mas ele escondido da mãe, não é que a mãe deixa. Aí eu falo “Meu Deus gente”. Ainda bem que minha mãe sabe pelo menos.”

Percebemos que gravidez infantil e do adolescente está bastante presente entre os entrevistados, por vezes afetando os estudos, o psicológico e a economia familiar e, assim, reproduzindo o ciclo da pobreza. Os números são alarmantes: 276.860 partos (não gravidez, partos de nascidos vivos) no ano de 2023 em meninas com 19 anos ou menos. Isso corresponde a 12% do total de partos no Brasil. 13.373 destes

partos são de meninas com 12 anos ou menos.<sup>17</sup> Os jovens relatam que começam a namorar já no início da adolescência, ou seja, no 6º ou 7º ano. Referem, porém, que aulas sobre educação sexual ocorrem apenas no 9º ano na escola deles, havendo, assim, uma lacuna de desinformação, período em que podem ocorrer a gravidez indesejada. Relataram receber educação sexual a partir da figura materna e também da UBS. Precisamos trazer informações de qualidade, em momento oportuno, de forma eficaz, para os adolescentes poderem tomar decisões informadas e consentidas, se prevenindo contra gravidez indesejada e infecções sexualmente transmissíveis. A telessaúde nas escolas novamente entraria aqui como uma solução adequada.

### **6.11 Acesso à Saúde do Adolescente na Favela**

*O que vocês sabem sobre médico, enfermeira, dentista, psicólogo? Já tiveram contato?*

M: “Pra ajudar, quem tá com problema, quem tá doente, passar medicamento.”

M: “Você não pode comer doce.” “Diabetes.”

M: “Só quando tô gripado mesmo.”

M: “Lá no Jardim ali perto da nossa escola tem UBS.”

M: “[Vamos mais na] UPA.”

F: “Não [conheço muito médico], eu conheço só os médicos que são da faculdade que a [professora do Rondon] trazia aqui na minha avó pra medicar ela. Quando eu tive a minha apendicite também. Ela trouxe o Daniel parece.”

F: “É muito difícil ficar doente, aí eu não vou [para o médico]. Posto só vou quando minha mãe precisa que eu vou. Eu só ia pegar os curativos da minha avó que ela tinha da perna e pegar as consultas dela também.”

M: “Meu primo já foi uma vez só [para o psicólogo]. Descobriu lá que ele era autista.”

---

<sup>17</sup>Ministério da Saúde, 2024.



M: Lógico [que precisa passar no médico com rotina] né, a vista, tem alguma coisa no sangue, sei lá.”

M: “Eu vou só quando eu estiver quase morrendo em casa. Eu não gosto de ir pro médico. Sai fora, ia tomar Benzetacil.”

M: “Eu fui ano passado pra ir toma o coronavírus só.”

M: “Eu chorei pra não tomar a vacina, mas eu tomei.”

M: “Eu acho que tenho diabetes. [Porque] sei lá. Quando eu corto, o bagulho demora pra fechar.”

M: “Tia, deixa eu fazer uma pergunta. 15 anos, 38 quilos, ele é normal?”

F: “Eu [tive contato com] agente de saúde.”

F: “[Eu vou] no posto.”

F: “A gente gosta de fazer check up geral todo mês.”

F: “Eu gosto de tirar sangue, por incrível que pareça. Eu falei para minha mãe que eu quero doar. Eu quero fazer doação. Aí a gente vai quase todo mês.”

F: “[Tive contato] com agente de saúde que vem em casa fazer visita, médico, cirurgiões, porque alguns amigos meus que são mais velhos que eu, alguns já viraram médicos, outros enfermeiras, então eu já conheço todos. E quando ver eles já aproveito para fazer um check up de vez enquanto.”

F: “[Os agentes de saúde] vem e marca as coisas pra você. Em mês e mês.” F: “Mas só que para você mais marcar aqui, é mais fácil você mesmo ir no posto. Se tiver WhatsApp, manda mensagem pra eles.”

F: “Eu vou direto [no posto], consulta, injeção.”

M: Eu ia antes [para o dentista]. Eu ia fazer tratamento no dente quando eu comia merda, esses bagulho de doce.”

M: “Eu ia colocar aparelho.”

F: “Eu fui uma vez fazer limpeza.”

M: “Eu nunca fui, nunca senti dor de dente.”

M: “Eu fui no dentista no mês passado para tirar um negócio que tinha no dente que tava inchado. Minha primeira vez foi mês passado.”

F: “A gente vai todo mês, pra fazer manutenção do aparelho.”

F: “Já fiz exame de vista.” F: “Eu fiz faz muito tempo.” F: “Eu gostava tanto que às vezes, aqueles negócios para ver quanto tá o grau, eles perguntam “Tá bom?” Aí eu esperava ficar lento, ficar escuro a imagem, pra eu não conseguir enxergar direito, só para mim usar óculos.” *risos* “Essa menina precisa de óculos”, mas é porque eu menti mesmo.”

M: “[Na escola] tem aquelas paradas, aquelas pessoas lá fica falando sobre esse negócio de depressão aí. Tem o Grêmio, aí eles organizam para um psicólogo conversar com os alunos sobre esses bagulho de depressão. Grêmio é o negócio organizador, o que pode melhorar, pode botar som, fazer passeio... como se fosse os organizadores da escola, são alunos que têm cargo dentro da escola, corpo estudantil. Eles chamam quem quer e fica organizando pra conversar, umas mulher traveco. Sapatão, quer dizer. Acho que [são psicólogas] porque elas ficam lá fazendo um monte de pergunta.” M: “[Participei] uma vez só. Foi mó ruim. Eles ficam fazendo pergunta lá e os outros fica chorando, se tremendo. Pessoas ficam do nada começam chorar. Nunca mais voltei lá.” M: “Eu não participei não.” M: “Eu também não, nunca fui.”

E: “Então o pessoal tá precisando disso?”

M: “Tem uns louco lá.”

E: Mas vocês acham legal ter isso na escola?

M: “Eu não. Pra quê os outros fica lá chorando quenem uns retardado?”

F: “Eles vão de um em um ano psicólogo. Porque lá na escola tem muita gente com depressão e ansiedade. Aí eles vão lá uma ou duas vezes por ano. [Vão lá] conversar com a gente, vai lá na sala ou então se a pessoa quer desabafar, chama no canto e fala, entendeu? “

*Vocês falaram que vão no posto pra tomar a vacina, todo mundo aqui toma?*

F: “Sim.”

F: “Depende da vacina. Eu ia muito pra tomar uma injeção de evitar. Eu vou, dia 20 mesmo eu tô lá.

F: “A gente tem que tomar a vacina da gripe. Só da gripe porque do COVID já tá tudo em dia.”

F: “Da COVID eu preciso tomar acho que é a quarta.” F: “É, eu também é só a quarta mesmo.” F: “Preciso tomar a terceira, mas só com 18 anos.” F: “A minha também era a quarta. A quarta é só pra idoso?” F: “Não, acho que já pode tomar.” F: “A quarta dose vai depender da idade. A quarta acho que é só pra pessoas mais velhas e alguma doença.”

*O que vocês pensam sobre as vacinas em geral?*

F: “Ah é bom.”

F: “Da COVID mesmo eu fiquei um pouco com medo. O povo falou que tava morrendo gente com essa vacina. Eu falei, ‘Vou tomar, entrego na mão de Deus, se morrer morreu, se não morreu, graças a Deus.’”

F: “Eu falei, ‘eu vou tomar’, porque vamos prevenir. Nenhuma vacina nunca deixei de tomar porque eu acho que é muito preciso a vacina.” “E talvez ela tá sendo feita seja pra prevenir algumas coisas né?” “Sim, eu acho que aquele pessoal que faz vacina, eles não iam fazer uma vacina para prejudicar as pessoas. Então acho que é de boa, seguro.”

F: “Eu tomei a primeira dose da COVID. Eu fui tomar a segunda assim que eu tinha saído da escola semana passada, só que a doutora falou assim que eu só posso tomar com o meu responsável ou então com alguém maior do que eu, entendeu? Fui eu e minha amiga porque ela foi pegar uma consulta do pai dela lá no posto, aí eu peguei e falei, ‘Vou ir porque minha mãe falou que podia.’ Mas tava podendo tomar mesmo, só eu. Só era levar meu RG e minha carteira de vacina. Só que eu

cheguei lá e ela falou que... Eu acho que também porque trocou de doutora, não era aquela.”

F: “Tem pessoas que não acha muito importante porque elas acham que não faz efeito. Mas a da COVID, várias pessoas, eu também, não acho muito importante da COVID, porque várias pessoas tomou e morreu da COVID. Então aí eu não acho muito importante a vacina da COVID. Da gripe, eu não lembro se eu tomei da gripe. Mas a da gripe faz muito tempo que eu não fiquei gripada. [...] Eu vou [achar importante dar as vacinas de criança para meu filho]. Se tiver saído a vacina de um ano, vai tomar vacina, todas. Não vou atrasar porque tem vacina também que ajuda, não vou falar que nenhuma vacina ajuda porque ajuda. Aí meu filho fica doente, ficou doente porque não tomou vacina.”

A compreensão sobre o acesso à saúde foi variada entre os entrevistados. A maioria tinha noção que o sistema de saúde funciona para ajudá-los, porém mais em caráter de urgência e não de prevenção. As meninas tinham um melhor entendimento sobre promoção à saúde e prevenção do que os meninos. Notamos a importante presença do SUS, atenção primária e agentes comunitários, mesmo nas favelas. Novamente vemos menção à saúde mental e a importância do seu cuidado para o bem estar holístico do adolescente. Os entrevistados demonstraram ter informações sobre a vacina do COVID e não houve discurso negacionista entre eles. Notamos a importância da atuação do corpo estudantil nas escolas para promover conversas com psicólogos e abordar a saúde mental. Porém, verificamos a necessidade de criação de vínculo maior entre profissional e adolescente para conseguir um resultado mais efetivo. A telessaúde proporcionaria um acompanhamento mais longitudinal, conseguindo, portanto, criar tais vínculos.

## 7. Considerações Finais

Por meio deste levantamento de dados qualitativos e análise sistemática das entrevistas mistas, esperamos ter providenciado um panorama claro e objetivo acerca da realidade da população de adolescentes do Morro do Kibon no que diz respeito ao seu bem-estar. Desconstruímos aspectos individualizados e revelamos os Determinantes Sociais de Saúde por trás de suas opiniões, decisões e condutas, incluindo aspectos de suas condições sociais, econômicas, políticas e ambientais. Retrataríamos uma instituição de ensino que tem dificuldade em manter seus alunos dentro de suas portas, tendo normas mais punitivas do que de inclusão. Mesmo aos que conseguem se manter dentro das escolas, vemos o enfrentamento de tremenda desigualdade educacional, tanto na qualidade de ensino em si quanto dos fatores por trás da qualidade de aprender (condições precárias sanitária, climática, econômica, de moradia, entre outros); isso foi mais claramente escancarado no cenário da pandemia.

Vimos a necessidade deles de trabalhar já na adolescência por conta da baixa renda familiar, sendo a realidade desses empregos, muitas vezes, ilegais, ocorrendo em períodos noturnos, em condições insalubres, competindo com os horários escolares. Encontramos conflitos em suas moradias, agravados por fatores socioeconômicos e ambientais, como o acesso restrito a serviços de saúde, pouca diversidade de formas de lazer, gravidez precoce ou indesejada, etc. Por outro lado, vemos alguns avanços na disponibilidade de tecnologias nas escolas, mesmo que restritas; vemos pais sendo apoio em questões de saúde mental e sendo educadores da saúde sexual para os adolescentes. Constatamos a presença do SUS mesmo nas favelas; e políticas públicas em prol da democratização do ensino médio surtindo efeito na expansão dos horizontes e perspectivas futuras dos nossos entrevistados.

Portanto, mostra-se necessário fomentar políticas públicas descentralizadas, que alcancem os adolescentes das favelas. Caso contrário, só continuaremos aumentando o abismo da desigualdade, o qual é deletério para saúde mental e bem estar da próxima geração, causador de isolamento social, aumento de violência e uma grande perda para o país. A tecnologia surge aqui como uma ferramenta de inclusão social. Assim, pensando nos objetivos do projeto “O Uso da Telessaúde em

Escolas Para Promover o Bem-Estar dos Estudantes: Um Experimento de Saúde Digital no Município de Santo André”, concluímos que há grande relevância e necessidade de elaborar e implementar tal projeto, principalmente em escolas com alunos em situação de vulnerabilidade. Haverá dificuldades com relação à precariedade de recursos, tanto de tecnologias e internet, porém, os primeiros passos já foram dados. Além disso, para que o sistema de telessaúde seja efetivo, terão que programar a criação de vínculo com os alunos e almejar por um cuidado longitudinal, não apenas pontual. Esperamos que nossos resultados possam ser usados como fonte de referência e guiar, de alguma forma, no design, desenvolvimento e implementação do sistema de telessaúde para contemplar as demandas reais dos estudantes desta população. À luz dessas discussões, esperamos facilitar a tomada de decisão dos órgãos públicos envolvidos na aplicação do projeto de telessaúde nas escolas públicas. Acreditamos que, ao começar pelos adolescentes, o projeto beneficiará a saúde pública como um todo.

## 8. Referências

AYRES, J.R. de C.M.; CALAZANS, G.J.; SALETTI FILHO, H.C.; FRANÇA JÚNIOR I.. Risco, vulnerabilidades e práticas e promoção da saúde. In: CAMPOS, G.W.S.; MINAYO, M.C.S.; AKERMAN, M.; CARVALHO, Y. (Orgs.) Tratado de Saúde Coletiva. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 353 a 395.

BUSS, Paulo Marchiori; FILHO, Alberto Pellegrini. A saúde e seus determinantes sociais. 17. ed. Rio de Janeiro: Physis, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/msNmfGf74RqZsbpKYXxNKhm/?lang=pt#>. Acesso em: 5 fev. 2024.

CASTRO, M. G.; ABAMOVAY M.; SILVA, L. B. da. (Org) - Juventudes e Sexualidade. Brasília: UNESCO, 2004.

CONCHÃO, Silmara A. MASCULINO E FEMININO: A PRIMEIRA VEZ: A análise de gênero sobre a sexualidade na adolescência. Orientador: Eva Alterman Blay. 2008. Dissertação (Pós - Graduação em Sociologia, do Departamento de Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CRIANÇA LIVRE DE TRABALHO INFANTIL, Redação. O que o ECA diz sobre o trabalho infantil. [S. I.], 2018. Disponível em: <https://livredetrabalhoinfantil.org.br/noticias/reportagens/o-que-o-eca-diz-sobre-o-trabalho-infantil/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

DEVAL, Juan . El Desarrollo Humano. Madrid. Siglo XXI, 1998.

HEILBORN Maria L.; AQUINO Estela M.L.; BOZON M., KNAUTH Daniela R. (Org). O Aprendizado da Sexualidade. Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz - Garamond Universitária, 2006...

LEÓN, Oscar D. Juventude e Adolescência no Brasil: Referências Conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Painel de Monitoramento de Nascidos Vivos. [S. I.] Plataforma IVISO, 2024. Disponível em: [Painel de Monitoramento de Nascidos](#)

[Vivos - Plataforma Integrada de Vigilância em Saúde - Ministério da Saúde \(saude.gov.br\)](https://vivos.saude.gov.br). Acesso em: 5 jan. 2024.

NOP. Pesquisa “Juventude: cultura e cidadania”. Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2001. Núcleo de Opinião Pública.

NERY, Carmen; BRITTO, Vinícius. Favelas e Comunidades Urbanas: IBGE muda denominação dos aglomerados subnormais. [S. l.]: IBGE, Janeiro 2024. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38962-favelas-e-comunidades-urbanas-ibge-muda-denominacao-dos-aglomerados-subnormais>. Acesso em: 5 fev. 2024.

PIMENTA, Melissa de Mattos. Jovens em Transição: um estudo sobre a transição para a vida adulta entre estudantes universitários em São Paulo. São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

RUBBIN, HGE, RUBBIN HIS. Qualitative interviewing the art of hearing data. Londres: Sage Publication; 1995.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO (Região de Adamantina). Diretoria de Ensino. Governo distribui chips com internet a alunos para o projeto “Além da Escola”, e para professores da rede estadual para a busca ativa. 2021. Disponível em:

<https://deadamantina.educacao.sp.gov.br/governo-de-sp-esta-distribuindo-750-mil-chips-com-internet-gratuita-a-alunos-e-professores-da-rede-estadual/>. Acesso em: 4 dez. 2023.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ. Prefeitura de Santo André entrega 8.500 tablets para alunos e professores da rede municipal. 201. Disponível em: [Secretaria de Educação de Santo André | Prefeitura de Santo André entrega 8.500 tablets para alunos e professores da rede municipal \(educaon.com.br\)](https://secretaria.educacao.santoandre.sp.gov.br/secretaria-de-educacao-de-santo-andre-prefeitura-de-santo-andre-entrega-8-500-tablets-para-alunos-e-professores-da-rede-municipal/). Acesso em: 10 dez. 2023.



SILVA, Gerardo. Refavela: notas sobre a definição de favela. Lugar Comum, Rio de Janeiro, ed. 39, p. 37-43, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/50827/27570>. Acesso em: 5 fev. 2024.

TANCREDI, Silvia. Enem 2023: Nordeste é a região com mais notas 1.000 na redação. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/enem/enem-2023-nordeste-e-a-regiao-com-mais-notas-1000-na-redacao/355826.html>. Acesso em: 22 jan. 2024.

TOMESANI, A., BRAGA, C., RICARTE, J. e MASCHIETTO R., Nexo- Políticas Públicas: Fevereiro de 2024. Relatos da pandemia: a necessidade de pensar medidas voltadas às periferias em situações emergenciais. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/ponto-de-vista/2024/02/06/relatos-da-pandemia-a-necessidade-de-pensar-medidas-voltadas-as-periferias-em-situacoes-emergenciais>  
Acesso em: 5 fev. 2024.

### **Sites a consultar**

[www.redesaude.org.br](http://www.redesaude.org.br)

[www.unicef.org/brazil](http://www.unicef.org/brazil)

[www.seade.gov.br](http://www.seade.gov.br)

[www.projetojuventude.org.br](http://www.projetojuventude.org.br)

[www.fpabramo.org.br](http://www.fpabramo.org.br).

[www.saude.gov.br/editora](http://www.saude.gov.br/editora)

[www.fsp.usp.br/rsp](http://www.fsp.usp.br/rsp)

[www.unesco.org.br](http://www.unesco.org.br)

[www.isaude.sp.gov.br](http://www.isaude.sp.gov.br)

<http://portal.saude.gov.br/saude>.

[www.projovem.gov.br/2008](http://www.projovem.gov.br/2008)

[www.mds.gov.br/servicos](http://www.mds.gov.br/servicos)

## 9. Anexos

### 9.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Prezado(a) Sr(a), venho por meio deste termo, convidá-lo (a) a participar voluntariamente da pesquisa **Adolescentes & Telessaúde**

Este levantamento de informações tem por objetivo **coletar dados para o desenvolvimento da pesquisa de título *Se Liga na Saúde da Galera - um levantamento sobre a adolescência na periferia de Santo André*, dentro do Projeto *O Uso da Telessaúde em Escolas Para Promover o Bem-Estar dos Estudantes: Um Experimento de Saúde Digital no Município de Santo André***

Notifico que as identidades dos participantes serão mantidas sob sigilo, isto é, não serão reveladas publicamente, seja por via oral ou escrita. Assim, esta pesquisa não oferece risco à integridade física ou moral de seus participantes, sendo garantida a possibilidade de abandoná-la e de retirar o consentimento de sua participação em qualquer momento de seu desenvolvimento, sem a incidência de qualquer ônus.

Agradeço de antemão a sua atenção,

**Pesquisador (a): Elizabeth Miura Miyasaka**

Eu, ..... declaro estar ciente da finalidade desta pesquisa, estando de acordo em participar voluntariamente do questionário, do grupo focal ou da entrevista, no caso.

Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Qualquer dúvida ou informação adicional entrar em contato com: \_\_\_\_\_

Comissão de Ética em Pesquisa/FMABC (tel: 4993 5453)

Departamento de Saúde da Coletividade/FMABC (tel: 4993 5443)

## 9.2 Transcrição Grupo Focal #1

E: Cada um já falou o nome né então fala a idade de novo.

M: 15 anos, Micael.

F: Felipe, 14 anos.

J: João, 17.

K: Karina, 18.

S: Samuel, 14.

P: Pedro, 14.

E: Todo mundo vai para a mesma escola?

A: Sim.

E: qual escola que é mesmo?

A: [Nome da escola].

E: Você está na escola também?

K: Estou, de noite. Sou do EJA.

E: EJA, que é outra escola.

K: Não. É na mesma.

E: Qual ano vocês estão?

A: 8o. 9o. 9o. 8o.

A: Nois é tudo repetente.

*risos*

E: 8o. 9o.

A: 2o.

E: Vocês moram com quem na casa?

A: meu pai e minha mãe.

A: meu pai e minha mãe.

A: minha mãe.

A: meu pai e minha madrasta.

A: meu pai e minha mãe.

K: meu pai e minha mãe e meus irmãos.

E: Quantos irmãos você tem?

K: tenho muito. Tenho 11 irmãos.

A: Nem dá para contar. Eu acho que não dá.

E: 11 e mais você? Caramba. E todo mundo mora junto?

K: Não. O resto tudo é casado, dois tá preso.

*risos*

A: dois ta preso.

*risos*

*[inaudível]*

K: eu sou o que? Muda?

A: esperando a liberdade.

E: Mora quantas pessoas na sua casa então?

A: 6.

E: E vocês não tem irmãos?

A: Eu tenho uma irmã.

E: e mora com vocês?

A: Sim.

A: Tenho. Mora eu e meu pai e minha irmã pequeninha.

A: uma irmã também mora comigo.

A: Eu tenho três irmãos mas tá tudo na Bahia. Dois né, que comigo é três.

E: Então mora só seu pai, sua madrasta e você mesmo?

A: e minha irmã de consideração.

A: eu tenho três irmãos.

E: que mora junto com você?

A: sim.

A: Dois.

E: dois irmãos que moram juntos?

A: eu tenho quatro irmãos, só que o que mora junto é um.

E: então só você, seu irmão e seus pais? Qual que é a profissão dos seus pais?

A: Um trabalha de pedreiro e a minha mãe trabalha em casa fazendo comida e lavando a louça.

*risos*

E: Felipe?

A: minha mãe trabalha no mercado e o meu pai na linha de trem.

A: minha mãe não trabalha.

K: minha mãe não trabalha também. Só meu padrasto, é pedreiro.

A: meu pai trabalha de pedreiro. Minha madrasta trabalha olhando duas crianças.

A: meu pai trabalha em retífica de carro.

E: Agora essa pergunta é mais longa aí vocês podem falar quanto vocês quiserem. Então, como que é a sua rotina desde que você acorda até você dormir de segunda à domingo? Vocês trabalham...

A: acorda, toma banho, vai para escola, chega...

A: Não, calma. Tem que escovar o dente também né.

A: olha o outro...

A: dentadura né, não pode faltar.

*risos*

E: não precisa ser tão detalhado. Você acorda que horas?

A: 6 horas.

E: 6 horas você acorda para ir para escola que horas?

A: 7h.

E: e aí você fica até meio dia?

A: 12h35.

E: Aí você volta...

A: e fico em casa, parasitando.

E: fica em casa estudando? o que você faz?

*[inaudível]*

A: eu chego em casa e fico mexendo no celular. Só.

E: mexendo no celular... só?

E: você vai dormir que horas?

A: umas 11, meia noite.

A: eu vou dormir 4 horas da manhã assistindo filme.

A: Não faz nada da vida.

E: que filmes você assiste?

A: sei lá, qualquer um que aparece lá e dá vontade de assistir.

E: na Netflix?

A: maiores de 18.

A: maiores de 18.

*risos*

E: na netflix que você assiste?

A: É.

E: aí você acorda que horas?

A: meio-dia.

E: Você não vai para escola de manhã?

A: Ele nem estuda.

A: Ele nem estuda, é vagabundo.

A: ele foi expulso da escola.

A: ele ficava matando aula, queimando as cortinas.

A: rasgando as cortinas.

E: você vai participar também? Qual que é seu nome?

A: *inaudível*

E: você tem quantos anos?

A: 15.

A: ficava quebrando as cadeiras...

A: calma filho, calma. Você nem sabe o que aconteceu. Você nem ia. Você também foi expulso que você não foi.

A: para gordão.

A: Cala a boca mano.

A: Ele tá falando de mim, eu estou falando dele. Vai miséria.

E: você tá em qual ano?

A: 9o.

A: vocês parecem duas crianças discutindo.

E: você não tá indo pra escola esses dias?

A: ele foi expulso.

A: Foi expulso no mês passado.

A: não, não fui expulso. O meu pai foi lá...

A: e se demitiu.

A: Foi. Ele queimou a cortina da escola.

A: não, esse daí foi o ano passado.

*risos*

A: é, foi expulso o ano passado e esse ano.



A: Ele tacou a borracha na testa da professora.

A: É, é isso mesmo.

A: e ficava sentado em cima da mesa e ela quebrou.

A: cala a boca, você foi expulso também porque você não ia para escola enquanto ele dormia.

A: pera aí parça, deixa o cara falar.

E: mas você tá no 8o? calma, explica.

A: o ano passado eu fui expulso porque eu rasguei a cortina da escola.

A: quebrou a mesa.

A: eu não quebrei a mesa não.

A: queimou a cortina.

A: cala a boca desgraça. Quem tá falando é eu.

A: ...vai tomar um sova também.

A: aí eu fui expulso. aí quando foi esse ano eu voltei para lá de novo.

E: no 8o também?

A: Sim, porque eu repeti. Teve umas brigas lá das meninas aí botaram o meu nome no meio e eu fui expulso. Aí me deram advertencia e a mulher falou que não era mais pra eu comparecer na escola então eu fui expulso né. Aí meu pai vai me botar em outra escola.

E: mas você não tinha brigado?

A: Não. Mas a briga foi por causa de mim.

E: as meninas brigaram por causa de você?

A: ela botou apelido na menina e a outra que não gostava dela achou ruim e brigaram. Falaram que eu estava atentando muito aí eu ia passando e o moleque tacou a borracha em mim. Eu fui tacar nele e a professora apareceu na frente, pegou na testa dela.

*risos*

A: aí ela me pegou assim pela mão e rasgou meu braço.

A: e na orelha também, eu lembro.

A: foi, pela orelha também. Eu mandei ela me soltar, ela não me soltou. Dei um tapa nela aí...

*risos*

E: você deu um tapa na professora?

A: você deu um tapa na professora? *risos* Cacete.

E: então agora você não pode ir pra escola?

A: posso.

A: não. Na [nossa escola] não.

A: Só em outra.

E: Quando que você vai na outra?

A: mês que vem.

E: então nesses dias o que você tá fazendo o dia inteiro?

A: andando de bicicleta *risos*

A: Que andando de bicicleta? Sua bicicleta tá quebrada.

A: É, quebrou antes de ontem.

E: você tá estudando em casa?

A: estou.

A: gordão, fala a verdade.

A: de vez em quando eu leio um livro.

A: mentira, gordão. Para de mentir.

A: pergunta pro meu pai. Meu pai bota pra eu ler.

A: só se for a Bíblia que seu pai falou pra você ler.

E: que livro você lê?

A: Bíblia. Pai dele é da igreja.

E: Bíblia. Que mais?

A: só. Passo o resto do dia andando de bicicleta, fumando narguile. Mentira, fumo só de vez em quando. Meu pai nem deixa. Vai saber, que tá gravando.

*risos*

E: João, quer falar do seu dia?

A: Mesma coisa que o dele. Eu vou no mesmo horário que ele para a escola. Eu sou da sala dele.

A: Você tá gravando essa reportagem?

E: Tudo.

A: Meu Deus, mano.

E: Mas não vai saber.

E: Vocês são da mesma sala?

A: Nós três aqui.

E: você acorda também cedo, vai pra escola, aí depois você volta e faz o quê?

A: De vez enquanto vou trabalhar. De vez em nunca.

E: Quando que você vai?

A: Quando eles chamam.

E: Esporádico? Você trabalha do quê?

A: Pipa. Fazendo pipa. Aí ando de bike e fumo narguile. Só.

A: Fica no parquinho escondido. Vai no parquinho de vez em quando, João?

A: Vou para escola no mesmo horário que eles. Chego em casa, como, vou andar de bike, saio para rua com eles junto.

E: Você não trabalha também?

A: É o grupinho, tudo.

*risos*

A: Não, mas eu queria.

K: Eu acordo 7 horas, vou botar minhas irmãs no projeto, chego, limpo a casa.

E: Que projeto?

A: do Irmã Marli.

E: Vocês também são?

A: Não.

*Uma das entrevistadas dá um tapa na cabeça de um dos entrevistados*

A: Ai caralho.

K: É para você parar de rir.

A: Eu estava rindo porque eu estava [*inaudível*]

A: Eu não estava rindo não.

K: É, estou vendo.

E: Você vai na escola junto com eles? Não, você vai a noite. Mas você acorda cedo por quê?

K: Eu acordo 7 horas porque eu levo minhas irmãs.

E: Para o projeto, todo dia?

K: Todo dia. Eu chego, limpo a casa, faço minha lição de casa. Depois eu vou para escola, chego 23 horas.

E: Que horas você vai para escola?

K: Eu vou as 19h.

E: e volta às 23h?

K: 23h. Chego e assisto um filme. Tem vezes que eu vou dormir.

E: As vezes você não dorme?

K: Não. *risos*

E: geralmente você dorme que horas?

K: Antes de ontem eu fui dormir 4h da manhã, assistindo filme.

E: Tudo no Netflix que vocês assistem?

K: Não. O meu é na televisão mesmo, normal.

E: Você não trabalha também?

K: Não, eu estava trabalhando no salão mas saí porque era muito longe, era lá no centro.

E: Vocês já trabalharam?

Adolescentes: Eu já.

A: Eu já, com o meu pai.

E: Para o seu pai?

A: Eu já trabalhei no mercadinho.

E: De ganhar dinheiro?

A: Fazendo as contas.

A: É mas faz tempo.

A: Só de domingo.

E: Todo domingo você trabalha? Alguém trabalha de final de semana?

A: eu nunca.

A: com o meu pai.

E: Só as vezes então. O seu é todo domingo? Você trabalha aonde?

A: Bar.

E: Fazendo o quê?

A: Narguile.

A: Montando dose.

A: Dose.

A: Bebida.

E: É o dia inteiro?

A: A noite inteira.

E: De que horas até que horas ?

A: Das 23h até às...

A: 2h da manhã por aí.

A: 3 ou 4h.

A: aí no bar do Léo.

E: No bar do Léo. Vocês também trabalham lá às vezes?

Adolescentes: Não.

E: Só você mesmo. E quem mais que trabalhou?

A: Eu trabalhei já.

E: No mercado.

A: Sim.

E: Todo dia ou é só...?

A: Todo dia, colocando os preços nas compras.

E: De que horas a que horas? Quantas horas por dia?

A: Acho que umas 4 horas.

E: Por que você parou?

A: Eu fui crescendo e mudei. Fui pra Bahia. Aí voltei de novo.

E: Você falou que trabalhava no salão né? Só de final de semana?

K: Não, todo dia das 6h às 5h da tarde.

E: 6h da manhã?

K: É.

E: Nossa, bastante. E você ia para a escola à noite também?

K: Sim. Mas aí como eu estava parando na escola, aí eu não ia pra escola. Só ia para o trabalho e ia para casa.

E: Aí você ficou parada na escola? Quanto tempo?

K: Fiquei bastante. Aí eu repeti. Era para mim ter acabado esse ano.

E: Você está no segundo né? Vai acabar ano que vem né?

K: Isso.

E: Alguém mais quer falar do dia a dia? Agora a pergunta é: era diferente a rotina antes da pandemia? Mudou alguma coisa durante a pandemia e depois?

A: Mudou só que eu comecei a fumar narguile. Só isso que mudou.

E: Só isso que mudou?

A: Eu jogava bola também, aí eu parei.

A: E arrumar as namoradinhas né, João.

A: Não, aí eu continuo, filho. Continuo, isso daí, não parei.

E: O que mudou Felipe?

A: Antes da pandemia eu não saía de casa nunca porque meu pai não deixa.

*risos*

E: antes da pandemia você não saía?

A: não podia sair [*inaudível*].

A: E eu não podia sair no Natal.

A: E eu estudava de tarde só.

A: [*inaudível*] ficou de castigo no Natal.

*risos*

E: Durante a pandemia mudou alguma coisa para vocês?

A: Para mim não mudou nada.

A: O perfume do cigarrinho de papel.



A: Depois da pandemia, eu estava na Bahia e vim para cá. É isso aí.

E: Vocês não moravam aqui antes da pandemia?

A: Não.

Adolescentes: Eu morava.

E: Todo mundo morava menos você.

A: Eu vim para cá em 2018.

A: Eu fui o primeiro a morar aqui na invasão, nessa invasão aqui.

A: Você morava aqui, você e os matos aqui né.

*risos*

E: Mas de verdade?

A: Minha mãe.

A: Mãe e pai dele aprenderam, foi o primeiro.

E: Mas aí você voltou para Bahia durante a pandemia?

A: Não, faz tempo.

E: Então durante a pandemia todo mundo estava aqui?

Adolescentes: É.

E: Não mudou nada, tipo a escola ficou igual?

Adolescentes: Mesma coisa.

A: A única coisa que mudou foi que eu parei de jogar sinuca.

A: Não, a escola mudou né parça, que era uma semana cada sala né parça.

A: Quando a pandemia acabou aí voltou as aulas, estava separado. Cada sala era separado em dois grupos. Uma semana ia um grupo, na outra ia outro.

E: Por quanto tempo isso?

A: Acho que uns dois meses.

E: Durante a pandemia vocês estavam tendo aula online em casa?

Adolescentes: Sim.

A: Mas pouca gente fez. Eu também quase não fiz porque era ruim de fazer.

A: Eu nem participava.

Adolescentes: Nem eu.

E: Por que era ruim?

A: Mudou o valor do Grêmio lá, João.

A: Não dava para fazer aula direito. O aplicativo lá travava demais. Aí eu parei de estudar também, na pandemia.

E: Vocês faziam pelo celular?

A: da minha mãe, porque eu não tinha.

E: Quem que tem celular aqui?

A: Todo mundo.

A: menos eu.

K: O meu quebrou.

E: E computador? Alguém tem?

A: Não.

E: Laptop, tablet?

A: Não.

A: Ninguém.

A: Laptop?

*risos*

E: Laptop é aquele computador que fecha.

A: João, você é burro hein.

A: Laptop é aquele negócio que fica...

A: [Nossa escola] é foda.

E: Então quando vocês assistiam aula era tudo no celular?

A: Sim.

E: Vocês tinham celular naquela época?

A: Não.

A: Eu tinha só que o meu quebrou na pandemia.

A: O meu detonou inteiro.

A: A minha madrasta jogou dentro do copo de café com raiva de mim.

A: O meu liga até hoje.

A: Está tudo preto né?

E: No primeiro ano da pandemia vocês tinham lá para 11, 12 anos né?

A: Eu tinha uns 14, 13.

[15:00]

A: Na pandemia eu acho que eu tinha uns 8, 9.

A: Olha o outro mano. Você tem 15. Você tinha uns 10 ou 11 viado.

A: É, é isso mesmo.

*risos*

E: Logo que começou a pandemia vocês começaram a ter aula online?

A: Não, a escola parou um tempo.

E: Vocês lembram quanto tempo parou?

A: 1 mês eu acho parou aí depois começou esse negócio de aula online aí.

E: Começou a aula online aí ficou 2 anos mais ou menos, online?

A: É.

E: Vocês fizeram então o sétimo e oitavo online?

A: eu repeti na pandemia porque eu não fui para escola 1 ano.

A: É analfabeto.

A: eu tô desde o terceiro ano.

A: aí voltou em outubro. Aí eu não fui para a escola e repeti.

A: Ele é analfabeto.

*risos*

A: Nunca repeti.

A: É, eu que sou analfabeto. Eu que não sei escrever o meu próprio nome.

E: Você fez direitinho a aula na pandemia?

A: Eu era muito nerd.

E: como que foi então para você que você fez as aulas?

A: Muito ruim.

A: Você fez aula online?

A: lógico. Foi por isso que não repeti.

E: Mas você assistia todo dia as aulas e fazia direitinho? Lição de casa tinha?

A: Sim.

E: Você achou diferente online do presencial?

A: Claro. Muito ruim online.

E: O que é ruim?

A: o povo fica mandando áudio lá. 500 áudios lá no celular e o celular...

*risos*

A: 500 áudios.

*risos*

E: O que é diferente?

A: Não era chamada de vídeo não?

A: As vezes só. As vezes era mensagem.

A: As vezes passava na TV a aula.

A: Na televisão?

A: No canal lá, TV Escola. Tinha que assistir e responder as questões.

E: Dava para aprender?

A: Não.

A: É porque não tinha explicação.

A: Na Bahia...

A: Na Bahia é aquelas TV de tubão né?

A: não, cala boca mano. *risos*

A: é não, é de argila. *risos*

*risos*

A: Na Bahia eu passei porque os professores eram gente boa.

E: O que é bom do presencial?

A: Tudo.

A: Dá para aprender melhor o que os professores falam, explicam. Se você tem alguma dúvida da pra tirar lá na hora.

A: Na Bahia era bom porque eu tinha *privacidade*.

A: *privacidade*, é isso mesmo.

A: O que isso significa?

A: *privacidade*?

*risos*

A: Quando eu era pequeno eu ficava pelado.

A: Todo mundo, filho. Na Bahia é assim quando eu era criança.

A: Só vocês. Eu não sou da Bahia.

A: Ainda bem que eu não sou da Bahia.

A: Nós comíamos lama.

A: Credo.

*risos*

A: Por isso que eles tem essa mentalidade deles aí. Comendo bosta lá na Bahia.

E: Fora a escola, mudou alguma coisa na vida?

A: Não.

A: mudou que eu cresci.

A: Mudou que eu fiquei mais bonito.

A: Mudou que o Bolsonaro veio aí, para destruir tudo.

A: Ficou mais bonito não.

A: Fiquei.

A: A escola te deixou mais bonito?

A: Não, a pandemia.

A: A pandemia?

A: Deixou você mais gordo só.

*risos*

A: 'Deixou você mais gordo' é foda.

E: Deixa eu perguntar então a próxima. O que que vocês querem fazer no futuro?  
Profissão...

*risos*

A: Ele quer usar drogas.

*risos*

A: Eu queria ser jogador de futebol mas agora nem briso mais.

E: É? Por quê?

A: Eu também.

A: Eu parei de jogar bola.

A: O Ricardo quer ser jogador de sinuca.

E: Você era bom?

A: Eu jogava.

A: Daqui para frente eu quero trabalhar, comprar minha moto e sair de pião.

*risos*

Adolescentes: Eu também.

A: Mesma fita.

E: Comprar moto...?

A: Meu sonho é comprar uma moto e dar uma casa para minha família.

E: vocês vão terminar a escola e aí?

A: eu vou trabalhar.

A: Vou fazer faculdade.

A: Pagar R\$5.000 por dia.

E: Faculdade do que?

A: Não sei.

E: Vocês vão tudo fazer faculdade?

A: Eu vou.

A: Também vou.

E: Mas você não sabe ainda do que?

A: faculdade da vida.

A: A como aprender a acordar cedo para poder dormir.

A: Quero fazer esses bagulhos de instalar câmeras, deve ser chave.



A: Instalar câmeras?

A: É. Que nem o Carlos foi trabalhar um dia.

A: É, o Carlão. Falando dele, ele falou que ia participar mas o moleque sumiu.

E: E por que você parou de jogar futebol?

A: Comecei a andar de bike. Cansei do futebol.

A: Agora o nosso esporte é gral.

A: Gral faz parte.

E: Você pensa em fazer o que depois que terminar?

K: Cabelereira.

A: Aí você tem que fazer curso né?

K: Isso.

A: Gral é arte e a arte faz parte.

E: Alguém já sabe o que vai fazer de faculdade?

A: Eu sei. Eu queria fazer aula de *tecnologia*.

A: Eu não faço ideia.

A: *tecnologia risos*

A: Tecnologia. Depois eu que sou analfabeto.

*risos*

A: *Tecnologia*. Tá errado é?

E: E você que estudou para caramba?

A: Sei lá, não sei não.

E: Trabalhar do que você quer? Também não sabe?

Adolescentes: Tabacaria.

A: Eu quero uma tabacaria.

[20:00]

A: Faculdade acho que de administração. Aí por exemplo se tiver alguma loja...

A: Queria ser fiscal.

A: é esse daí mesmo.

E: Administração é uma boa.

A: administração aí você vai lá, faz uma tabacaria lá. Você vai administrar seu negócio, filho.

E: Tem bastante emprego de administração.

A: Felipe, inteligente. Estudioso o Felipe.'

A: eu já fiz curso.

A: Você é um analfabeto.

E: O que te o que te deixa feliz? Agora é uma pergunta profunda.

A: Gral. Gral me deixa feliz.

A: O que me deixa feliz?

A: O que me deixa feliz é quando eu vou andar de bike com meus parceiros.

A: É isso daí. O que me deixa feliz é ficar do lado dos meus amigos.

E: Todo mundo igual?

A: Vê minha família bem também.

A: É isso daí também, vê minha família bem, do lado dos amigos dando gral, conversando.

A: você nem sabe.

A: deixa o cara. Vai ficar desmerecendo, filho.

A: Tá, você sabe, viu gordão.

E: Vocês têm bastante amigo?

[inaudível]

E: Os seus amigos são mais da onde?

A: daqui. Nossos amigos aqui é nós.

E: Esse grupinho aqui?

A: tem mais dois.

A: Tirando o gordão e colocando o Carlos.

E: O que te deixa feliz?

K: Família.

E: Família é muito importante né.

A: colando com os verme lá no parque.

A: que com os verme? nem sabia que vocês tinham briga com aqueles moleque.

A: tinha mais três mas aí se envolveu com umas coisas erradas aí.

E: Tão aonde agora?

A: um tá aí no DP hoje. Outro tá aí jogado.

A: assalto à mão armada. Mentirosos.

A: querendo matar os outros, mentirosos.

A: ele queria virar o Lázaro.

*risos*

A: Tá no VivaABC.

E: Agora a outra pergunta profunda. tem algo que te faz triste?

A: quando o meu bike tava furado o pneu e eu não posso sair andar de bike aí eu fico muito triste.

A: quando eu fico de castigo eu não posso sair de casa, aí eu fico bravo.

A: também.

A: eu também.

E: Seus pais te deixam muito de castigo?

A: Sim... eu fico bravo quando a internet cai.

E: O que vocês fazem para os seus pais te deixar de castigo?

A: Sei lá, qualquer coisinha.

A: comigo também quando minha mãe não deixa eu fazer o que eu gosto e quando meus amigos fica metendo louco aí, me abandonando.

*risos*

A: você que se abandona.

A: faz mó cota que eu não fico de castigo.

K: Quando eu fico doente.

E: Quando foi a última vez que vocês choraram?

A: quando minha mãe morreu eu acho.

A: faz tempo que eu chorei.

A: Também, mês passado acho que foi.

A: Eu choro direto. Eu chorei semana passada que meu pai não deixou eu sair de casa e o pneu da minha bike furou.

A: semana passada que minha mãe me deu um pau, quando eu não queria ir pra escola.

E: quando não queria ir pra escola?

A: não, quando eu fui pegar a roupa no guarda-roupa aí eu não tava achando, eu pedi a roupa por ela, ela não quis pegar. Eu falei “então eu não vou pra escola não”, ela pegou e me deu um bocado. Eu fiquei chorando.

E: e teve alguma vez que vocês choraram muito?

A: mês passado.

E: porque você chorou?

A: Porque assim né eu não moro com meu pai tá ligado, aí a mulher dele me bloqueou no Whats, aí eu já fiquei já querendo matar ela.

A: e quando nossos amigos puxa um tapa na cabeça nossa.

*riros*

A: não, você chorou isso aí?

A: Naquele dia chorei.

A: quando tem quando vocês tem uns amigos assim, ó que você não pode falar nada de errado, ele já vem já puxar a manta, dá vontade de chorar parça.

A: Então é só não falar nada do nosso lado.

A: Não, tudo de vocês é pra bater.

A: Claro, você fala coisa errada, filho.

E: mas o seu pai mora muito longe?

A: eu nem sei onde ele mora. Em Utinga, alguma coisa assim.

E: Ah então você não conversa com ele?

A: não porque a mulher dele me bloqueou.

E: mas voce não tem o celular dele?

A: O Whats dele tem, mas ela me bloqueou.

E: Ah, bloqueou no Whats dele?

A: ela bloqueou eu, a mãe dele.

E: ah por quê?

A: achando que eu vou roubar ele dela.

*risos*

A: Oxe sério? Sério isso aí, João?

A: é triste. É o que minha vó me falou.

A: Não pode ficar rindo disso daí não, essa coisa é sério.

A: Você que riu.

A: foi mesmo, animal.

A: vai tomar duas manta.

K: Eu chorei ontem. Quando assisto filme triste. É que eu sou Aquariana.

A: Eu chorei hoje quando [*inaudível*].

E: e o que que vocês fazem quando se sente triste?

K: eu vou dormir pra esquecer.

[*inaudível*]

E: você tá chorando?

A: tá.

A: é de mentira.

A: sabe chorar de mentira.

E: O que vocês fazem quando vocês ficam triste? Que vocês fazem para lidar quando se sente triste?

A: Ou eu falo com as minhas amigas ou eu vou andar de bike com eles.

A: eu deito e durmo pra esquecer.

A: Eu vou andar de bike.

A: eu saio de casa.

A: é que nem eu.

A: eu uso o celular ou vou para o parque.

E: Tem alguém que vocês podem conversar? É os amigos?

A: a nossa vida aqui é brincar com eles e conversar, andar de bicicleta.

E: Vocês já perderam o sono alguma vez, não conseguem dormir?

A: Todo dia.

E: Você já dorme tarde. Mas tipo alguma vez que vocês estão tentando dormir e não conseguem.

A: Ah ja.

A: Acontece com mim quatro vezes.

A: Ano passado quase o ano todo eu não dormia para ir pra escola.

A: eu também, jogando no celular, jogando Free Fighting.

E: porque?

A: eu não conseguia.

A: só quando e tô bastante ansioso.

E: mas vocês tipo não dormiam porque não queria dormir ou não conseguiam?

A: Não eu tentava dormir e não conseguia.

A: Eu tentava dormi e nao conseguia, jogando Free Fighting.

E: e porque?

A: é só quando eu tô ansioso assim tipo para eu ir para um lugar muito importante assim quando eu quero comprar alguma coisa no outro dia.

E: Então é mais tipo ansioso de feliz, de fazer alguma coisa. E vocês vocês sabem por quê?

A: Sei la, fico pensando no nada lá. Aí eu capotava sozinho.

A: Eu jogava Free Fighting aí perdia o sono do nada.

E: É videogame.

E: E você Felipe, tipo você sabe por que que às vezes você não conseguia dormir? Perdeu o sono por quê?

A: pensando na minha mãe.

E: Na mãe? por quê?

A: Porque ela tava doente ano passado.

E: Ah tá aí você ficava preocupado? Tá e você conseguia conversar com alguém sobre isso?

A: ele não falava com ninguém, só com o pai dele eu acho.

A: para dois amigos meus só.



E: O que sua mãe teve?

A: Depressão, uns negócio aí.

E: ela conseguia passar no médico?

A: Sim.

E: E ela melhorou?

A: Ela tá melhor graças a Deus.

E: Ah que bom, ela consegue passar com o psicólogo essas coisas?

A: só que ela tá afastada do trabalho por causa disso daí.

E: vocês têm medo de alguma coisa?

A: tenho medo de morrer.

A: eu tenho medo de perder a minha mãe.

A: também, minha mãe e meu pai.

A: ano passado era isso meu medo, que eu não consegui dormir, de perder minha mãe.

A: eu tenho medo de perder meus amigos, minha mãe e minha família.

E: vocês já perderam alguém na família ou alguém próximo?

K: tudo mundo já perdeu.

A: não, próximo não, só bisavó.

a: próxima só minha bisavó também.

A: meu vô, minha vó e meu tio.

A: Nossa se o Carlão estivesse aqui ele ia chorar agora.

A: perdi meu primo, perdi minha avó e meu avô, parte do pai os dois.

A: ele perdeu o padrinho dele que ele gosta pra caramba.

K: eu perdi minha vó e duas tias.

E: Tudo problema de saúde, de idade?

A: morreu de sei lá, acho minha avó tinha diabetes.

A: Minha minha vó morreu de cachaça.

A: acho que minha bisavó morreu de velhice mesmo.

A: meu primo morreu num acidente de moto.

A: o meu avô influenciou a minha vó tomar cachaça, ele matou minha vó de cachaça. Ela morreu de cachaça, e o meu avô também morreu de cachaça, e o meu tio também morreu de cachaça. Cirrose.

*risos*

E: vocês têm medo de mais alguma coisa além de perder família?

A: De vez em quando assim quando eu tô andando sozinho assim dá maior medo de um cara vem me mata.

A: Tenho medo de sapo.

K: também, tenho pavor, e é mais na chuva meu Deus.

A: Sabe o que eu tenho medo também? Macumba. Tem umas macumba lá em baixo. Lá na rua da minha vó é cruzilhada.

A: toda cruzilhada tem macumba.

E: Mas vocês têm medo disso?

A: Tem.

A: lógico.

E: por quê?

A: porque eu não sei se é pra mim.

A: porque macumba é coisa de demônio.

A: não, não tenho muito medo assim medo medo.

A: você é baiano.

A: mas tá ligado, Deus tá por nós aqui.

E: Gente tem coisa que te deixa nervoso, alguma coisa? na escola?

A: quando eu tô de castigo.

A: quando os moleque puxa a manta de mim eu fico nervoso também.

K: eu tenho raiva quando ri, da risada, aquela risadinha.

E: Quem dá risada?

K: sei lá.

*risos*

K: tipo ele, tenho raiva, sei lá. Você viu que eu dei uma tapa? Dá ódio, estresse.

E: e nervoso de ficar ansioso?

K: só quando meu padrasto e meu irmão briga. Aí eu fico nervosa. Uma vez ele brigou e ele pegou no pescoço de um. Aí eu só posso desmaiar, tenho problema no coração né?

E: O que você tem?

K: meu peito incha, sei lá, fica grande, aí tem que passar no médico, aí eu não posso passar nervoso.

E: E brigam muito?

K: não, agora parou. só por causa da minha mãe que minha mãe tá com depressão agora.

E: Ah tá. Mas ela consegue ir acompanhar com psicólogo?

K: não, ela não consegue sair da casa, mas vai tentar sair amanhã.

E: Mas ela acompanha com médico?

K: não, ela não quer passar no médico.

E: por quê?

K: porque ela tem medo de ficar internado, ela tem um nenê pequeno que não dorme sem ela, então ela tem medo.

E: mais alguma coisa deixa ansioso? nada na escola, em casa?

A: eu tenho ansiedade.

E: você tem?

A: ele tem ataque.

A: Quando eu vou arrumar um bem material. Quando eu vou arrumar meu celular ou minha bike.

E: até ele ficar pronto? Até ficar arrumada?

A: sim.

A: quando eu fiz alguma coisa errada aí meu pai fala que vai falar comigo. Será que ele vai me bater? Será que eu vou morrer hoje?

A: aí eu já vou lá quando minha mãe quer me bater eu já vou colocar roupa, roupa de frio, coloco três cuecas, calça.

*risos*

A: eu também era assim.

A: uma vez a minha mãe falou que ia me bater, eu me enchi de roupa, coloquei quatro calças de frio, colocava uns par de meias.

*risos*

A: enrolava em coberta.

A: mas você não acredita mano, quando meu pai me dava surra eu mijava na roupa. Toda vez que ele falava “vou bater em você” eu mijava na roupa.

E: mas vocês ainda apanham?

A: Faz tempo que eu não apanhei.

E: Vocês estão mais comportada agora.

A: Eu tô, tá mais adolescente.

E: Agora é uma pergunta diferente: o que vocês sabem sobre médico, enfermeira, coisa de saúde?

A: pra ajudar, quem tá com problema, quem tá doente, passar medicamento.

A: você não pode comer doce.

A: diabetes.

E: Vocês passam no médico com regularidade ou só quando tem emergência? Eu preciso ir no pronto-socorro porque ia acontecer alguma coisa.

A: Só quando tô gripado mesmo.

A: todo mundo quando tá gripado vai.

E: tem médico aqui perto?

A: Lá no Jardim ali.

A: Perto da nossa escola.

A: UBS.

E: entendi, vocês vão mais na UBS. Pronto Socorro, UPA?

A: UPA.

A: Eu também.

A: Eu vou lá na perimetral.

A: É isso mesmo.

E: E vocês iam no pediatra quando eram crianças?

A: Sei lá nem lembro.

A: eu já fui no psicológico que eu ficava comendo lápis, borracha. Ainda como.

*risos*

E: você ia no psicólogo de verdade? com quantos anos?

A: 10, 11, e até agora eu sou meio ansioso.

E: até agora você vai no psicólogo?

A: não, até agora não, já faz um tempo.

E: é lá no CAPS?

A: sim.

A: Quando ataca a ansiedade dele, ele começa a se comer. O pé dele pode estar preto igual carvão, e ele roendo os dedos.

E: e como que é a ansiedade?

A: Ansiedade é forte.

E: o que que você sente?

A: Com medo, nervoso, comendo assim.

E: você fica mordendo o dedo?

A: ele come o dedão, filha.

E: mas agora também?

A: Não, agora não. Só quando bate a ansiedade.

E: Quando que bate a ansiedade?

A: de vez em quando. Quando fico nervoso, quando minha mãe fica mexendo comigo brava, “não pode fazer isso, não pode aí.”

E: aí você consegue passar lá no psicólogo?

A: não aí demora um tempo aí eu vou dormir, vou fazer algo, mexer no celular e melhora depois.

E: Ah tá bom e no psicólogo você passava todo mês, a cada dois meses, como que era?

A: era em anos e anos, demorava um ano eu ia, dois eu ia.

E: uma vez por ano você ia?

A: É.

E: mas era consulta marcada?

A: consulta marcada.

E: Alguém mais ia no psicólogo?

A: Eu nunca fui nesse bagulho aí não.

A: eu acho que eu já fui.

A: o Pedro já foi a filha já me falou.

E: não, ninguém mais foi então?

A: vai se morder aí.

*risos*

E: alguém na família de vocês vai no psicólogo?

A: meu primo já foi uma vez só.

A: minha mãe.

A: descobriu lá que ele era autista.

K: minha mãe.

E: Ah então ela já foi. Já tinha ido algumas vezes só que não quis mais ir?

K: É. Porque o braço dela saiu fora do lugar, esse osso aqui. Aí ela não pode levantar o braço muito.

E: mas o psicólogo não, só de de médico?

K: Sim.

E: entendi, e na escola tem psicólogo, tem médico lá?

A: tem nada lá na [escola].

K: tem nada.

A: tem aquelas paradas lá sei lá, tinha aquelas pessoas lá fica falando sobre esse negócio de depressão aí.

A: é do Grêmio.

A: é mas foi uma vez só.

A: não outra já estava até, foi duas vezes.

E: Como que é isso daí?

A: eu não sei parça. é assim três só e sair da sala.

A: tem o Grêmio lá né aí eles organizam lá para um psicólogo lá pra conversar com os alunos.

A: sobre esses bagulho de depressão.

E: O que é o Grêmio?

A: Grêmio é o negócio organizador.



E: que tem a ver com a escola ou não?

A: Sim, o que pode melhorar, pode botar som, fazer passeio...

A: como se fosse os organizadores da escola, são alunos que tem cargo dentro da escola.

E: os próprios alunos.

A: corpo estudantil.

A: eles chamam lá quem quer e fica organizando pra conversar lá.

E: quem que fica lá para conversar?

A: é umas mulher traveco, sapatão, quer dizer.

A: elas são psicóloga?

A: acho que é porque elas ficam lá fazendo um monte de pergunta.

E: Vocês participam ou não?

A: Uma vez só.

E: você participou uma vez e como que foi?

A: eu não participei não.

A: eu também não, nunca fui.

A: Foi mal ruim.

E: foi ruim por quê?

A: eles ficam fazendo pergunta lá e os outros fica chorando lá se tremendo.

A: é a professora também, lembra a professora no dia que a Tainá estava coisado.

A: é.

E: os professores também participam?

A: é, uma professora lá.

E: Ah tá então você não gosta porque é muito..?

A: Pessoas ficam do nada começam chorar.

A: e uma vez que a professora foi fazer um negócio desse lá, a menina [*inaudível*] chorando.

A: nunca mais voltei lá.

E: então o pessoal tá precisando disso?

A: Tem uns louco lá.

E: mas vocês acham legal ter isso na escola? O que vocês acham?

A: eu não. Pra quê os outros fica lá chorando quem uns retardado?

E: e de médico, vocês acham que precisa passar com rotina uma vez por ano? Ou vocês acham que não precisa?

A: Lógico né, à vista, tem alguma coisa no sangue, sei la.

A: se tá tudo ok.

E: Vocês passam uma vez por ano pelo menos? vocês vão no médico quantas vezes por ano mais ou menos?

A: Eu vou umas duas.

E: Pra quê?

A: só quando fico doente.

A: Eu vou só quando eu estiver quase morrendo em casa. Eu nao gosto de ir pro médico.

A: eu não gosto também.

E: vocês não gostam de ir pro médico por quê?

A: sai fora, ia tomar Benzetacil.

A: Eu fui ano passado pra ir toma o coronavírus só.

A: Eu chorei pra não tomar a vacina, mas eu tomei.

A: a agulha entrou pelo osso do Ricardo e saiu pelo outro lado, olha aí.

*risos*

E: Alguém aqui tem problema de saúde, que você saiba?

A: O Gordão tem diabetes, ele falou.

A: o Ricardo tem problema mental.

A: eu não tenho nada de doença. Você que tem problema mental.

*risos*

A: Eu acho que tenho diabetes.

E: Por que você acha que você tem diabetes?

A: Sei lá. Quando eu corto o bagulho demora pra fechar.

A: Não tem nada de doença, tem 15 anos, e pesa o quê, 20 kilos?

A: Você tem doença mano.

A: eu peso 40kg.

A: tia, deixa eu fazer uma pergunta. 15 anos, 38 quilos, ele é normal?

E: não sei, tem que por ele na curva. Vocês comem bem?

A: Ele bate uma pratada, filha. Acho que é magro de ruim.

A: pega o meu prato, já monta o Morro da Kibon no meu prato.

A: lá em casa toda semana é um kilo de [*inaudível*].

A: nois é tudo magro.

E: E você esta crescendo ainda também né?

E: Você falou que tem problema no coração, tem mais alguma coisa?

K: Não, só isso.

E: E dentista, vocês vão pro dentista?

A: Eu ia antes.

E: Fazer o quê?

A: Eu ia fazer tratamento no dente quando eu comia merda, esses bagulho de doce.

A: Eu ia colocar aparelho.

A: eu fui uma vez fazer limpeza.

A: Eu também.

A: eu fui porque precisava usar aparelho.

A: Eu nunca fui, nunca senti dor de dente.

A: eu fui no dentista no mês passado para tirar um negócio que tinha no dente que tava inchado.

A: minha primeira vez foi mês passado.

E: E você nao vai ao dentista?

K: Tenho medo do dentista aqui.

E: Você tem medo de dentista? E o dentista é aqui perto? Vocês conseguem ir com facilidade?

A: Lá no centro do Santo André.

A: o que eu fui era lá no Vila Luzita.

E: E na escola tem aula de como escovar dente?

A: Não.

E: Nunca?

A: Não.

E: E psicólogo, psiquiatra é o que vocês falaram né? As vezes tem na escola, mas é só pra quem quer.

A: é.

E: E vocês nunca foram, fora ele né?

A: É.

A: tem que ir de novo louco. Se o médico mandar.

A: você também. Tomar vacina contra raiva.

*risos*

A: Como pode? O cara não solta a orelha dos outros, fica falando toda hora.

A: qual que é aquela vacina do mosquito lá? o Ricardo não pode tomar se não ele morre, a vacina da dengue.

*risos*

E: Agora vão ser perguntas bem rápidas. Eu vou perguntar se vocês conhecem alguém da sala de vocês ou na casa de vocês que tem isso, mas são adolescentes dos 12 ao 18. Aí se conhecem vocês levantam a mão, aí eu vou contar.

A: Contar?

E: Vocês conhecem alguém na sua escola ou bairro que tem 12 ao 18 anos que tem ansiedade?

A: Ricardo.

A: Tem uma menina na minha sala.

A: tem o Ricardo também aqui do Morro.

A: Eu namorava uma menina também que tinha.

E: E vocês?

A: Eu não. Conheço o Ricardo e a Bárbara. É, só.

E: Então aqui umas três pessoas.

A: é.

A: e a Talita também.

A: ela é a menina da minha sala.

E: tá E alguém que tem depressão que sente muito triste mas por bastante tempo, não é só um dia assim, é mais de 2 semanas triste, não consegue ter prazer na nas coisas.

A: eu não conheço não.

A: a Talita não tá em depressão?

A: É, a Talita.

A: Os que tinha se matou.

E: mas vocês conheceram alguém que se matou de verdade?

A: Sim.

A: o Marrone se enforcou, vocês lembram dele?

E: ele tinha quantos anos?

A: 18.

E: vocês conheceram então alguém que se matou? era aqui do bairro?

A: Sim. Três. Na pandemia foi três. Um lá pra cima mas ele foi por causa da ex menina dele, ele se matou. Marrone não sabe, acho que foi de droga e depressão. E teve a doidinha aqui do barraco também que se enforcou.

K: a Cinthia.

E: tudo aqui no bairro?

A: é tudo aqui no Morro.

E: Tinham quantos anos?

A: Ah tipo de 23. 17, 23.

E: e vocês conheciam?

A: ele não.

E: e gente que pensa em se matar, vocês conhecem, na sala...?

A: A Talita.

E: Essa menina tá com dificuldade. Ela está conseguindo passar com o psicólogo?

A: não sei, a gente nem fala com essa doida aí.

A: Graças a Deus ela tá longe de nós.

E: Vocês não ajudam ela?

A: a gente nem fala com ela.

A: nem gosta dessa menina.

E: mas alguém ajuda ela?

A: a mãe dela.

A: ela não é do morro não né?

A: é, ela mora perto da igreja.

A: da irmã Marli?

A: ela não mora mais no Morro não?

A: um pouco mais pra cima. Ela mora ainda.

A: tem que ver quem é, daqui a pouco a menina aparece morta aí e devia ter feito algo né.

A: Tinha uma vez eu vi ela lá na escola, o braço dela todo cortado assim, tum tum tum tum.

E: Tem mais alguém que pensa em se matar ou que tentou?

A: miha ex, essas brisa de louco aí.

E: você namora várias pessoas que tentam. Só uma. Essa da sua sala que você namorou?

A: já peguei ela mas não namorei com ela não.

A: ele arraza corações tia.

A: só as depressivas louca.

A: ele tem 10 mulher aí fica difícil entendeu.

A: tem que perguntar qual.

A: eu só namorei uma, tá aqui no morro.

E: e vocês conhecem alguém? Tem mais alguém que aparece com o braço cortado?

A: não.

E: Ainda bem né.

A: minha irmã. Minha irmã cortava o braço assim que eu falei “meu Deus, você vai se matar é?”

E: a sua irmã? ela tem quantos anos?



A: 18, mas isso era quando ela tinha 15. ela não tentou se matar não, ela tá louca? meu pai termina de matar ela.

*risos*

A: tem a filha da Cecinha também que tentou se matar.

E: alguém tava ajudando ela ou ela conseguia passar com o psicólogo?

A: ela parou sozinha com essas loucuras aí. Se cortava com gilete. Também conheci uma menina aí que conversava com ela direto por causa que ela brigou com meu parceiro aí. Ela mandava a foto do braço dela pingando de sangue assim. Vocês conhecem, a Rafaela.

E: mas você não sabe se ela conseguia ajuda?

A: Sei lá, eu mandava ela se cortar mais. Todo dia ela mandava foto para mim, “o que o seu amigo tá fazendo comigo”. Eu falei “pode cortar, você corta mais por favor. pode cortar.”

A: Gordão, não pode falar isso mano.

A: o quê? todo dia ela mandava mensagem pra mim.

A: por que você não pegou ela? Você chamou ela de gostosa já.

E: Vocês conhecem alguém que tem problema de alimentação?

A: Ricardo, fala aí.

*risos*

E: não, ele come bem né?

A: come não. Só come besteira: danone, bolacha...

*risos*

A: sabe que tem gente que não come nada porque quer emagrecer? não come nada porque se acha gorda? geralmente é mais em mulher que acontece.

A: é mais eu. Tem hora que eu fico chorando porque fico com vergonha de mostrar minha barriga.

E: Ah é? você acha de verdade ou você está brincando?

A: é serio.

A: vai pra academia.

E: por quê?

A: sei lá, não sei porque eu fui nascer gordo.

A: tá rolando bullying nesse grupo aqui.

A: você não nasceu gordo.

A: nasci gordo sim.

A: Já cresceu gordo? Não tem como.

A: o pé dele é maior que o bloco.

E: Voce conhecia alguem na sua sala com problema de alimentação?

K: Não. Eu nao comia muito, mas agora to comendo.

E: Mas voce não comia porque você queria emagrecer?

K: Sei la, eu tinha barrigona, parecia que tá grávida. Ainda eu tenho barriga grande, só que dá vergonha porque eu sou magrinha com uma barrigona, parece que tá grávida.

[inaudível]

E: a próxima pergunta: alguém aqui fuma?

A: eu.

*risos*

A: ali é o usuário.

A: cocaína, crack.

A: só narguile.

A: só narguile.

A: tem um aqui que cheira.

E: cheira o quê?

A: pó de vidro.

A: rapé.

*risos*

E: Mas de verdade. Todo mundo fuma narguile?

A: não, só eu, ele e ele.

E: Alguém fuma cigarro?

A: o Gordinho fuma.

A: fumo não.

A: fuma sim, escondido.

A: uma vez só, e parei. Eu fumava.

A: fuma escondido.

*risos*

E: Tem gente na sala que fuma?

A: Nessa [escola] tem biqueira dentro do banheiro. Tá na neurose lá, vai no banheiro, comprar uma de cinco.

A: Fuma lá mesmo.

A: lá dentro, filho.

A: quem?

A: quem quiser.

A: Neguinho. Neguinho foi fumar maconha dentro do banheiro.

K: meu irmão fez isso e foi expulso.

A: pegaram ele?

K: pegaram. Foi expulso. Fumou maconha dentro do banheiro, dentro da quadra.

E: E vocês conhecem alguém da sala que bebe?

A: Todo mundo. Não tem um que não bebe.

E: Mas bebe todo dia?

A: só de vez em nunca só.

A: Eu não bebo não, graças a Deus.

K: eu parei.

A: mentirosa.

K: eu parei sim, eu caí aqui no escadão bêbada, aí parei.

*risos*

A: tem dois parceiros da minha sala que bebe e fuma.

E: Mas você bebia todos os dias ou só de vez em quando?

K: eu não conseguia viver sem a cachaça. Eu lavava louça tomando cachaça. eu só não tomo cerveja, só o Whiskey.

E: Desde quando?

K: Desde os 15. Foi o Pitú que me deu. Eu tomei Pitú aí caí no escadão, cheguei em casa ruim, aí eu falei, “não, se não alguém vai rir de mim uma hora.” Aí eu falei, “não, vou parar”. Minha mãe não mandou, mas eu falei, “eu vou parar sozinha mesmo.”

E: de drogas ilícitas conhece alguém da sala?

A: como assim drogas ilícitas?

A: você fala lança...

A: droga ilícita é o quê, filha?

A: o seu pai acabou de passar agora.

E: drogas que não podem, que não é legal, não pode.

A: Lança? Lança não pode.

A: a maioria né?

A: cocaína não pode, maconha também não pode.

K: meu irmão, meu padrasto.

A: um monte. Esses aí é o que mais conhece.

E: tem bastante, aqui no bairro, aqui na escola?

A: Sim, o pessoal da escola que cresceu junto.

A: infelizmente né.

E: bullying tem na escola?

A: Não.

A: Não.

[*incompreensível*]

E: Mas bullying mesmo de verdade, não só zoeira que não ofende, bullying que o pessoal fica triste.

A: Não.

A: na minha sala não tem não.

A: A Tainá, foi por causa de bullying.

A: Mas ela não é mais da nossa sala não.

A: eu já, os netos todos fica me chamando de testão.

A: Mas também não é mentira né?

A: Então pronto.

E: mas você fica chateado?

A: mais ou menos, da vontade de dá uns bocadão.

E: Aí gente, ele não gosta.

*risos*

A: Uma vez, ele foi cortar o cabelo lá, voltou com a metade da testa pintada.

*risos*

A: não é que a testa dele é grande parça, é que acho que ele é calvo.

A: É calvo.

*risos*

E: e na sua sala tem bullying?

K: eu sofri muito bullying.

E: Você sofre bullying?

K: Eu sofri. Só que agora é só denunciar.

E: como que é?

K: Tipo racismo.

E: tem muito racismo na sala de vocês?

A: na minha não.

A: Na minha também não.

K: gente, tem.

A: racismo mesmo é os policiais aí fora, matando os preto.

A: matando os viado.

K: só que aí eu falei para denunciar.

E: voce falou pra quem?

K: eu falei pra minha mãe. Eu chegava chorando. Mas agora parou porque agora eu sou violenta né gente, eu bato.

A: é, ela já me deu um tapão [*inaudível*].

E: quem fazia bullying com você? o pessoal da sala mesmo?

K: É, muita gente. Aí só que eu era chorona né. Eu era besta. Eu tinha 13-15 anos. Só que aí eu cresci e percebi que eu não podia sofrer isso mais. Aí eu começava a bater nas pessoas, xingar as pessoas. Elas me humilhava e eu humilhava elas, porque eu não queria aquilo mais na minha vida, entendeu. Aí eu xingava elas também, batia, tô nem aí. Aí eu fui expulsa um dia da escola.

E: é mais as meninas que fazia bullying?

K: é. Na outra escola, só que aí eu briguei com ela aí ela parou.

E: qual escola que era?

K: no Valdomiro lá no João Ramalho, na casa preta.

E: E aí você denunciou para quem?

K: eu não denunciei, eu bati nela.

A: resolveu o problema.

K: aí ela parou rapidinho.

E: mas se quisesse denunciar, denunciava para onde?

K: para a Polícia mesmo. é lógico, é racismo, racismo agora tá dando cadeia.

E: sim. Alguém mais levou bullying na escola alguma vez?

A: eu não, não os moleques me chama de Gordão, tá suave.

E: e bullying pela internet, alguém? pelo celular, pelo WhatsApp?

A: eu já sofri bullying já.

A: Tia, aqui nesse mundo não existe bullying não, alguém zoa aí na internet, já vai como: barraco.

E: Então na internet de boa?

A: se tem bullying na internet, resolve no cacete mesmo.

K: agora é de boa né. Agora eu cresci, agora dá pra resolver na mão.

E: Você já sofreu na internet alguma vez?

K: Não.

E: e gravidez na sala, alguém já ficou grávida?

A: já, no sétimo ano lá. Faz tempo.

E: E aí ela teve que sair da escola ou ela continuou?

A: Tinha 14 anos.

A: E o moleque lá com 15 anos, vai ganhar neném.



A: é mesmo.

E: Na sua sala?

A: antiga sala dele.

A: 1º ano.

A: no 1º ano tem uma menina grávida.

E: e você conhece alguém?

K: Minha irmã foi com 12 anos.

A: sabe quem mais vai ser pai? Na sala do Carlos. O Caio.

A: o Caio já é pai, a mulher dele já ganhou neném.

A: moleque de 15 anos.

E: e na escola vocês já tiveram educação sexual assim?

A: Não. Só uma vez só na escola na Bahia, a mulher ensinando sobre sexualismo.

A: só na rua mesmo, aquele dia lá, lembra?

E: A professora que ensinou? De prevenção, como não fica grávida, essas coisas?

A: É. Ela fez uma doação de camisinha, PP, GG.

*risos*

E: Uma pessoa teve, alguém mais teve na escola? Você falou que teve na rua uma vez?

A: no CECRAN. Teve uns negócios de prevenção.

A: Um dia eles deu um papel ontem.

E: você já teve aula de educação sexual, prevenção?

K: Não. Como eu tô no EJA, agora sim. Agora tá falando.

E: EJA é o colegio?

K: É, uma sala que termina mais rapido.

E: Aí voce teve nesse ano?

K: É. Na segunda feira passada.

E: e antes disso você nunca tinha tido?

K: não. Só no ponto mesmo falou. No posto, eu fui no posto bastante, minha mãe tinha medo.

E: aí no posto eles davam aula?

K: é, e falaram para mim.

E: o médico falava?

K: é.

E: Então você ia no posto bastante?

K: Ia. É, tem um papel do posto, eu vou.

E: Todo ano você vai?

K: É, que eu tomo injeção.

### **9.3 Transcrição Grupo Focal #2**

E: Só para começar, vamos falar o nosso nome, quantos anos tem e essas coisas. Pode falar.

Adriane: Meu nome é Adriane. Eu tenho 19 anos.

E: Você estuda?

Adriane: Não. Já terminei a escola. Eu estou em busca de emprego.

Michele: Meu nome é Michele. Eu tenho 18 anos. Eu não terminei a escola ainda. Vou terminar ano que vem.

E: Qual ano você está? 11o?

Michele: Isso. É isso.

Sabrina: Meu nome é Sabrina. Tenho 20 anos. Não terminei os estudos também.

E: Parou em qual ano?

Sabrina: 11o também.

E: Você vai terminar ano que vem também?

Sabrina: Não. Eu ainda não sei porque eu estou trabalhando. Eu parei para trabalhar então não tem muita capacidade de eu voltar ainda.

Sandra: Eu me chamo Sandra. Tenho 15 anos. Não estudo por conta da minha filha e pretendo estudar, terminar meus estudos.

E: Você parou...?

Sandra: No 7o.

E: Vocês moram com quem?

Adriane: Eu moro com a minha mãe, com a irmã e com meu outro irmão.

Michele: Eu moro com minha mãe, com meu irmão e com a minha irmã.

Sabrina: Moro com minha mãe, com meu padrasto, com meu marido e o filho do meu padrasto.

Sandra: Eu, meu marido e minha filha.

E: Qual que é a profissão dos seus pais?

Adriane: minha mãe ela é cabeleireira e manicure e meu pai ele é [*inaudível*], coisa de retífica de coisa de carro, essas coisas.

Sandra: Mecânico?

Adriane: É tipo isso, mas é diferente. É um nome lá que eu não sei.

Sabrina: Minha mãe é lavradora. Meu padrasto é pedreiro e eu sou lavradora também. Na Bahia significa trabalhar na roça. Você trabalha em roça, qualquer coisa que você achar você tá indo.

Sandra: Meu pai é caminhoneiro, minha mãe é... Faxineira é o que?

Todos: faxineira.

E: Você fica em casa com a bebê?

Sandra: isso.

E: Você falou que está procurando? Não está trabalhando ainda.

Alana: Isso.

E: Agora eu queria que vocês descrevessem a rotina de vocês: que horas que você acorda... Eu acordo tal hora, faço isso durante o dia, aí eu vou dormir tal hora.

Alana: às vezes eu acordo cedo mas é quase raro. Geralmente eu acordo depois do meio-dia.

*risos*

Alana: aí eu levanto, eu escovo os dentes aí eu arrumo a casa, faço tudo para minha mãe que eu não gosto que ela faz muita coisa aí eu cuido do meu irmão. Geralmente eu vou dormir umas 2-3 horas da manhã.

Michele: assistindo Eu, a Patroa e as Crianças. *risos*

E: Você faz alguma atividade? É que você não está indo para escola. Você fica mais cuidando do seu irmão?

Alana: geralmente em casa às vezes eu paro para fazer exercício só.

Michele: Eu quase sempre acordo tarde um pouquinho mas às vezes eu tenho que acordar cedo tipo 5 ou 6 horas da manhã porque eu trabalho com internet.

E: Você faz o quê?

Michele: Eu tenho Instagram aí eu faço clipe...

Alana: É influencer.

Michele: eu ajudo a minha irmã nas tarefas de casa, a gente divide. Ajudo a cuidar do meu irmão e só. Ajudo a minha mãe com as coisas da casa.

E: Você está indo para escola?

Michele: Sim.

E: Que horas que é?

Michele: Eu estudo à noite, das 18 até às 22h. Eu chego para descansar.

Sabrina: Geralmente eu estava acordando às 1:00 da tarde porque eu trabalhava três horas da tarde, saía 4 da manhã. Agora eu estou trabalhando 6:00 até às 2 horas e depois no final de semana eu trabalho também. Só que aí eu já trabalho da meio-dia até às 10:00 da noite.

Sandra: Pesado hein.

Sabrina: Tem que ajudar a despesa em casa, então complica bastante.

Sandra: Eu até no máximo 11 horas porque minha filha vai para creche aí eu tenho que levar ela. Acordo, escovo meu dente aí eu levo ela. Tomo café mais ela. Aí almoço, aí leva ela para creche e volta, arruma a casa. Faço as coisas dentro de casa. *risos* Depois quatro e pouco eu busco ela na creche.

Michele: É mãe de casa.

Sandra: (*para filha bebê*) Para de jogar. Não joga nada, não pode jogar.

E: Qual escola você vai? Qual é o nome da escola?

Michele: [nome da escola].

E: Vocês iam para qual escola antes?

Sabrina: A minha não era aqui. Era na Bahia.

E: Quando que você se mudou?

Sabrina: tem um ano e 3 meses.

E: Então durante a pandemia você estava lá?

Sabrina: Não, eu tava no Goiás na pandemia. Porque eu era casada, fiquei lá, depois voltei pra minha cidade natal.

E: vocês iam para qual escola?

Adriane: eu estudei na Alexis Greve e quando foi na pandemia a gente foi pro Piauí e eu fui pra alguma escola no Piauí.

E: Por que vocês voltaram?

Michele: a gente morou dois anos lá, a gente sempre mora aqui em São Paulo. Aí meu pai montou uma empresa lá e a gente teve que ir para lá. Aí a gente ficou dois anos lá. Aí meu pai e minha mãe se separaram, vai fazer um ano, aí a gente voltou pra cá.

Sandra: eu estudei na *[inaudível]*.

E: que é aqui?

Sandra: isso.

E: durante a pandemia você estava estudando?

Sandra: não.

E: aí fora a escola você faz mais alguma atividade extracurricular? Esporte, algum curso?

Michele: não, só trabalho com a internet mesmo.

E: vocês fazem alguma coisa?

Sabrina: só trabalho.

Adriane: Não, mas eu quero fazer pelo menos algum curso.

E: você já chegou a fazer alguma coisa?

Adriane: ainda não.

Sabrina: pretendo fazer.

E: o que vocês fazem de lazer?

Adriane: eu gosto ouvir música, gosto de sair pro parque, gosto de andar.

Michele: ela gosta de ler.

Adriane: eu gosto de ler. Gosto de desenhar também, dançar e eu acho que é isso.

M: eu gosto de gravar Stories porque eu adoro. Eu gosto de ouvir música, gosto de sair muito, no fim de semana eu gosto de beber né, e é só também.

Sandra: é de lei.

*risos*

E: As coisas que você faz na internet é monetizado?

M: sim, graças a Deus. Hoje eu já consigo ajudar minha mãe em casa por conta da internet.

E: demorou para conseguir?

M: demorei dois anos.

Sabrina: quando eu tenho algum tempo livre, ficar com minha sobrinha daqui, até então são poucos, nada demais, e gosto de ficar muito com meu cachorro e meu gato. Quando tem um tempo, sair para beber, mas de vez em quando.

Sandra: eu também, eu gosto de ir pro parque com a neném, pra se divertir. Gosto de dançar também, escutar música. É de lei. Final de semana sair pra beber também. *risos*

E: pra onde vocês vão?

Sandra: não agora muito mais por causa da minha neném [*inaudível*].

Adriane: Geralmente eu e ela às vezes sai para essas baladinha por aí tipo a Tropical que é lá no centro. Às vezes a gente vem para cá porque a minha tia mora ali aí a gente fica mais assim ou a gente vai pra minha vó e tals.

E: Pra cá você diz...?

Adriane: pro Dunk.

Samira: Dunk, o Elipa, Capuava, pra casa da minha sogra que é pra lá do Capuava, vai mais pra isso.

Sandra: eu quando saio mesmo é mais aqui pro Dunk.

(10:00):

E: agora eu queria perguntar, quem estudou durante a pandemia?

M: Eu estudei online.

A: eu estudei EaD também.

E: E você estava fora já?

Sandra: É.

E: Você saiu em qual ano da escola?

Sandra: [*inaudível*]

E: Ela está com quantos anos já?

Sandra: Um ano e cinco.



E: Então você saiu antes?

Sandra: É, antes de estar grávida.

E: por que você saiu então?

Sandra: Porque eu casei, é.

Sabrina: eu porque eu mudei muito de lugar. Eu morava em Cafarnaum, passei para Irecê, depois passei pra Central. Fui pra Presidente, fui pra Goiás, voltei pra minha cidade, aí não tinha como ficar levando os meus estudos. Aí eu vi que ia perder um ano, preferi desistir.

E: durante a pandemia você não estava?

Sabrina: não. Eu tinha voltado mas [*inaudível*].

E: Para vocês duas que estudaram durante a pandemia, como que foi? O que mudou?

A: Ai muita coisa. Para mim, o EaD não é muito bom porque não aprendi muito, porque na escola, o professor tá ali, ele explica melhor, você pode perguntar para ele se tiver dúvida. Geralmente, no EaD, colocava a lição, você copiava, respondia, e mandava foto.

M: exatamente. Se o aluno quisesse ir no Google procurar resposta, era só ir lá, copiar e entregar para o professor, pronto. Então na realidade a gente não aprendia nada.

E: tinha alguma aula? Você falou que ele mandava..

A: geralmente ele tinha o aplicativo que os professores eles mandam as lições, aí eles mandavam as lições. Às vezes a gente tinha que copiar no caderno, responder, mandar foto, às vezes mandar para a gente pesquisar alguma coisa que era só pegar no Google e colocar no caderno. Aí era muito ruim. A gente não aprendia nada.

E: Ficou quanto tempo assim?

A: A pandemia começou, eu tava no segundo ano, acho que ficou um ano.

M: foi antes da gente ir para o Piauí, ficou um ano.

A: ficou um ano, demorou um tempo.

E: E lá no Piauí também era durante a pandemia?

A: sim.

E: E foi igual, tipo EaD também, eles mandavam?

M: foi só foi só uns meses né.

A: Como a gente foi no meio do ano então foi só uns meses.

M: A gente foi no meio da pandemia, já tava um pouquinho menos. Aí a gente ficou uns meses fazendo online, um ano e uns meses lá no Piauí online, depois a gente voltou pra escola normal porque lá não é escola igual daqui, lá é escolas de cidadezinha. É para o aluno ir lá, estudar, às vezes eles nem passa prova essas coisas, era só para reforçar mesmo.

Sabrina: que nem lá é tipo Bahia, essas coisas, aqui é mais pesado do que lá.

M: sim.

Sabrina: tem hora que você tá lá que quando você vem para cá, você já estudou mas nem estudou Lá é muito fácil, você passa rápido, já aqui é mais pesado.

M: igual quando eu tava lá no oitavo ano, eu fazia atividade do sexto ano, lá é assim.

A: Tinha uma menina da sala que ela faltou o ano inteiro, ela veio acho que umas duas vezes pra escola, ela passou, lá no Piauí.

Sabrina: porque lá é muito fácil, as coisas são mais fácil do que aqui.

E: Qual cidade que era?

A: era São Raimundo Nonato.

E: é bem interior?

M: Não, é uma cidade, um centro quase.

Sabrina: é que diferente daqui pra lá é bem, como se fosse interior só que aqui é mais avançado do que lá.

A: é perto de Teresina, um pouquinho perto.

E: como que era antes da pandemia? Vocês podem falar também que vocês estudaram.

M: da escola ou da nossa vida?

E: da escola.

A: da escola era mais de boa eu acho. Porque eu ia pra escola quase todo dia e aprendia mais do que quando era no meio da pandemia.

M: eu achava também bem mais de boa. É que nem eu falo que o ensinamento daqui é muito bom, muito bom mesmo. Quem estuda aqui tem que dar valor porque o estudo daqui é ótimo, porque a vida do Nordeste, o ensino, você não consegue evoluir. Você pode ver, quando você chegar lá, muita coisa que você sabe daqui, do estudo daqui, muita gente não sabe de lá.

Sabrina: Lá quando eu estudava, eu estudava de manhã, saía meio-dia, e sempre nós pegava das três às quatro para juntar a turma para ficar numa área estudando. Se eu não entendia uma coisa, eu perguntava quem entendia, e se ele que não entendia eles passavam para mim. Aquilo sem o professor nós fazia sempre com a turma e aproveitava e fazia o trabalho junto. Aí sempre quando o professor passava, já tava quase todo mundo ligado porque tava todo mundo junto.

Sandra: e eu não sei mais nada. Eu já procurei estudar e não sei é mais nada.

*risos*

E: E você parou em qual ano, faz quantos anos?

Sandra: Quando eu passei pro sétimo eu saí da escola.

E: Você terminou o sexto e você saiu Faz quantos anos?

Sandra: 2019? Por aí.

M: Quase cinco anos.

Sandra: acho que 2019 eu nem estudava mais.

E: E da vida, o que que mudou? Mudou alguma coisa durante a pandemia? É que vocês mudaram de cidade né?

M: mudou muito.

A: muito.

E: Antes de vocês se mudarem, o que mudou quando começou a pandemia?

M: Quando a gente morava aqui antes de ir pro Piauí e vim a pandemia, a nossa vida era ir pra escola e para igreja e para casa, era essa nossa vida. Aí depois que a gente foi para o Piauí, a minha pastora faleceu, aí a gente se afastou da igreja e tudo mais. Aí a gente foi para o Piauí, aí virou, começamos sair, beber. A minha mãe voltou a beber.

E: Vocês iam na igreja daqui?

M: não, lá de perto da minha casa, porque a gente não mora aqui, a minha tia mora aqui mas aqui é como nossa segunda casa porque a gente vive mais aqui do que em casa.

E: Onde vocês moram então?

A: Camenópolis.

Sabrina: nossa, lá do outro lado. [*inaudível*]

M: não, lá é de boa. Tipo assim, lá é perto da favela do Elmo.

Sabrina: é que passa no jornal, tiroteio essas coisas, né?

A: Lá onde a gente mora é bem tranquilo.

M: é porque lá na frente tem um batalhão de polícia e tudo mais aí lá é de boa.

E: é em São Paulo isso?

A: é em Santo André aqui.

E: E por que vocês ficam mais aqui?

M: Porque a gente gosta daqui, a gente gosta de frequentar aqui no domingo. Minha mãe gosta pro forró que é de sábado.

A: É hoje mesmo ela vai vir.

M: Essa minha tia é como uma segunda mãe para mim. Ela ajudou muito quando a gente precisou, muito quando a gente chegou aqui em São Paulo de novo. Então a gente gosta muito de vir para cá por causa dos meus primos também, tem alguns primos que moram aqui também.

E: E pra você? mudou quando entrou a pandemia? O que mudou?

Sabrina: mudou, mudou por causa da pandemia, mas é normal agora. Também, não sei das coisas. *risos*

E: E da sua rotina o que mudou?

Sandra: continua o mesmo jeito.

E: E você já trabalhava né?

Sabrina: Já.

Sandra: era mais difícil sair, essas coisas.

Samira: Mudou muito porque eu trabalhava em roça. Então quando chegou a pandemia, parou, aí nisso eu fiquei quase um ano e pouco sem trabalhar. Aí apertou muito. A sorte é que até meu marido nesse tempo ele trabalhava puxado. Ele foi demitido de tudo por causa que foi fechado. Aí ficamos em casa mais, mas economizamos mais. Aí acabou atrapalhando tudo.

E: então você teve que parar o trabalho?

Sabrina: os dois.

E: Então você ficou um ano..?

Sabrina: Eu fiquei um ano e seis meses.

E: E ele?

Sabrina: ele já foi parar depois, eu fiquei um ano e seis meses, ele ficou só seis meses parado. A nossa sorte foi que nesse tempo ele tava ganhando muito bem, aí ele soube guardar. Aí o dinheiro que ele guardou foi o tempo que nós usou quando estava tendo pandemia. Foi o que ajudou muito.

E: E vocês foram atrás de emprego?

Sabrina: nós ia muito mas por causa da pandemia eu não estava achando.

E: Nessa época você não tava aqui?

Sabrina: Estava em Goiás.

E: Você voltou para cá faz pouco tempo?

Sabrina: um ano e três meses.

E: aí o que vocês pensam de fazer no futuro?

A: eu quero fazer psicologia. Pretendo, eu quero, se eu conseguir, se Deus quiser, morar em outro país.

E: Aonde você quer morar?

A: Eu quero ir para França ou talvez para o Japão ou a Coreia.

Sandra: Você é da onde, daqui?

E: eu sou daqui mas sou descendente de japonês. E você já pensou em fazer cursinho, alguma coisa, para vestibular?

A: Eu fiz o Enem ano passado, mas eu tirei pontos pequenos.

M: só faltou 20% pra ela passar.

A: tirei uma nota um pouco baixa para poder entrar na faculdade, mas esse ano vou tentar fazer vestibular da própria faculdade do que o Enem, porque eu acho que seria mais fácil fazer da faculdade. Mas se não der certo também vai no Enem e é isso. Mas eu falei para minha mãe né que eu vou ficar tentando enquanto eu não estiver os pontos bons, vou ficar tentando até entrar.

Sandra: Eu pretendo fazer medicina, e levando minha vida, bora pra frente. Terminar meus estudos que eu tenho que terminar.

E: tem que terminar o colegial né? Quando você pretende voltar?

Sandra: quero fazer o EJA porque o EJA é mais fácil.

E: EJA? O que é EJA?

M: eu to fazendo o EJA.

A: em um ano só você faz dois anos.

M: É metade metade.

E: na escola normal?

Sandra: é.

Sabrina: para ela que tem filho, fica mais fácil porque tem como ficar com a bebê enquanto ela estuda.

Sandra: de noite minha mãe tá, então...

E: Mas vocês aprendem mais coisas então?

M: É, como tem muita mais gente um pouco mais adulta, um pouco mais idosos e também tem os adolescentes, na minha escola é tudo misturado as salas. A gente aprende o que tá ali, por exemplo, no nono ano a gente aprende a matéria do nono ano tudo certinho, normal. Como se fosse uma escola normal.

Sabrina: você vai fazer um pouco do primeiro ano, um pouco do segundo, aí vai juntar os dois.

E: então a carga horária é maior?

Sabrina: não, é a mesma coisa só que a diferença é que eles vão dividir. Um pouco você aprende desse, um pouco desse, um pouco daquele para você conseguir passar nos dois.

M: você faz os dois, os dois anos, o primeiro e o segundo em um ano.

Sabrina: Aí é mais rápido.

Sandra: Aí eu pretendo fazer isso.

E: Então você consegue fazer o sétimo e oitavo junto também?

M: Depende da escola. Na minha escola só aceita do nono até o terceiro, mas ela pode fazer se ela quiser também ela pode fazer uma prova.

Sandra: mas como eu não passei o sétimo, acho que eu vou começar pelo sétimo até terminar.

M: que nem, eu vou terminar só ano que vem, aí eu queria fazer o quê: esse ano fazer uma prova, e nessa prova se você passar você já passa direto. Você não precisa mais ir pra escola. Só faz a prova, faz as matérias que tá lá na prova. É tipo um Enem. Aí se você passar, você já encerrou. Aí eu queria fazer isso.

E: você pretende voltar quando?

Sandra: Estou vendo aí, esses dias na escola, mas nem perguntei se tem o EJA pra fazer.

E: Aí pode começar no meio do ano ou tem que ser só no começo?

Sandra: não, não é bem o certo porque você vai ter perdido várias coisas. Mas se você entrar no meio do ano e vocês conseguirem recuperar, talvez sim, mas os professores e a diretora é difícil eles aceitarem. A não ser que você venha de outro lugar para cá, aí talvez eles possam aceitar, mas geralmente é bem difícil.



M: eu pretendo continuar mexendo com a internet mas eu quero ter uma outra profissão que é advogada criminalista. Quero fazer curso de DJ que eu sou apaixonada em DJ. Sou apaixonada. Quero morar em outro país também. Eu queria fazer intercâmbio.

Sandra: tirando uma dúvida, o que é isso? Intercâmbio?

M: fazer faculdade em outro país.

E: por um tempo você vai pra outro país e estuda um ano, meio ano.

Sandra: aí volta?

E: aí volta.

M: se quiser voltar você volta. Se quiser ficar lá você fica.

E: E você já trabalha mas...?

Sabrina: Quando eu estava estudando eu ia entrar pra fazer faculdade pelo ENADE, mas acabei desistindo. Ainda fui chamada mas acabei desistindo.

E: Você passou na faculdade e...?

Sabrina: Desisti.

E: Por quê?

Sabrina: Porque eu desisti de estudar, aí as coisas apertou, veio a pandemia, tive que trabalhar, aí acabei desistindo. Aí eu parei de estudar, não quis fazer faculdade, aí quando eu fui correr atrás eu tinha perdido a vaga.

E: você pensa em voltar?

Sabrina: lá na frente eu pretendo. Eu queria voltar a estudar aqui. Só que como a minha transferência não está aqui, pra buscar meu documento dá muito trabalho. Porque eu não moro aqui, eu moro na Bahia. Bahia, Bahia mesmo. Então é bem longe, aí para mim ir e voltar e voltar a estudar vai demorar um pouco, aí ainda vou

ver o cursinho. Ou então vou voltar pra minha cidade pra estudar lá mesmo. Apesar que aqui o estudo é melhor.

E: Agora uma pergunta mais profunda. O que te traz felicidade?

M: Música.

Sandra: minha família, primeiramente minha família. Minha filha, meu marido.

A: Música, minha mãe, como ela já passou por muita coisa, hoje ela tá vivendo a vida dela, eu tô muito feliz por ela. Então acho que a felicidade dela é a felicidade minha também.

M: É minha também, eu uso as palavras dela como a minha. Eu gosto de comer muito, eu gosto de dançar, gosto de comer, gosto de dançar, gosto de me divertir, me entregar as coisas novas, e a felicidade da minha mãe é a minha felicidade. Eu faço de tudo pela minha mãe, mato e morro por ela.

Sabrina: minha mãe que foi uma pajem que me criou desde quando meu pai morreu. Segundo, meus pedacinhos de gente que são meus filhinhos que sempre quando eu tô triste alguma coisa eles tentam me alegrar, e terceiro, meus animais porque eu sou apaixonada. Eu acho que eu mato e morro por eles, apesar que dá um pouquinho de trabalho como uns três carregadores por dia, mesmo assim amo.

Sandra: hoje mesmo comeu o chinelo dela.

Sabrina: e é logo filhote, aí dá trabalho.

M: e filhote come chinelo mesmo.

Sandra: filho dá trabalho memo, ela não tinha nem dado fé, eu que falei.

E: Tem algo que te faz triste?

Sandra: eu quando a minha filha tá doente, alguma coisa assim do tipo. Quando eu brigo com meu marido, alguma coisa assim. Quando meu pai, às vezes ele bebe e fica xingando.

E: Mas você não mora com ele, né?

Sandra: não, só eu e meu marido. Mais coisas da vida. *risos*

A: acho que quando eu brigo com algum amigo meu, porque quando eu faço uma amizade eu amo muito, eu considero muito a pessoa. Aí se a pessoa já fala alguma coisa eu já fico triste já, eu já penso que eu sou a errada, eu fiz alguma coisa. Ou quando a minha mãe tá muito mal, ou eu vejo ela chorando, não gosto muito não.

M: o meu é falsidade. Eu odeio falsidade. Eu fico muito triste porque eu sou muito de me entregar as pessoas, eu dou muita chance para as pessoas, então quando eu tenho uma amizade eu sou amiga de verdade. Quando a pessoa é falsa comigo eu fico muito triste, muito abalada. Eu também fico triste de lembrar as vezes de algumas lembranças do meu pai, do que a gente passou com ele.

E: lembrança do seu pai... é que seu pai..?

M: é que assim, meu pai ele é uma pessoa muito legal, muito de boa.

A: é um ótimo pai.

M: Só que ele bebia muito.

A: Ele bebia muito. Ele descontava tudo na minha mãe.

M: Meu pai se transformava. Então na gravidez do meu irmão...

Sabrina: quando tá são, é uma pessoa que você nem conhece. Quando bebe se transforma.

A: meu pai era desse jeito. Ele são você nem via ele dentro de casa, ele não falava um 'a' nem nada. Bebia, pronto. Aí já chegava infernizando todo mundo, xingava todo mundo, minha mãe.

M: Meu pai, na gravidez do meu irmão, meu irmão é tipo um milagre... foi Deus que escolheu o nome dele que o nome dele é Salomão. Meu irmão ele é um milagre porque minha mãe passou por muita coisa na gravidez dele, com meu pai. Foi Deus que escolheu o nome dele, o nome dele é Salomão. Aí na gravidez da minha mãe, meu pai traiu minha mãe, aí passou muita coisa. Aí por isso que minha mãe também

e meu pai se separaram. Minha mãe largou tudo aqui em São Paulo para ir pro Piauí atrás dele. E ele não deu valor nenhum.

A: Porque a gente não tem um parente, nada lá.

M: em vez dele ir pro Piauí para melhorar, que foi o que ele prometeu para a gente, ele foi e piorou mais, e aí a minha mãe separou dele, e agora minha mãe tá super feliz. Eu falo para minha mãe que eu não apoio deles dois voltar, não apoio mesmo.

A: se ela voltar eu fico aqui e ela vai pra lá.

M: Eu falei pra ela se ela voltar, ela vai pro Piauí e eu vou ficar aqui em São Paulo porque eu não volto. Eu não volto.

Sabrina: é quando minha mãe precisa de ajuda mas ela não pede. Ela sofre calada no canto dela, aí ajoelha e ora, pede à Deus pra ajudar. Só que quando você sabe que sua mãe precisa mas ela não quer pedir para vocês, aí é a parte que me deixa mais triste e que [*inaudível*]. É a parte que me deixa mais magoada.

E: O que vocês fazem quando você se sente triste?

Sabrina: Eu como. Eu como e fico quieta no meu canto.

Sandra: Eu como ou então vou apirraçar ela porque eu sei que se eu apirraçar ela, ela me alegra.

*risos*

Sabrina: te amo.

A: Geralmente eu fico no meu canto, às vezes eu uso música ou eu vou dançar para alegrar porque eu gosto muito de dançar e eu acho que é uma boa forma de expressar o que você sente e tentar tirar aquele sentimento ruim. É o que eu gosto de fazer.

M: quando eu tô triste eu gosto de abrir live no Instagram para ficar conversando com o povo. Às vezes eles mandam uma mensagem de carinho, conforta você, é muito legal. Gosto de comer, às vezes eu desconto um pouquinho na comida.

A: duas horas da manhã ela tá pedindo comida no iFood.

M: Gosto de dançar e gosto de sair para curtir, para esquecer um pouquinho, espairecer.

E: Vocês já perderam o sono alguma vez e não conseguiram dormir mais?

A: muitas vezes. Não dá nem para contar.

Sabrina: principalmente quando eu estou preocupada.

M: Eu quando estou ansiosa. Às vezes eu nem durmo quando estou ansiosa. Às vezes nem durmo ou durmo bem pouquinho e já acordo, aí não durmo mais.

Sabrina: Eu também.

E: E o que te deixa ansiosa?

M: Eu é quando é coisa boa, quando vou viajar, quando eu vou conhecer algum lugar diferente, ou quando eu vou ver alguma pessoa que eu não via há muito tempo, ou quando eu vou conhecer alguma pessoa.

A: um friozinho na barriga.

M: uma borboleta na barriga.

E: Então geralmente por coisas boas?

M: É.

Sabrina: Ou então quando alguém fala uma coisa para você ou não fala nada e fica mais de 15 dias sem lhe falar, e você fica com agonia, não dorme, fica imaginando, começa a sonhar, eu já começo a criar paranoia. risos Aí não dorme já.

M: eu já falo pra pessoa, se for fazer surpresa para mim, não me conta. Deixa para eu saber no dia porque senão vou ficar infernizando você até você falar.

Sabrina: Quando chega no meu aniversário eu já fico assim: será que essa pessoa vai me dar presente? Fico sem dormir, imaginando já.

M: será que vão fazer alguma coisa? Será que alguém tá planejando festa surpresa pra mim?

Sabrina: eu já vou mandando umas indiretas. Vai que Deus toca no coração de alguma pessoa, né Sandra?

*risos*

Sandra: tudo é eu.

E: mais algum motivo que vocês não conseguem dormir às vezes?

Sabrina: Acho que só esses.

E: Vocês têm ou tinha medo de alguma coisa? Ou coisa que te deixa nervosa?

Sandra: Eu tenho medo de morrer, e deixar minha filha pequenininha. Eu tenho medo também de estar em casa só eu e ela, acontecer alguma coisa comigo e ela vai ficar sozinha sem ninguém perceber. E ela ficar lá sozinha. É isso minha preocupação.

A: eu tenho medo do escuro.

*risos*

A: Eu tenho medo... eu odeio andar sozinha na rua porque a gente vê tanta coisa ruim na televisão, já penso 'meu Deus me leva, toque suas mãos debaixo de mim', porque eu morro de medo de andar sozinha na rua principalmente de noite.

M: praticamente quando é para sair, eu e ela vai junto. Porque ela não anda sozinha nem eu.

E: E já aconteceu alguma coisa assim ou...?

A: Eu já fui seguida por um carro.

E: carro?

M: eu tenho medo de moto.

A: é, o carro, eu estava andando normal e o carro tava dirigindo, a pessoa que tava ali dirigindo, mas estava indo muito lento, bem do meu lado, dois caras. Aí se não me ingano, eu tinha entrado em algum lugar e fiquei até o carro ir embora.

E: Nossa, e você?

M: eu tenho medo da minha mãe morrer primeiro que eu, porque eu prefiro morrer primeiro que minha mãe. Eu já falei para Deus que Deus pode me levar quando eu deixar mais estabilidade boa pra minha mãe e pro meu irmão e pra minha irmã. Eu tenho medo de sapo. Morro, tenho pavor de sapo, qualquer coisa que envolve sapo, tenho pavor.

A: Tenho medo de qualquer bicho.

M: e eu tenho um pavor de tipo... por exemplo a gente tá na piscina e a gente mergulha. Eu tenho medo porque eu tenho medo de morrer afogada. Aí eu tenho pavor.

A: Eu já me afoguei, várias vezes.

Sandra: eu já passei por isso.

M: ela várias vezes se afogou e eu já vi então eu acho que eu peguei trauma.

Sandra: Também já passei por isso, é horrível. Passam mil coisas na sua cabeça. Minha mãe, minha família.

A: é uma sensação tão ruim. Você tenta ir pra superfície e não vai.

M: eu acho que duas piores mortes é morrer queimada ou afogada.

Sabrina: Eu também tenho um medo, quade morri afogada.

E: quase todo mundo quase morreu afogada.

Sandra: vocês conhecem o porto aqui atrás? Que é proibido você nadar?

Sabrina: mas ela foi teimosa.

M: porque falou que teve muita morte.

Sandra: meu primo não foi encontrado até hoje.

E: é uma represa?

Sandra: é, tipo uma represa. Faz parte da represa.

M: quem tem uma coisa perto da casa da minha vó, aquele negócio de piscina que o povo paga pra entrar. Lá tá fechado porque lá já morreu várias pessoas lá.

E: quantos anos?

Sandra: acho que ia fazer 18 anos.

Sabrina: eu tenho muito medo de me afogar. Na vez que eu me afoguei, que eu quase morri, a minha sorte foi que eu tava com um vaso de refri só que tinha cachaça dentro e eu tava de um lado pro outro. Foi isso que me sustentou até a pessoa me salvar.

*risos*

Sabrina: se não eu tinha morrido. Mas aí eu falei, 'eu não solto o vaso'. Se eu morrer ninguém bebe. Aí o povo foi lá e me salvou.

*risos*

M: você tem uma desculpa pra beber. Foi a cachaça que me salvou.

*risos*

M: eu tenho um medo também que é meio estranho. Quando alguém famoso ou alguém da minha família, que nem quando a Marília Mendonça morreu, eu não conseguia dormir porque eu achava que ela tava dentro do meu quarto. Eu tenho essa impressão, sabe que o espírito dela a pessoa tá vagando e ela tá me olhando, tá olhando as outras pessoas.

*risos*

M: ainda mais quando é parente que conhece a gente. O parente morre aí quer ir me visitar a noite. Eu morro de medo.



A: e cemitério.

M: a gente mora bem na frente, e é enorme o cemitério.

Sandra: imagina de noite o barulho.

M: é o lugar mais calmo que você vai passar é o cemitério. Só gente de preto lá. Pra buscar meu irmão na escola ou ir pro sacolão tem que ir pelo cemitério. Bem legal.

E: Outra pergunta, qual tipo de contato você já teve com profissionais da saúde, médico, enfermeiro?

Sandra: eu, agente de saúde.

A: é, no posto.

M: é, a gente gosta de fazer check up geral todo mês.

E: Boa, então vocês frequentam bastante o posto?

M: Eu gosto de tirar sangue, por incrível que pareça. Eu falei para minha mãe que eu quero doar. Eu quero fazer doação. Aí a gente vai quase todo mês.

A: eu não tenho problema de tirar sangue só que se eu ver daqui a pouco eu já estou branca, quase desmaiando, não aguento.

M: não tenho essa frescura para tirar sangue nem tomar vacina.

Sandra: com agente de saúde, médico, cirurgiões, porque alguns amigos meus que são mais velhos que eu, alguns já viraram médicos, outros enfermeiras, então eu já conheço todos. E quando ver eles já aproveito para fazer um check up de vez enquanto.

E: e agente de saúde, vocês falam gente que vem aqui?

Sandra: Isso que vem em casa fazer visita.

M: o nosso é lá no posto, lá perto de casa.

E: Então aqui vem os agentes aqui?

Sabrina: vem e marca as coisas pra você.

E: e vem de quanto em quanto tempo mais ou menos?

Sandra: Em mês e mês.

Sabrina: depende. Mas só que para você mais marcar aqui é mais fácil você mesmo ir no posto.

M: A gente faz isso, a gente vai todo mês.

Sandra: Se tiver WhatsApp, manda mensagem pra eles.

E: Vocês vão de quanto em quanto tempo no posto?

Sandra: Eu vou direto, consulta, injeção.

Sabrina: eu mesmo esse mês eu vou fazer um check up.

E: e dentista?

A: A gente vai todo mês, pra fazer manutenção do aparelho.

Sandra: De ano em ano eu vou.

Sabrina: de vez enquanto, às vezes. Era para mim fazer também que nem elas, que era para mim fazer limpeza e por aparelho. Mas eu tenho medo, então eu não vou.

A: eu também tinha você acredita, falam que corta a boca, dói.

A: é meu irmão falou. Todo mundo fala que corta boca, é difícil de comer as coisas.

A: é porque assim pra colocar o aparelho eles colocam aquele negócio para deixar a boca grande, aí por isso que depois quando tira, aí parece que a boca tá toda ressecada aí dói aqui, mas é tranquilo porque quando eles colocam aparelho parece que eles colocam como se fosse uma massinha e depois o negocinho o ferrinho. Aí eles vão colocar o fiozinho.

A: Mas esse ferro corta com tudo.

A: o meu tá solto aqui de traz, ta cortando todo a boca. Mas às vezes eu tô assim do nada, aí eu lembro, nossa gente eu tenho aparelho porque às vezes não dá para sentir.

E: E psicólogo?

A: psicólogo, eu já tive depressão mas eu nunca fui ao psicólogo. Eu só tomava remédio que o médico passou. Aí eu tomava remédio e como eu tinha depressão falava com a minha mãe, depois falava com meu pai, e eles me ajudaram bastante.

E: Ah que bom que você teve apoio da família né. E era psiquiatra que você passava ou era?

A: Era o médico geral.

A: Doutor geral que ele entendia das..

A: aí a gente conversou aí ele falou, “deixa eu passar um medicamento, você vai tomar todo dia.” Aí eu tomava o remédio todo dia e ficava junto com os meus pais.

E: Agora você está melhor?

A: é, estou melhor.

E: Você sabia o que que causou isso?

A: foi as brigas dos meus pais. Eles estavam brigando muito.

M: Ela pegava tudo pra ela.

E: E vocês já tiveram contato?

A: Não, mas se pudesse eu queria.

E: Por que?

Sabrina: Porque eu sou meio paranoica, meio doida.

A: Quando eu fizer minha faculdade você pode ir tá?

Sabrina: Uma hora estou um jeito, outro um outro. Uma hora eu tô sorrindo, outra hora eu tô com a cara fechada. Ontem eu tava brincando com ele aí do nada eu fechei a cara, do nada eu comecei a chorar depois eu virei de coberta, hoje eu acordei alegre, já mandei ele embora. Eu sou assim.

Sandra: aí quando chega, finge que nada aconteceu.

Sabrina: aí eu imagino ela chega no psicólogo aí daqui a pouco psicólogo vai precisar de um psicólogo.

*risos*

E: foi sempre assim ou alguma coisa causou?

Sabrina: eu comecei assim depois que meu pai morreu. [*inaudível*]

E: E você falou que teve contato?

M: eu já passei porque quando eu tinha 10, 12 anos já tive muita dificuldade na escola de aprender mesmo.

A: é que ela tem déficit de atenção.

M: eu tinha muito, aí eu tinha passar pelo psicólogo, fiz tratamento, tive que tomar remédio. Aí hoje, graças a Deus, eu me livrei disso.

E: Então o psicólogo ajudou?

M: Ajudou bastante.

E: Vocês já fizeram exame de vista?

Elas: já.

A: eu fiz faz muito tempo.

Sandra: eu gostava tanto que às vezes, aqueles negócios para ver quanto tá o grau, eles perguntam tá bom, aí eu esperava ficar lento, ficar escuro, a imagem, pra eu não conseguir enxergar direito, só para mim usar óculos.

Sabrina: Eu preciso de óculos urgente, eu já me acho feia com óculos, fico parecendo uma velha.

M: acho que você tem que pegar um pelo formato do seu rosto.

Sabrina: Eu acho lindo os outros mas em mim não.

Sandra: “essa menina precisa de óculos”, mas é porque eu menti mesmo.

E: Vocês falaram que vão no posto pra tomar a vacina, todo mundo aqui toma?

A: Sim.

Sabrina: Depende da vacina.

E: Por que?

Sabrina: eu ia muito pra tomar uma injeção de evitar.

Sandra: eu vou, dia 20 mesmo eu tô lá.

A: A gente tem que tomar a vacina da gripe.

M: só da gripe porque do COVID já tá tudo em dia.

A: Não, da COVID eu preciso tomar acho que é a quarta.

Sabrina: é eu também é só a quarta mesmo.

Sandra: Preciso tomar a terceira, mas só com 18 anos.

M: e a minha também era a quarta. A quarta é só pra idoso?

A: não, acho que já pode tomar.

Sabrina: a quarta dose vai depender da idade. A quarta acho que é só pra pessoas mais velhas e alguma doença.

E: E o que vocês pensam sobre a vacina assim em geral?

A: ah é bom.

Sandra: Da COVID mesmo eu fiquei um pouco com medo.

E: Por que?

Sandra: o povo falou que tava morrendo gente com essa vacina.

A: eu falei “eu vou tomar”, porque vamos prevenir.

Sandra: Eu também, vou tomar, entrego na mão de Deus, se morrer morreu, se não morreu, graças a Deus.

M: nenhuma vacina nunca deixei de tomar porque eu acho que é muito preciso a vacina.

Sandra: E talvez ela tá sendo feita seja pra prevenir algumas coisas né?

M: Sim, eu acho que uma direção assim, aquele pessoal que faz vacina, eles não iam fazer uma vacina para prejudicar as pessoas. Então acho que é de boa, seguro.

E: E como é o acesso de vocês para a internet, na casa, na escola?

A: celular, televisão é tranquilo.

M: Eu não consigo ficar sem celular, meu celular é meu filho, se ele some da minha vista em um segundo eu já fico louca.

A: Nós somos duas.

E: Todo mundo tem celular, tem computador?

Todas: não.

E: Tablet?

Todas: Não.

Sandra: agora não *risos*

M: quem sabe mais pra frente.

[inaudível]

E: a internet vocês usam 4G?

A: o wi-fi.

M: eu uso mais no 4G do que o wi-fi.

E: E na escola tem wi-fi também?

A: Quando eu estudava tinha, para os alunos.

M: A minha tem mas é uma bosta.

Sabrina: muita gente usando, aí não faz nada.

M: é, não faz nada.

E: agora vai ser rapidinho, eu vou falar várias coisas aí vocês falam se vocês conhecem alguém ou se vocês mesmo tiveram isso. ansiedade?

A: Eu conheço amigos.

M: Eu já tive.

E: Se vocês conhecem alguém menor de 18 da escola ou do bairro.

M: Eu conheço muitas.

A: vale pessoas por exemplo amigos que eu tenho sei lá na internet?

E: Vale.

A: Então sim.

A: eu já ajudei inclusive uma menina, ela tava se cortando. Eu ajudei ela, contei coisas da minha vida que eu não deveria nem ter contado eu contei para ela para tentar acalmar ela com a situação.

E: era da escola ou da internet?

A: era uma amiga, uma colega assim que eu conheci na... que eu participo de uma mansão então eu conheci ela lá. é porque eu participo de uma mansão de influenciadores famosos.

E: Sério? Que legal.

M: Você conhece o Leo Shake? Ele é DJ. Eu sou da Space funk, é tudo coisa de funk.

A: é de influenciadores, YouTubers, tem várias... MC, essas coisas.

M: Aí lá conheci essa menina e eu ajudei muito ela e tipo foi a primeira vez que eu tinha visto ela aí ela tava lá com a crise e tudo mais aí eu ajudei ela.

E: E na escola, na sala de vocês?

A: Na escola nunca presenciei não.

M: Na escola era eu que precisava de ajuda.

E: e transtornos alimentares, tipo bulimia?

A: Sim, a minha prima, ela tinha anemia. Ela tinha que tomar remédio para se alimentar porque ela era muito pálida, quase não comia.

M: a cor delas era morena mesmo só que ela tá ficando muito pálida, nem comia direito.

E: Alguém que ficou grávida durante a adolescência?

A: Sim, minha prima ela engravidou com 13 anos e agora a minha prima, eu não sei, acho que ela vai fazer 17.

M: ela engravidou também, mas escondeu dos pais e veio descobrir quando ela já tava com uma bexiga já quase formando.

A: descobri alguns meses atrás.

E: E foi sem querer né?



A: Foi.

M: Ela não sabe quem é o pai na realidade.

A: foi sem querer porque ela ficava com menino aí namorava esse menino, depois ela terminava ficava com ele. Aí ela terminava ficava com outro, às vezes só um ficante. E aí não sabe direito.

E: vocês têm aula de prevenção assim na escola?

A: Eu já tive muito, mas nessa escola que eu estou não tenho não porque como tem pessoas mais idosos sabe aí eles não dão, mas na escola assim normal antes que eu estudava sem ser o EJA eu tinha muita.

M: eu tive no oitavo ano. O nome é aula de sexologia.

A: era classe de ciências normal aí chegava a parte do corpo humano, aí começou a falar do corpo das meninas...

M: mas tem professores próprios para falar sobre isso.

A: sim, mas na escola não tem.

M: Na Aristides tinha.

E: E essas aulas eram boas, dava para entender assim?

A: era bom porque a gente aprendia né, mas os meninos ficavam rindo aí ficava olhando pras meninas.

M: Como fosse uma coisa super anormal.

A: Aí ficavam zoando, mas era bom, a gente aprendia. E acho que devia ter nas escolas essa aula só pra isso pra ensinar os alunos.

M: também as meninas, porque hoje em dia toda menina está engravidando.

E: Tem muita gente no bairro ou na escola assim?

A: eu já tive colegas que foram pra escola grávida. Já com a barriga toda e era bastante, tipo doze, quinze.

M: Eu tenho duas amigas que elas pararam de ir para escola porque engravidou.

E: E depressão, tem muita gente na sala que vocês sabem?

M: não só a única pessoa mesmo foi ela (irmã).

A: eu tive, e eu já tive amigos que tiveram também. Aí eu sempre sentava para conversar porque como eu já tive eu tecnicamente sei como é, claro que nenhuma é igual, mas eu sempre tentava ajudar de alguma forma, eu observava muito então eu sempre tentava conversar com a pessoa sobre isso que eu observava e tal.

E: muito legal e você quer ser?

A: Por isso que eu quero psicóloga, porque eu quero ajudar pessoas que tem esse problema, que tem algum transtorno ou até que seja por exemplo problemas de casais ou algo. Quero ser uma psicóloga geral.

E: coisa de alta lesão, suicídio ou tentativa suicida? você falou da sua amiga lá.

A: Quando eu tinha depressão me cortava também. só que não era muito, não tinha muita essa vontade de fazer isso. Eu geralmente só fazia quando eu estava sentindo muito muito mal que nada estava me ajudando. Aí eu fazia.

E: aí aliviava? Era mais para aliviar?

A: sim.

E: vocês conhecem mais gente na escola, aqui no bairro?

A: a Letícia. Ela é minha ex melhor amiga, ela tinha muito.

M: Só que ela fazia mais para chamar atenção, mas ela tinha por conta dos pais dela.

E: E gente na sala que tem dependência de álcool, cigarro ou droga?

M: Na minha sala tem muito porque EJA, como tem várias idades então tem bastante. Tem um menino inclusive da minha sala que toda sexta-feira vai bêbado pra escola e aí ele inferniza muitas meninas, faz coisas muito escuras sabe. A gente já reclamou pra diretora para poder ou trocar ele de sala ou tirar ele da escola porque eu acho assim que se a pessoa ela tem uma responsabilidade para a escola ela não vai pra escola bêbada, ela vai para aprender. Então aí a gente já falou com a diretora e tudo mais, mas até agora não resolveu.

A: Quando ela tava no sexto ano, o amigo dela levou Catuaba para escola.

M: Todo mundo da sala foi para diretoria nesse dia porque uns cinco alunos bebeu, mas como a sala era muito unida, ninguém ia falar quem foi. Aí todo mundo...

E: Então todo mundo levou..

M: a culpa, exato.

E: Tem muita gente que fuma?

M: Sim.

E: de adolescentes abaixo de 18 anos?

M: sim. Eu mesmo só fumo POD, tipo vape. Mas adolescentes que eu conheço tem muitos, que fuma cigarro.

A: Nossos familiares quase todos fumam.

M: Por isso que eu não suporto nem o cheiro, porque a minha mãe ela ficou sem fumar nove anos. Aí ela voltou de novo. eu falo, "fuma pra longe de mim por favor".

E: Pessoal tá fumando bastante vape agora?

M: Tá na moda demais. Vape, narguile.

A: Eu uso mas não é com frequência. Agora ela.. ela 24 horas.

E: E drogas ilícitas mesmo?

A: Eu conheço muita, muita gente menor de 18 que usa droga, usa outras coisas.

E: Quais tipos?

M: lança, maconha, balinha.

A: Perfume.

E: É na escola ou..?

M: Não, é mais no meu convívio mesmo. Como eu falei, eu participo de uma mansão então..

A: geralmente a maioria das pessoas que trabalham com funk ou essas coisas eles acabam usando.

M: mas não é nem em si na mansão. É mais no convívio mesmo, que tem aqui, quando a gente vai para o baile, baile tem muito isso. Tem a minha avó também, ela mora na favela, aqui, a minha tia ela mora na comunidade. Então tem muito isso.

E: Mais nas festas então?

M: Mais nas baladinhas da vida e tudo.

A: mas eu acho muito triste ver que isso tá virando comum entre os jovens, porque em qualquer lugar que você vai, você tá vendo alguns jovens, às vezes menor de idade ou até já maior de idade usando. Acho isso muito ruim porque parece que virou comum.

M: Eu acho que uma droga agora que deveria ser banida do mundo é a tal da K9.

A: Agora tá transformando pessoas.

E: eu nem sei o que é.

m: uma droga que, cara, se você ver como a pessoa fica, parece que ela tá virando tipo um Zumbi de verdade. É horrível ver isso. Falam que é a pior droga que já existe.

A: Porque ela veio agora. Ela nasceu tipo lá na Cracolândia.

M: Ela tá vindo agora para os lugares. Eles faz uma mistura de maconha com essa tal dessa droga daí as vezes as pessoas fuma e às vezes nem sabe. E é muito feio, muito feio mesmo. Passou até na televisão. Passa muita gente nas reportagens pedindo ajuda para sair da Cracolândia por causa da K9 porque quer encontrar a família e tudo mais. É muito feio. É horrorizante.

E: Você já experienciou ou conhece alguém que tenha experienciado bullying?

M: Eu sofri bullying na escola antigamente. Porque eu posso ter cabelo liso hoje, mas eu tinha cabelo crespo. Eu nasci com cabelo assim, durinho assim. Na escola tem até hoje né, meninas bonitas dos olhos dos meninos, e meninas feias. Aí tipo antes eu era bem zuadinha na escola por causa da minha aparência.

A: A maioria dos meninos procuram nas meninas mais a beleza, nem é muito pelo jeito da pessoa ser, mas a beleza. “Ai eu vou ficar com a menina bonita porque eu vou sair bem na fita.” É, eu passava por isso mas eu não levava muito para o coração, nem vingava. Às vezes eu ficava meio assim eu falava com a minha mãe mas.. Bullying eu não sofri, mas as pessoas me zoavam. Não era uma zoação ruim.

A: Era brincadeira mas um pouco de mal gosto.

M: é que ela na sala de aula, ela é meio na dela. Ela senta no fundo.

A: Eu sou na minha. Eu não sou muito de sair pra baladinha para ficar bebendo. Quando eu saio assim com ela, aí sim, eu aproveito né, mas tipo se for eu mesma vou ficar aqui de boa, ouvindo música ou ler ou ir para algum lugar mais calmo. Eu não sou muito de sair.

E: E é mais os meninos que zoam ou é mais meninas?

A: é mais meninos.

M: mais meninos.

M: Mas tem muita meninas também... as meninas têm mais inveja. Assim vai, eu e ela, às vezes eu tenho inveja porque o menino que eu gosto ta gostando dela, aí eu fico com inveja. Aí eu fico querendo brigar com ela.

A: Ou a menina é mais bonita ou é porque sabe melhor, aí já fica com inveja, vai querer bater, chegar em cima da menina.

E: mais pela aparência então?

M: é mais pela aparência.

E: e Cyberbullying que é pela internet? Bullying só que pela internet.

A: Já.

M: Na internet é bem frequente na verdade.

A: Qualquer pessoa eu acho. Até ela que é influencer, já teve pessoas mandando mensagem ruim para ela. Coisas do tipo.

E: é você que mexe mais com essas coisas deve ter bastante.

M: A pessoa tem que ter muita cabeça, muita paciência com as pessoas da internet. Porque como você é uma figura pública, elas acham que elas têm direito de falar o que quiser para você e você ficar calada, então assim, elas falam cada coisa que você fica horrorizado.

A: é igual eu vi uns três, quatro... Eu gosto de k-pop, então aí eu vejo uns quatro pessoas da área famosa do k-pop que morreram, se suicidaram por causa disso. Acho que foi duas meninas e dois homens. Que eu acho que as pessoas faziam live, aí as pessoas falavam "vai se mata. Aí você não merece estar vivo, aí você é feia, aí você é feio, aí você não tem talento." Aí as pessoas não aguentam a pressão e acaba fazendo isso.

E: Nossa que coisa, não sei porque as pessoas fazem isso. E violência doméstica, já ouviu falar?

M: Já ouvi falar mas eu nunca presenciei graças a Deus.

E: Tem gente aqui no bairro, na escola assim que você já ouviu falar?

A: Acho que não.

E: violência física?

A: Não.

M: Na nossa escola, na Aristides, todo dia tinha uma briga diferente.

A: Ah sim.

M: na porta da saída.

A: Não era coisa de casal né, era mais menina com menina.

M: Aluno. Mas já teve cortação de cabelo, gente saindo sangrando. Coisa feia.

A: Já teve gente saindo todo sangrando.

E: nossa na escola mesmo?

M: Na frente da escola.

A: e assim a própria diretora da escola fala: “da porta para fora podem se matar, agora dentro da escola não.”

M: Então assim os alunos saíam da porta da escola, já começavam a brigar, e todo mundo ficava lá incentivando. A gente nunca ficava, dava 6:30 a gente já saía para ir para casa, porque sempre tinha alguma coisa assim, toda vez. Aí depois, no finalzinho, eles começaram a colocar policial na porta da escola. Aí parou um pouco.

A: Até a Michele, uma menina chamou ela para brigar na frente da escola.

E: Chamou para brigar?

M: Não, foi assim, era eu e ela, a gente estava estudando junto. Aí a gente tava encostada só no muro assim né conversando, aí a gente só olhou pra menina. E a menina já falou que nós tava olhando para ela que nós tava abusada. Queria brigar comigo e com ela, que era para eu e ela esperar na saída, aí eu e ela né a gente não desceu a cabeça, a gente falou tá bom gente espera na saída. Quando deu 6:30 a gente voltou para casa.

A: não a gente esperou, a gente saiu da escola, ficou na porta esperando a menina. Mas a menina não apareceu. Aí a gente foi para casa.

E: então os motivos são aleatórios.

M: Muito bestas. Às vezes, a minha amiga Mariana era linda, ela chamou atenção inteira da escola. Então assim, por ela ser bonita, a maioria das meninas lá queria bater nela por ela ser bonita.

E: Mas tem que bater?

M: né, mas gente... é muito estranho.

E: violência sexual?

M: Nunca tive alguém próximo de mim, não.

A: Eu já tive pessoas, alguns colegas ou amigos que já me falaram sobre. Já sofreram abuso. Mas não foram muitas. Eu acho três pessoas, todas meninas.

E: Três é bastante né. E você sabe se foi em casa ou na escola e na rua?

A: uma em casa, e duas acho que parentes.

M: Tipo tio, primo, essas coisas.

E: Que é mais frequente mesmo né?

A: Infelizmente.

E: E fome? Já viram alguém em situação de fome durante a pandemia? Fome problema mesmo, falta de comida.

M: Ela criou apêndice por causa que ela não comia. Ela tem até uma cicatriz na cirurgia porque ela fez apêndice, porque ela não comia muito. Ela não comia feijão essas coisas.

A: Eu não comia muita coisa, mas acho que apêndice não é muito mais isso. A minha mãe fala que é uma pelinha que a gente tem...



E: é mais uma inflamação.

A: é aí eles tem que tirar porque não sabe..

E: Então, situação de fome assim de ter faltado comida pra pessoa na escola assim não né? Pessoal da escola, do bairro?

A: Não.

M: Eu tinha alguns amigos que falavam que passava necessidade em casa, aí ia pra escola para comer. Eu já tive amigos que falavam isso. Mas eu não sei se era verdade.

E: Você não sabe se era verdade porque você acha que...?

M: é porque eles falavam meio brincando sabe, mas não sei, vai que realmente eles passavam necessidade em casa e ia pra escola para comer.

A: e só falava brincando, para ver se alguém rir..

M: ou para ver se alguém ajuda.. "ah você quer um alimento?" Sei lá.

E: Gente, era isso, acabaram as perguntas.

#### **9.4 Transcrição Entrevista #1**

E: Então só para começar, fala o seu nome, sua idade, qual escola que você vai.

I: Meu nome é Isadora, minha idade é 13 anos, a escola que eu vou é na [nome da escola].

E: E você está em qual ano?

I: Estou no sétimo ano.

E: E você é daqui mesmo em São Paulo, Santo André né?

I: Sim.

E: você nasceu aqui também?

I: Sim.

E: E você mora com quem?

I: A minha mãe e com meus irmãos.

E: Quantos irmãos você tem?

I: Eu tenho três irmãos. Contando com eu sou quatro, é dois meninos, eu e ela (*aponta para criança*).

E: Então quatro filhos, sua mãe e..

I: E só, e minha avó porque minha mãe vai construir lá o quartinho para ela vir.

E: qual é a profissão da sua mãe?

I: Como assim profissão?

E: O trabalho dela.

I: Ela não trabalha por agora, mas faz uns bicos.

E: Bico de quê? Você sabe?

I: de faxina.

E: Bom, aí agora a próxima pergunta é um pouco mais longa, é para você descrever a sua rotina. Desde que você acorda até o horário que você vai dormir. Eu acordo tal hora...

I: eu acordo no máximo às 5:50 da manhã, porque eu vou tomar banho, aí eu me arrumo, espero meu irmão tomar banho aí ele se arruma e a gente vai para escola. Quando a gente chega da escola a gente coloca a bolsa na cama. Aí a gente vai almoçar e depois se tiver alguma coisa para me fazer em casa, eu arrumo a casa. Aí quando é de noite, às vezes eu fico um pouco ali fora, depois minha mãe pede pra mim entrar, e eu entro e durmo.

E: Que horas que começa a sua aula?

I: Começa 7 horas, mas a gente se atrasa um pouco porque a gente é meio atrasado, aí vai até 12:35.

E: Aí você volta e você faz as tarefas de casa só se precisar?

I: Sim.

E: E o que mais você faz quando você volta pra casa?

I: Tem dia que eu não tenho nada para fazer que minha mãe já arrumou, aí eu vou lá na minha vó, faço companhia para ela, ou então eu fico em casa mesmo com a minha mãe.

E: fazendo o quê?

I: deitada com ela assistindo TV, e no celular.

E: De segunda a sexta, né? E de final de semana?

I: final de semana a gente acorda lá por umas 9 horas. Aí a gente levanta, toma café, aí quando dá umas 11 horas a gente vai na casa da minha avó, faz almoço. Aí quando nós volta a gente fica em casa, deitada, assistindo.

E: descansando né?

I: É.

E: trabalhar, você não trabalha ainda?

I: Não.

E: Nunca trabalhou também?

I: Eu já olhei um menino ali da frente de quinta-feira, só que como eu tenho escola não tinha como mais porque se eu faltasse prejudicava na escola.

E: Você olhava ele quando?

I: De quinta-feira, das 8 da manhã até 7 da noite, quando eu estava de férias.

E: E eles te pagavam?

I: Sim.

E: E atividades fora da escola você faz alguma coisa? Extracurricular, tipo esporte, dança?

I: Não.

E: E de lazer, você falou que assistiu filme no celular né?

I: é porque minha mãe tem o Kawai, então a gente fica assistindo Tiktok, essas coisas, mas é mais Kawai.

E: Que mais que você gosta de fazer?

I: Não sei, as vezes quando não tenho nada para fazer em casa, eu vou lá para o parque também. Levo ela (irmã) para brincar um pouco quando ela não vai pra escola.

E: A próxima pergunta então. Você acha que durante a pandemia, antes da pandemia e depois você acha que mudou alguma coisa?

I: mudou porque antes da pandemia os outros, eles não ligava muito para se cuidar, eles não se prevenia muito com álcool, lavando a mão. Quando teve a pandemia eles começou a se cuidar mais, aí quando passou a pandemia, que mais ou menos né, aí agora ele tá assim os povo: porque ele está achando que a pandemia foi embora, mas aí passou no repórter, aí eles ficam falando que a pandemia voltou de novo, aí eles usam a máscara aí não usa.

E: E o seu dia a dia assim, mudou alguma coisa?

I: não, não mudou nada.

E: Como foram as aulas durante a pandemia?

I: foi bem difícil, porque aquela máscara sufocava nós a gente tinha que tirar um pouco e a professora brigava para colocar e foi bem difícil.

E: Então você continuou indo pra escola presencial?

I: sim.

E: Teve alguma época que você ficou online?

I: que eu me lembre teve, teve um mês, dois meses, aí depois voltou e nós foi para a escola.

I: Foi um pouquinho.

E: Você já sabe o que você quer fazer no futuro?

I: eu quero ser médica.

E: Por quê?

I: Porque é um trabalho muito legal, eu gosto.

E: Você conhece bastante médicos?

I: não, eu conheço só os médicos que são da faculdade que a [professora do Rondon] trazia aqui na minha avó pra medicar ela. Quando eu tive a minha apendicite também. Ela trouxe o Daniel parece.

E: Você tem muito contato, você vai para o hospital bastante, UBS, pronto socorro?

I: Não é muito difícil ficar doente, aí eu não vou.

E: Nem postinho?

I: Não, posto só vou quando minha mãe precisa que eu vou.

E: O que te traz felicidade?

I: O que me traz felicidade é porque eu tô perto da minha mãe. Tô ali com ela todo dia, ela me ajuda com minhas coisas que eu tenho dificuldade, ela me dá conselho. Isso para mim é feliz porque eu tô perto das pessoas que eu amo.

E: Ai que lindo, com que que ela te ajuda?

I: ela me dá bastante conselho para mim tomar cuidado com amizade, com pessoas que fingem ser meu amigo e não é, com pessoas que finge estar do meu lado e ao mesmo tempo quando eu saio de perto eles mete o pau em mim.

E: E você tem problema com isso na escola?

I: Eu tenho, mas eu me afasto assim que eu percebo que a pessoa tá de coxinho com meu nome, espalhando pra escola inteira, eu me afasto.

E: é mais na escola isso?

I: sim, porque eu não gosto sabe dessas coisas de leva e trás. Eu já me afasto.

E: Tem algo que te faz triste?

I: Tem, ver minha vó fica doente, porque a minha vó ela me criou desde quando eu nasci, eu e meus irmãos. É muito triste ver isso.

E: Faz tempo que ela está doente?

I: Ela sempre teve do lado da minha mãe pra ajudar a cuidar de nós.

E: e o que você faz quando você se sente triste assim?

I: Eu converso com a minha mãe, aí tem a minha melhor amiga que ela não é daqui, ela era daqui só que ela foi lá para Minas. Aí ela pergunta para mim por que que eu tava triste, ai eu escrevo para ela ai eu desabafo com ela.

E: Legal, você consegue conversar bastante, né com essas duas pessoas?

I: Sim.

E: Você já perdeu o sono alguma vez e não conseguiu dormir mais?

I: sim de madrugada, eu tenho costume de acordar e assistir televisão e perder o sono. Aí eu não consigo dormir mais, mas é ruim para mim porque na escola eu quero dormir.

E: Ah, por que você acorda de madrugada?

I: Eu não sei porque ainda mais esse tempo que está calor eu fico agoniada com o calor. Eu acordo e fico lá assistindo televisão.

E: Ah por causa do calor. Só por causa disso?

I: É.

E: você tem ou tinha medo de alguma coisa?

I: Eu tenho muito medo do escuro, eu tenho medo. Eu tinha muito medo de bêbado, eu tinha pavor quando eles chegavam perto de mim. Eu saía chorando.

E: Por que? Desde bebezinha?

I: Sim, aí agora que eu cresci aí não me importo mais não.

E: Mas você tinha muito contato com bêbado?

I: Não que eu tinha tido contato com bêbado. É porque meu pai ele bebia, aí eu tinha medo. Não sei porque, lá onde eu morava tinha muito, aí eles ficam gritando. Aí eu ficava com medo.

E: Aonde que você morava?

I: lá na Palmares.

E: Aqui em Santo André mesmo né?

I: Sim, aí agora só tenho medo de escuro mesmo.

E: Contato que você teve com profissional da Saúde é mais com alunos de medicina né?

I: Sim.

E: Dentista você costuma ir?

I: Não, não, nunca fui para o dentista, que eu me lembre não. Mas lá na escola no EMF, ia muito lá, explicar sobre escovar o dente e sobre essas coisas.

E: E é dentista?

I: sim.

E: Médico também?

I: Médico nunca vi não, mas na minha escola agora que eu tô indo, eles vão de um em um ano psicólogo. Porque lá na escola tem muita gente com depressão e ansiedade. Aí eles vão lá uma ou duas vezes por ano.

E: Eles vão lá e fazem o quê?

I: Conversa com a gente, vai lá na sala ou então se a pessoa quer desabafar chama no canto e fala, entendeu? Já foi oculista também lá ver nosso olho, nossa visão. Eles davam os óculos se tivesse algum problema aí duas meninas da minha sala tinha aí eles deram os óculos também. Antes das férias.

E: eles vêm todo ano também?

I: é, esse ano passado eles não veio. Só esse ano que eles começou a vim.

E: Você conhece muita gente, você falou, com depressão e ansiedade?

I: Sim, tem a menina da minha sala que ela tem depressão e tem uns povo aqui também da rua que tem, minha melhor amiga tem ansiedade.

E: eles fazem terapia, fazem alguma coisa pra...?

I: não. Quando ela quer falar comigo, ela manda mensagem, desabafa comigo, aí eu dou vários conselhos para ela, né? Para ela não fazer nada de errado, porque muitos jovens estão se matando por causa disso.

E: Você conhece gente?

I: Não, não conheço mas minha melhor amiga, amigos dela que era do ano passado, da infância lá, se mataram por causa de ansiedade.

E: Você sabe como eles tentam lidar com isso? Eles tem depressão e ansiedade, né? Aí o que que eles fazem?



I: quando ela morava aqui a gente era bem mais próxima. Agora ela tem amigas lá, ela pede ajuda, essas coisas para ela.

E: mais com os amigos?

I: Sim.

E: Os professores ajudam?

I: A minha professora de educação física, eu e ela somos muito amigas. Aí ela conversa muito comigo, porque eu também tenho ansiedade. Aí teve um dia que minha ansiedade atacou lá na escola e ela me deu vários conselhos: 'não faz nada de errado', 'Isa, você é uma boa aluna, você é linda e perfeita, não precisa você ficar pensando nisso'. Ela me dava vários conselhos.

E: Como é a sua ansiedade?

I: eu não sei explicar como que é.

E: É todo dia? É bem de vez em quando?

I: é bem de vez em quando.

E: aí você sente o quê?

I: É tipo uma dor dentro do meu peito que eu não consigo explicar.

E: uma coisa física mesmo assim né?

I: Sim.

E: e tem alguma causa? Não tem nada que você acha que tipo causa ansiedade?

I: Tem porque tem vez que eu fico pensando no meu pai. Porque o meu pai ele faz 13 anos que eu não vejo meu pai. Ele não liga para mim, aí eu fico pensando.

E: E ele tá aonde?

I: eu não sei aonde ele mora.

E: mas faz 13 anos, desde que você nasceu então.

I: Sim. Desde os meus 1 ano de idade.

E; mas você não lembra dele?

I: Não. Meu irmão mais velho de 17 anos, ele lembra porque ele conviveu com ele uns sete anos, seis anos, aí depois ele e minha mãe terminou aí ele foi para um lado, ela foi para o outro. Quando ele terminou eu tinha um ano de idade.

E: Aí você quer encontrar?

I: Não, não sinto vontade porque se ele não faz nenhum esforço para vim me ver, eu não ligo não.

E: E os seus outros amigos, você sabe porque eles têm depressão e ansiedade?

I: A maioria dos meus amigos, a avó e os parentes tudo morreu. Igual a mãe daquele que tava de azul aqui, a mãe dele morreu. Ele era novinho, uns 7 anos ele tinha também.

E: Nossa, morreu de quê?

I: Eu acho que ela usava muita droga, eu acho que era isso. Aí lá na escola também a maioria da mãe dos meus amigos da minhas amigas morreu ou então tá internado ou tá com alguma doença, sabe câncer essas coisas. Mas eu dou vários conselhos para eles não fazerem nada de errado.

E: Que bom que você ajuda eles. Além da escola, você tem amigos em outros lugares?

I: não. Não, além da escola não. Muitos amigos da minha escola moram aqui perto de mim, ou então ali em cima, ali para cima. Aí tem dia que a gente marca para gente ir para o parque. Tem a minha ex cunhada que mora lá em São Bernardo que às vezes ela vem me ver e a gente vai para o parque.

E: Você já tomou as vacinas?

I: eu tomei a primeira dose da covid. Eu fui tomar a segunda assim que eu tinha saído da escola semana passada, só que a doutora falou assim que eu só posso tomar com o meu responsável ou então com alguém maior do que eu, entendeu?

E: Você foi sozinha?

Fui eu e minha amiga porque ela foi pegar uma consulta do pai dela lá no posto, aí eu peguei e falei vou ir porque minha mãe falou que podia. Mas tava podendo tomar mesmo, só eu. Só era levar meu RG e minha carteira de vacina. Só que eu cheguei lá e ela falou que... Eu acho que também porque trocou de doutora, não era aquela.

E: E no posto você vai fazer mais outra coisa lá?

I: Não, eu só ia pegar os curativos da minha avó que ela tinha da perna e pegar as consultas dela também.

E: Para você fazer consulta você não vai muito não? Nunca foi?

I: Não.

E: O que ocê acha sobre as vacinas?

I: Tem pessoas que não acha muito importante porque elas acham que não faz efeito. Mas a da covid várias pessoas, eu também não acho muito importante da covid porque várias pessoas tomou e morreu da covid. Então aí eu não acho muito importante a vacina da covid.

E: E as outras vacinas?

I: a da gripe, eu não lembro se eu tomei da gripe. Mas a da gripe faz muito tempo que eu não fiquei gripada.

E: e tem um monte de vacina que toma quando a gente é bebê também e criança. O que você acha sobre elas?

I: Eu não sei, eu não sei falar sobre elas.

E: Você nem lembra né?

I: Não, nem lembro se eu tomei ou não tomei, nem do ano passado eu lembro, ano passado só tomei a da covid.

E: Por exemplo, quando você tiver filho, você vai achar importante dar as vacinas de crianças?

I: Sim, eu vou. Se tiver saído a vacina de um ano, vai tomar vacina, todas. Não vou atrasar porque tem vacina também que ajuda, não vou falar que nenhuma vacina ajuda porque ajuda. Aí meu filho fica doente, ficou doente porque não tomou vacina.

E: Na sua escola, você já teve aula de saúde sexual?

I: não, ainda não. Lá na escola é só do 9º pra cima que eu vou ter essas coisas.

E: E você já namora?

I: Sim.

E: Já namorou quantas vezes?

I: Só essa vez, desde o ano passado.

E: E você já sabe um pouco sobre preservativo essas coisas, anticoncepcional?

I: Sim.

E: De onde você aprendeu essas coisas?

I: eu aprendi porque a minha mãe me dá vários conselhos, não queira ter filho cedo, porque não é que filho estraga a vida, mas viva primeiro a sua adolescência, queira ter filho lá pelos 25 anos por aí, porque aí eu já vou ter vivido minha adolescência, essas coisas. Ela dá várias conselhos para mim sobre isso. Quando você for fazer alguma coisa você usa preservativo, alguma coisa assim.

E: então tudo foi sua mãe?

I: sim, minha mãe ela me dá vários conselhos, minha mãe e minha avó.

E: Os professores já falaram alguma coisa?

I: Já, minha professora de educação física me dá vários conselhos, porque ela fala que várias meninas da minha idade tá tudo grávida, vai parir.

E: tem gente na sua sala?

I: Não, mas tem uma menina aqui do Morro que eu conheço que ela tem um filho já. Ela teve filho com 13 anos e tá buchuda de outro, vai parir.

E: E na sua escola tem bastante também?

I: não, na minha escola só teve uma menina que era do primeiro ano, que é de manhã também o primeiro. Só tem um primeiro de manhã. Ela tava grávida e como ela teve o filho dela, ela saiu da escola.

E: muita gente da sua sala já namora?

I: Já, não que namora, mas a mãe deixa, aí se quiser namorar namora. Mas minhas amigas namoram, tem três amigas minha que namora.

E: O pessoal começa a namorar com quantos anos mais ou menos lá na sua escola?

I: com uns 13 anos.

E: Então no sétimo ano, né?

I: Era pra eu ta no oitavo, porque ano que vem eu vou fazer 14, eu entrei um ano atrasada. Porque deu problema e a [professora do Rondon] até ajudou minha mãe.

E: Então o pessoal começa a namorar no sexto, sétimo.

I: Sim, pior que é, tem menino do sexto ano que é deste tamanho e já tá namorando. Mas ele escondido da mãe, não é que a mãe deixa. Aí eu falo “meu Deus gente”. Ainda bem que minha mãe sabe pelo menos.

E: O seu namorado é da escola?

I: Sim.

E: Na sua escola tem Internet?

I: Tem, mas é muito ruim lá a internet, o wi-fi. Ele tem quatro redes de internet lá porque a gente usa muito computador pra a gente fazer prova, amanhã mesmo eu

vou fazer prova. Eles têm que colocar a internet, né? Porque assim a gente tem que entrar no site para poder fazer a prova Paulista.

E: E la tem bastante computador?

I: tem computador, tem tablet.

E: Eles deixam você usar qualquer hora ou só pra fazer prova?

I: só para fazer prova, porque eles têm medo, porque os alunos de lá ano passado da manhã, os alunos de lá roubava aí esses que roubava essas coisas foi tudo expulso da escola.

E: roubava o tablet?

I: Eles ameaçavam as pessoas no intervalo.

E: Então vocês usam a internet no computador e no tablet e no celular também dá?

I: sim, no celular dá só para o WhatsApp e no Instagram não dá porque só pode alguns, como o Google e o WhatsApp.

E: Em casa você tem você tem internet boa?

I: Sim.

E: E você tem celular?

I: Não, é da minha mãe porque o meu quebrou.

E: E e computador ou tablet?

I: Não.

E: A última pergunta, você já falou algumas coisas, eu ia perguntar se você conhece alguém ou se você mesmo tem, que seja adolescente abaixo de 18 anos, ou na escola ou aqui no bairro, aí você já falou, né? la perguntar da ansiedade e depressão, você falou que conhece bastante, né?

I: Sim.

E: Gravidez você também falou... mas até que não é tanto né? Você falou que conhece uma aqui?

I: Por fora daqui que eu conheço, só ela, daqui que mora aqui que eu conheço.

E: E da escola você falou só uma do 9º né?

I: sim, e as outras que tem 13 e 14 anos que tá grávida mora tudo lá para cima, mas eu não conheço. A maioria eu só conheço por aqui.

E: Você conhece gente que tipo faz alto lesão, se corta, alguma coisa?

I: Sim, conheço.

E: Daqui ou da escola?

I: Da escola e elas moram por aqui também. Tem uma que mora lá na rua da escola. Tem uma que mora lá em São Bernardo que é a minha cunhada que eu te falei, ela tem ansiedade também e depressão e ela se corta, mas eu dou vários conselhos para ela. Essa é minha melhor amiga só não se corta porque ela falou assim que não ia se cortar por causa que eu e ela fez uma promessa uma outra outra.

E: Então tem bastante gente que pelo menos pensa né?

I: Sim.

E: Aí se cortar é mais pra tipo alívio? Ou tá tentando se machucar mesmo?

I: Eu não sei se é mais para alívio, porque a minha ex-cunhada também, e aquela que mora ali perto da escola, é a minha ex-cunhada também. Ela era a ex-namorada do meu irmão do meio. Aí ela se cortava bastante porque ela tem depressão. Então ela quando a ansiedade e depressão dela ataca, ela fica sem reação e ela começa a se cortar. Eu não sei se é para aquela dor aliviar ou é para ela se machucar mesmo.

E: E gente que tipo pensa em se matar, tipo suicídio mesmo?

I: Aí não, aí eu não conheço. Mas lá na escola tem várias pessoas que eu já ouvi falar que elas querem se matar essas coisas.

E: e de tentar mesmo você não conhece ninguém?

I: eu conheci, porque aqui em cima tinha um barzinho, aí morava um homem e o filho dele. O filho dele morreu porque ele se matou enforcado, ali em cima, de depressão. Se matou.

E: Nossa, ele tinha quantos anos?

I: Ele tinha 20 e pouco anos. Aí depois ele tinha um barraco ali, aí ele pegou a corda e se foi enforcou e se matou. Depois de um dia a gente veio saber e tava fedendo já sabe. Aí depois de passar um mês, dois meses três meses o pai dele morreu.

E: Nossa e quando foi isso?

I: Foi esse ano ainda ou no ano passado.

E: Nossa, você sabe por quê?

I: Não, não sei porque eu não conheço. Eu só fiquei sabendo porque o barraco que ele se matou foi aqui em cima, aí ele se matou enforcado.

E: Você conhece alguém que tem transtorno alimentar? Que é tipo sabe anorexia que não quer comer nada ou tipo aqueles que fica vomitando pra não engordar, essas coisas?

I: não, não conheço mas eu não gosto de comer muito. Eu não me importo muito. Minha mãe briga comigo porque se me deixar eu fico o dia inteiro sem comer. Eu só como um pouco na janta e no almoço, mas agora eu estou me alimentando bastante.

E: Mas por que você não queria comer?

I: não porque, eu não sei também, porque às vezes a gente já não quer comer sabe, não sinto fome aí eu não como.

E: Você conhece gente que tipo não come porque acha que tá muito gorda? As vezes nem é gordo mas...



I: sim, a menina da minha sala, ela é corpuda, não é gorda, só que ela falou que vai ter que fazer uma dieta porque o médico falou que ela tá acima do peso. Ela tem 12 anos e tá 70 e poucos quilos. Aí eu peguei e falei assim, você não é gorda você só é corpuda. Mas ela falou 'a metade da minha barriga é tudo na minha coxa', e a coxa dela é grande. Aí eu falei assim, 'Ah, tá, por isso que não parece', não parece que ela é gorda. Ela é corpuda porque, ela fala 'metade da gordura da barriga vai tudo pra coxa'. Ela falou que tá fazendo dieta. Aí ela não come muito assim, ela come só um pouquinho. Os outros acham que eu não engordo porque eu não quero, mas esta semana essa semana e mês passado, eu tô comendo tanto e não engordo, é bom, é bom isso né?

E: você conhece gente que é tipo adolescente até 18 anos que é dependente de álcool, de cigarro ou de droga?

I: Sim, muitos. Sabe o menino de boné vermelho que estava aqui na porta, ele usa muito drogas, vai pra baile, usa droga, vai ficar loucão, ele bate na mulher. Aquela menina que eu te falei que ela tá grávida, é filho dele. Tem muitos por aqui, aqui no morro é o que tem mais, os moleques que usa droga, fuma maconha, fuma cigarro, bebe.

E: E é todo dia?

I: É mais de sexta para domingo, mas na semana ele sempre tem a droga deles, né? Que eles usam maconha, essas coisas. Bastante amigo do meu irmão também usa. Só que minha mãe dá bastante conselho para eles não entrar para essa vida porque é difícil, né?

E: E na escola?

I: Na escola tem muito, muito que vai para baile, só que eles podem até usar droga, mas escondido da mãe. Tem uns que usa escondido, tem uns que a mãe já viu. É decepcionante isso, né? Mas ela já deixou de mão porque fazer o quê? Porque é melhor ela saber do que eles fazerem escondido dela e os outros vem falar para ela todo dia.

E: E na escola o pessoal chega a usar, fumar?

I: Sim. Tem os meninos lá que usa, do nono, do oitavo.

E: Na escola mesmo?

I: não, dentro da escola não. Do lado de fora, antes da entrada, depois da saída, eles usam lá.

E: É, se for fora assim, já os professores não conseguem controlar né?

I: É, porque tá na rua. Vai falar, “não to dentro da sua casa, da escola para vocês mandarem em mim.”

E: E por que que você acha que o pessoal usa bastante?

I: Eu não sei porque, eu já perguntei para um amigo do meu irmão. Eu falei, “que graça vocês vêm em maconha, que graça vocês vêm em usar isso?” Aí fala: “Ah, é porque é uma brisa boa, eu gosto.” Aí eu falei “ah tá bom então.”

E: E eles compram?

I: Sim eles compram ou então um amigo deles compra e dá para eles, entendeu?

E: E que mais usa é nas festas mesmo, né?

I: Sim, que eles mais usam é na festa, é lança, é um monte de garrafinha de lança jogada por aí, porque o Leo faz baile de vez em quando e tem um monte de garrafinha jogada de lança, de cachaça, de tudo.

E: E pode ir quem é adolescente também?

I: quem quiser pode ir, até os idosos estão indo para baile.

E: Tem mais alguma coisa que você queria falar?

I: Não.

E: Acho que acabamos, muito bom!